



PORTEFÓLIO DE ESTÁGIO EM JARDIM DE INFÂNCIA

“O que fiz e aprendi?”

Cátia Almeida

(2015186)

Trabalho apresentado no âmbito da unidade curricular de Prática Profissional
Supervisionada – Módulo II

2º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar

Docente: Manuela Rosa

2016-2017

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	3
SECÇÃO 1 – CARATERIZAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO	4
1.1. Caraterização para a ação educativa	4
1.1.1. Em que meio está inserida a instituição?	4
1.1.2. Qual o contexto Socioeducativo?	5
1.1.3. Quem são os profissionais que me acompanharam?	6
1.1.4. Como são as crianças para quem trabalhei diariamente?	7
1.1.6. Como era o Ambiente Educativo?	10
SECÇÃO 2 – PLANIFICAÇÃO GERAL.....	14
2.1. Quais as intenções que priorizei para a minha prática?	14
2.2. Planificações Semanais	17
SECÇÃO 3 – ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO	45
3.1. Avaliação Pessoal.....	45
3.1.1. Diário de Bordo.....	45
3.1.2. Reflexões Semanais.....	117
SECÇÃO 4 – INVESTIGAÇÃO EM JI	147
4.1. Notas de campo relacionadas com a temática da investigação.....	147
SECÇÃO 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
ANEXOS	157

INTRODUÇÃO

À semelhança do Módulo I da Unidade Curricular de Prática Profissional Supervisionada, é necessário construir um portefólio organizado em diferentes secções, com o trabalho desenvolvido durante treze semanas de intervenção em contexto de Jardim de Infância (JI). Este portefólio tem como objetivos a organização de toda a informação recolhida durante a PPS, para que aquando da realização do relatório de estágio/tese, tenha todos os documentos organizados.

Quanto à organização do portefólio, numa primeira secção será feita uma caracterização do contexto socioeducativo em que decorreu a intervenção, mais concretamente uma caracterização do meio, da equipa educativa, das crianças bem como as respetivas famílias. Nesta secção será ainda realizada uma análise à organização da instituição, dos espaços bem como uma apresentação dos objetivos gerais e estratégias pedagógicas. É importante referir que é a partir desta caracterização que organizo toda a ação/intervenção tendo em conta as fragilidades e necessidades do meio e/ou grupo de crianças. Na segunda secção, irei realizar a avaliação individual da minha intervenção com o recurso ao diário de bordo e reflexões semanais produzidas durante o período de intervenção. Na terceira secção, irei fazer referência ao tema de investigação, tendo em conta que o projeto implementado por está diretamente relacionado com a investigação. Por fim, na última secção (quarta) reflectirei sobre a construção da minha profissionalidade enquanto educadora de infância, analisando as evidências e o impacto das intervenções, tanto em creche como em JI.

Em suma, para além de ser um portefólio para avaliação e ao mesmo tempo organizar informações para o produto final – relatório de estágio, é uma forma de ter um compacto de documentos que certamente irão ser úteis para a minha prática profissional.

SECÇÃO 1 – CARATERIZAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO

1.1. Caraterização para a ação educativa

Para o desenvolvimento da Prática Profissional Supervisionada é fundamental conhecer/caraterizar o contexto educativo, bem como o funcionamento. Tendo em conta que, um contexto educativo é formado por pessoas com visões, princípios, hábitos e valores diferentes, é fulcral caracterizar o meio pois, é a partir destes aspetos que surgem as experiências ao longo da vida. Tal como Coelho (2007) afirma, cada instituição tem um “lugar e tempo únicos” (p.5), pelo que só a partir do conhecimento destes aspetos podemos conhecer o contexto.

1.1.1. Em que meio está inserida a instituição?

A instituição “Os Xadrezinhos” onde realizei a Prática Profissional Supervisionada (PPS), na valência de Jardim de Infância, situa-se no distrito de Lisboa, mais especificamente na freguesia dos Olivais. Quanto à localização geográfica, a instituição localiza-se numa zona central de Lisboa, com uma vasta rede de transportes, o que possibilita uma maior facilidade de acessos. Esta área geográfica é caracterizada por abranger uma população residente classificada com níveis socioeconómicos associados a uma classe media e media/baixa.

Pelo facto da instituição estar inserida num meio urbano, mais concretamente numa área habitacional estando rodeada por prédios, poucos são os espaços de lazer e turismo existentes. Existe junto à instituição uma pequena praça com um coreto, onde circulam viaturas. Para além disso, existem diversos estabelecimentos de comércio, sendo que alguns podem ser considerados úteis para as crianças¹, na medida em que faz parte dos princípios da instituição “promover as relações com a comunidade de forma a contribuir e usufruir dos recursos existentes.” (Projeto Curricular da Instituição, 2016, p.61)

Todos os aspetos referidos anteriormente fazem da zona onde a organização educativa está localizada, uma zona com poucas potencialidades de exploração e aprendizagem. Ainda assim, os poucos espaços existentes podem e devem ser utilizados de forma a “alargar e enriquecer as situações de aprendizagem, onde a

¹ Exemplos: Cafés, Cabeleireiros, Supermercados, Lojas variadas;

criança explora uma variedade de experiências ricas e estimulantes, para o seu desenvolvimento.” (Projeto Curricular da Instituição, 2016, p.61)

1.1.2. Qual o contexto Socioeducativo?

A organização educativa em que estou a realizar a PPS faz parte de uma Fundação, isto é, de uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), integrando as respostas sociais de Creche (4 meses até 3 anos) e de Jardim de Infância (3 aos 5 anos).

A Fundação foi construída em 1834 pelo Rei da altura, com o objetivo de dar resposta à Infância. Mais tarde, em 1992, a Fundação foi reconhecida por despacho passando a fazer parte das Fundações de Solidariedade Social. Atualmente a Fundação conta com seis instituições de Infância, tendo como missão o “Apoio a crianças e jovens; Promoção da educação e da formação profissional; Apoio à integração social e comunitária; Apoio à integração social e comunitária.” (Projeto Educativo 2015/2018, p.9). Para além disso, a Fundação tem como visão “ser uma referência na ação social, pela qualidade, inovação, iniciativa e capacidade de intervenção.” (Projeto Educativo 2015/2018, p.10), transmitindo os valores com os quais a Fundação se identifica, destacando o Rigor e a Qualidade (cf. Projeto Educativo 2016/2018, p.10).

Esta IPSS procura dar resposta às famílias que se encontram nas zonas onde se localizam as instituições, por diversos motivos, tendo sempre em conta a estrutura familiar, bem como o rendimento.

A presente organização educativa, ao nível da infância, procura “formar cidadãos ativos e conscientes, dotados de competências pessoais e sociais diversas, mas diferentes, com características, capacidades, interesses, motivações e histórias de vida distintas. “ (Projeto Educativo 2016/2018, p.25). Desta forma, pretendem proporcionar às crianças uma formação integral e diferenciada em que o saber é articulado com o saber fazer, ser e viver.

É, ainda, importante salientar que a Fundação apresenta quatro linhas de ação com objetivos específicos e diferenciados: Famílias, Crianças, Comunidade e Intervenção em projetos, sendo a partir destas que preparam a sua ação pedagógica.

Para operacionalizar este projeto educativo, é crucial a constituição e capacitação de uma equipa que seja formada e que dê resposta aos valores e princípios da Fundação.

1.1.3. Quem são os profissionais que me acompanharam?

Nesta instituição, existe uma vasta equipa educativa – uma diretora, seis educadoras de infância, sete auxiliares da ação educativa, uma técnica de apoio social a tempo parcial, uma professora de expressão musical, um professor de iniciação à atividade física, uma professora de inglês e, quando necessário, uma educadora ocupacional.

Na sala dos Aviões, a equipa educativa responsável pelo grupo de crianças é constituída por dois adultos: a educadora de infância e uma auxiliar da ação educativa. Para além dos adultos presentes na sala diariamente, uma vez por semana está presente a professora de expressão musical, de iniciação à atividade física e de inglês, sendo as últimas três apenas para algumas crianças, uma vez que são consideradas atividades extracurriculares.

Quanto à formação e experiência da equipa educativa, a educadora tem uma vasta experiência em educação (11 anos), principalmente na instituição em questão, porque já fazia parte da equipa não docente (auxiliar) até concluir a sua formação. Para além disso, a educadora já esteve presente em Creche e em JI, tendo nos últimos 4 anos estado sempre na valência de JI. Quanto à auxiliar, esta apresenta uma experiência muito enriquecedora no trabalho com crianças, desempenhando a profissão na instituição há 17 anos.

As relações existentes dentro da sala de atividades entre a educadora e a auxiliar são *harmoniosas* e *calmas*, promovendo um ambiente educativo *tranquilo* e *rico* para as crianças, desenvolvendo “um trabalho em parceria e cooperação e entreajuda.” (Projeto Curricular de Grupo, 2016, p.23). A equipa prioriza, ainda que, “as crianças se sintam seguras e possam confiar na equipa, recorrendo ao adulto quando necessitam.” (Projeto Curricular de Grupo, 2016, p.23). Todas estas características foram visíveis através de uma observação participante, sendo que a educadora e a auxiliar partilham diariamente diversos assuntos relacionados com o grupo de crianças e a sala de atividades. É importante salientar que, estas relações são muitas vezes pouco desenvolvidas, devido ao facto da auxiliar estar muitas vezes

fora do contexto. Isto acontece porque, estando a referir-me a uma sala de JI em que o grupo é caracterizado por serem crianças finalistas, existem pequenas formalidades que ficam a cargo da auxiliar, como por exemplo o atendimento do telemóvel ou a gestão de encomendas dos pais. Para além disso, quando existe falta de pessoal, são as auxiliares de JI que compensam [as faltas], prejudicando de alguma forma o desenvolvimento do trabalho realizado pela educadora na sala de atividades.

O espírito de equipa é observável na partilha de atividades a realizar com as crianças. Durante o período da PPS, muitas foram as vezes que a educadora questionou a auxiliar sobre determinado assunto (relacionado com o planeamento), bem como, a própria auxiliar transmitir as suas ideias².

1.1.4. Como são as crianças para quem trabalhei diariamente?

O grupo de crianças da sala dos Aviões é heterogéneo e constituído por dezanove crianças, sendo sete do género feminino e doze do género masculino, com idades compreendidas entre os três e os cinco anos. As crianças que têm três anos é a primeira vez que frequentam a instituição, sendo que nem todas frequentaram creche anteriormente. O restante grupo já frequentava a instituição em anos anteriores, sendo que sete crianças transitaram de uma outra sala, sendo acompanhadas pela auxiliar e as restantes cinco crianças mantiveram a atual educadora³.

No que respeita aos momentos de grande grupo, pude observar que são um grupo que nem sempre sabe ouvir e respeitar o outro, mas que facilmente interagem umas com as outras. Existe com alguma frequência conflitos, principalmente quando as crianças estão distribuídas nas áreas da sala de atividades, tendo como um exemplo dos inúmeros acontecimentos, a seguinte:

“A Beatriz é uma criança muito ansiosa, tal como já referi em momentos anteriores, pelo que em determinados momentos é preciso intervir e mostrar à criança as regras. Quando esta criança vai para a área da garagem/construções é rara a vez que não ocorrem conflitos e

² Hoje, tive ainda a oportunidade de partilhar/discutir com a educadora e a auxiliar algumas ideias para fazer no São Martinho. Conseguimos em equipa, chegar a um consenso dentro das várias partilhas existentes. (Diário de bordo, 10 de novembro de 2016, sala de atividades)

³ Cf. Com Anexo A – Tabela de caracterização das crianças

“queixinhas”, no sentido da falta de partilha de brinquedos, entre ela e algumas crianças. Nestes momentos, a Joana fica muito ansiosa, nervosa e a chorar muito, sendo preciso intervir quando estes sentimentos são extremos, mas ao mesmo tempo incentiva-la a resolver os seus conflitos.” (Diário de bordo, 3 de novembro de 2016, sala de atividades).

De forma geral, as crianças mostravam entusiasmo em participar nas atividades desenvolvidas pelos adultos, apesar de não ser um grupo desperto para a curiosidade e vontade em conhecer algo novo. Para tal, é necessário que o adulto insista num determinado tempo e, inverta o papel, sendo ele a colocar as questões. (cf. Diário de bordo, 12 de outubro de 2016, sala de atividades).

A heterogeneidade do grupo, quanto à faixa etária das crianças, “beneficia o grupo, proporcionando-lhes aprendizagens e estímulos a diferentes níveis, transmitindo desde cedo alguns valores a nível social: o respeito pelo outro, saber ouvir e adequar o discurso ao contexto.” (Projeto Curricular de Grupo, 2016, p.8). Para além do descrito anteriormente, considero que estas diferenças de idades beneficia as aprendizagens das crianças mais novas, quando se adopta uma perspectiva socio-construtivista, isto porque, tal como defende Vigotsky, a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças deve-se ao meio social e às interações entre crianças. Nesta linha de pensamento, é importante dar ênfase à construção do conhecimento a partir das interações e da ajuda do outro, ou seja, criando andaimes/ “Scaffolding”, em que outras crianças ou alguém mais qualificado ajuda a criança, tal como é visível, frequentemente, na sala de atividades. Exemplo disso é o seguinte registo:” *Na aula de ginástica, o professor disse às raparigas para correr à volta do recinto e a Anita começou a andar. Disse à Diana para dar a mão à Anita e correr com ela para que esta percebesse o pretendido. Mais tarde, num outro exercício, sem ninguém proferir alguma palavra, as duas crianças juntaram-se de novo e fizeram a aula em conjunto.*” (Diário de bordo, 20 de outubro de 2016, recreio).

É, ainda, importante salientar que o grupo, em geral, em autónomo nos momentos da refeição e da higiene, ainda que algumas crianças com três necessitem do apoio do adulto em momentos específicos.

1.1.5. Como eram as famílias das crianças?

Tendo em conta que, as famílias são consideradas a base de muitas das vivências das crianças, torna-se fundamental conhecer e caracterizar a estrutura familiar, não só para estruturar a ação, como também para valorizar o trabalho que é desenvolvido na sala de atividades.

Desta forma e, porque não é necessário uma análise exaustiva dos dados, estes serão apresentados numa tabela. A partir da sua análise, as famílias são, maioritariamente famílias nucleares (79%) sendo as restantes monoparentais (21%).

Relativamente às profissões dos pais e das mães, não foi possível obter estes dados, tendo apenas acesso às habilitações literárias. Quanto a estas, e tendo em conta a análise dos dados da tabela (organizada por géneros), posso concluir que maior parte dos pais possui um curso superior (43% - pais e 61% - mães). As restantes percentagens são divididas entre o ensino secundário, técnico profissional, 3º ciclo e 2º ciclo, sendo as últimas duas uma quantidade mínima (21% - pais e 16% - mães).

No que respeita à participação das famílias no contexto, a instituição tem como intenção promover o envolvimento das famílias pois “pretende-se que, ao incluir as famílias, estas sejam consideradas como “fonte de conhecimento e de formação para o jardim de infância”(Niza, 2013, p.159)” (Projeto Curricular de Grupo, 2016, p. 38). Para além disso, tal como está expresso no Projeto Curricular de Casa de Infância (2016), é importante colaborar estritamente com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo educativo de cada criança, bem como o seu envolvimento e participação no projeto educativo, estando a instituição receptiva a novas sugestões. (p.58)

As famílias são participativas, na medida em que respondem aos desafios colocados pela educadora. Para além disso e, apesar de ser um número reduzido, existem famílias que gostam de partilhar com o restante grupo experiências vivenciadas fora do contexto escolar, sendo esta partilha feita através das crianças ou da ida dos próprios pais à sala⁴

⁴ “Como combinado no dia anterior, a mãe da Diana foi à sala fazer uma experiência com o grupo de crianças. Foi muito importante ter um familiar dentro da sala a dinamizar uma atividade, pois para além de ser interessante para o grupo também é para os familiares. As crianças, de uma forma geral, divertiram-se muito. Estive sempre presente na atividade e ajudei as crianças que estavam a ter mais dificuldade, o que

1.1.6. Como era o Ambiente Educativo?

Na organização do ambiente educativo é fundamental para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, ter noção dos tempos e espaços próprios que vão promover as relações entre intervenientes. Desta forma e segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016), “a organização dinâmica destes contextos educativos pode ser vista segundo uma perspectiva sistémica e ecológica.”, na medida em que o desenvolvimento da criança é algo em constante mudança através das relações exercidas com o meio. Para além disto, o contexto influencia a criança tal como a própria criança influencia o meio, surgindo, assim, uma relação direta entre a criança e o factor meio.(p.21)

Ainda na perspectiva referida anteriormente, para caracterizar o ambiente educativo, é fulcral centrarmo-nos nos diferentes intervenientes: a família, os profissionais e as relações provenientes destes indivíduos. Estes aspetos irão ajudar a caracterizar o ambiente educativo como também irão ser uma agente facilitador/importante de desenvolvimento e aprendizagem das crianças

Para caracterizar o ambiente educativo, muitas são as informações que devemos recolher. Estas informações não se restringem, só, ao grupo de crianças, rotina diária e sala de atividades, como também a organização do estabelecimento educativo e as relações entre os diferentes intervenientes. No que toca à organização do estabelecimento educativo, muitas são as informações que podem ser importantes para compreender a organização do ambiente educativo da sala bem como, as relações entre diferentes intervenientes, não referindo apenas as famílias como também as relações entre profissionais. (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016, p.22)

No que respeita à organização do **estabelecimento educativo** e, para que não seja uma descrição exaustiva, pretendo apenas salientar os aspetos que considero importantes para a minha ação. Sendo o estabelecimento educativo/instituição responsável pela gestão de recursos humanos e materiais e pelos procedimentos de interação, “tem uma influência determinante no trabalho que o/a educador/a realiza com o seu grupo de crianças e pais/famílias, bem como na dinâmica da equipa

na minha opinião foi importante, principalmente para as crianças mais pequenas. (Diário de bordo, 10 de novembro de 2016, sala de atividades)

educativa.” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016, p.23). Nesta perspectiva do estabelecimento influenciar a ação do educador, quero referir que maior parte do trabalho desenvolvido na sala de atividades é proposto pela instituição, o que por vezes implica o trabalho que o educador quer realizar com o grupo de crianças. Para além disso, o planeamento é feito em conjunto, sendo que as profissionais usufruem de horas não letivas para planeamento em equipa. Nesta linha de pensamento e tal como é referido nas Orientação Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016), “o projeto educativo de estabelecimento educativo/Agrupamento de escolas, enquadram o trabalho educativo dos profissionais” (p.23). No contexto em concreto, é definido anualmente um tema geral a trabalhar com as crianças, tendo sido designado este ano, “A Sustentabilidade”.

Outro aspeto da gestão do estabelecimento que influencia diretamente as salas de jardim de infância é a “distribuição de grupos e horários dos diferentes profissionais, critérios de composição dos grupos e organização global do tempo”. (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016, p.23). Neste sentido, os grupos de crianças são formados tendo em conta as características das mesmas e os horários das profissionais são muitas vezes modificados para adequação dos profissionais às salas, dando sempre prioridade à valência de creche, ficando por vezes, o JI prejudicado.

Quanto à organização do **ambiente educativo de sala**, “a educação pré-escolar é um contexto de socialização em que a aprendizagem se contextualiza nas vivências relacionadas com o alargamento do meio familiar de cada criança e nas experiências relacionais proporcionadas.”(Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016, p.24). Desta forma, e numa perspectiva de desenvolvimento curricular, o educador deve ter em conta as formas de interação do grupo, os materiais disponíveis e a sua disposição bem como a organização do tempo, de forma a que as crianças possam fazer e aprender mas sendo elas próprias a escolherem o que mais interesse lhes suscita, nunca esquecendo o modo como essas escolhas podem contribuir para a educação, desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Relativamente à **organização do grupo**, é importante ter como base o processo de interação social, sendo esta dimensão relacional a base do processo educativo. Nesta linha de pensamento e considerando o grupo de crianças, este é heterogéneo, o que facilita as interações e o processo social referido anteriormente. Para além disso, “ a existência de grupos com crianças de diferentes idades acentua a

diversidade e enriquece as interações no grupo, proporcionando múltiplas ocasiões de aprendizagem entre crianças.” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016, p.24). As atividades são pensadas e dinamizadas, tanto em grande como em pequeno grupo, tendo sempre em conta a intencionalidade da educadora. Para além disto, a educadora procura responder, sempre que possível, às necessidades individuais das crianças, nunca esquecendo que apesar de maior parte das crianças terem cinco anos, também sente a necessidade da afetividade e do carinho. Assim, a relação entre a educadora e as crianças é intencionalmente pensada, sendo que a adulta está sempre atenta e pronta para escutar as ideias, interesses e opiniões das crianças.

No que toca à **organização do espaço**, o educador deve ter em conta a sua disposição e utilização enquanto meio para o desenvolvimento e aprendizagem. A sala de atividades deve estar organizada tendo em conta as intencionalidades do educador bem como a dinâmica de grupo implementada (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016, p.26), nunca esquecendo que ao longo do tempo deve existir uma reflexão permanente sobre a funcionalidade dos espaços, podendo estes serem modificados. Em conversas informais com a educadora, muitas foram as dúvidas e receios da mesma na organização do espaço da sala, isto porque, a sala é muito pequena para o grupo em questão, o que leva a que por mais mudanças que se tentem fazer, nada fica como a educadora pensara. Ainda assim, tentámos ao longo do período da PPS modificar o espaço, ouvindo sempre a opinião das crianças, de forma a que estas “compreendam como está organizado, ..., participando nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar.”⁵ Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016, p.26).

A sala está organizada por áreas, procurando que “a localização das áreas esteja de acordo com o tipo de brincadeira, por exemplo a área da escrita, junto à área da expressão plástica, visto serem áreas em que, por norma, o ambiente é calmo.”

⁵ Enquanto as crianças estavam nas suas brincadeiras nas diferentes áreas, eu a educadora procurámos mudar a disposição de uma parte da sala. A verdade é que a sala é muito pequena para o número de crianças e as idades em questão. Como tal, coloquei várias hipóteses à educadora e em conjunto encontrámos uma solução. No decorrer desta mudança, as crianças que estavam na mesa das expressões começaram a comentar que a sala estava a ser mudada e ouvi o comentário da Beatriz que disse que não gostava das mudanças. Como tal, questioneei a Beatriz, o que ela alteraria para ficar ao seu gosto. (Diário de bordo, 17 de outubro de 2016, sala de atividades)

(Projeto Curricular de Grupo, 2016, p. 18). As crianças podem escolher aquelas que mais interesse suscita, sendo que uma das regras da sala, é que todas as crianças devem ir a todas as áreas durante a semana. Para isso, existe um mapa de atividades na sala, em que cada dia as crianças preenchem com a cor respetiva, sabendo que só podem repetir as áreas com a autorização do adulto e devem passar por todas as áreas. O trabalho realizado em pequeno grupo é, normalmente, concretizado nas mesas de trabalho, o que facilita na gestão das crianças pelas restantes áreas.

Um aspeto importante na organização do espaço é a utilização das paredes. É da organização do estabelecimento de ensino que nada deve ser colocado na parede na zona da tinta, mas sim nos azulejos. Para além disso, a sala dispõe de quatro quadros em plástico para expor trabalhos. Existem sempre trabalhos expostos tendo em conta as temáticas abordadas bem como os projetos realizados com as crianças. É, também notório a dificuldade da educadora em conseguir expor tudo o que é feito na sala, devido a estar ser limitada no seu espaço.

No que diz respeito à **organização do tempo**, este “tem uma distribuição flexível, embora corresponda a momentos que se repetem com certa periodicidade.” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016, p.27). Desta forma, a rotina da sala de atividades segue um dia típico, sendo que “é necessário haver flexibilidade para que se respeite o ritmo das crianças (e.g. alimentação, higiene).” (Projeto Curricular de Grupo, 2016, p. 22). Esta rotina, sempre que necessário, é ajustada, tendo em conta as propostas da educadora ou das crianças. O tempo semanal é organizado tendo em conta os projetos que estão a decorrer bem como das necessidades do grupo.

Por fim, a **articulação entre a equipa educativa** é feita tendo em conta os horários definidos pelo órgão de gestão da instituição, sendo que existe sempre um adulto de referência (educadora ou auxiliar) com o grupo durante os diferentes momentos do dia. O trabalho entre as duas profissionais “desenvolve-se em parceria e cooperação e entreajuda.” (Projeto Curricular de Grupo, 2016, p. 23), pretendendo que as crianças se sintam seguras e procurem o adulto sempre que necessário.

SECÇÃO 2 – PLANIFICAÇÃO GERAL

2.1. Quais as intenções que priorizei para a minha prática?

Depois duma primeira experiência em contexto de creche, em que era fundamental que todas as minhas atitudes fossem pensadas e executadas tendo em conta as crianças, no contexto de JI não poderia ser diferente, com a diferença de que tudo o que é dito e feito é observado e analisado pelas crianças de uma forma mais acentuada, que em contexto de berçário.

Desta forma, e enquanto educadora-estagiária, tenho como intenção transversal do longo do meu período da PPS, conseguir proporcionar momentos significativos para as crianças, nunca esquecendo o papel de cuidadora responsável, respondendo às necessidades e interesses das crianças, procurando promover “a qualidade do clima relacional em que cuidar e educar estão intimamente interligados.” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016, p.8).

Desta forma, tive como intenção primária, **estabelecer relações baseadas na afetividade e segurança**, para que as crianças pudessem sentir-se seguras e confiantes perante a minha presença, reconhecendo-me como figura de referência, de forma a construir momentos e aprendizagens importantes para as crianças. Após uma relação estável, segura e afetiva, com maior parte do grupo, pretendi que, de forma gradual, todos os momentos proporcionassem o **desenvolvimento da construção da identidade e da autoestima bem como da independência e autonomia**. Este aspeto prende-se com o facto de a criança precisar de se preparar para o mundo que a rodeia, no que respeita às interações e relações com o meio, bem como aprender a regular-se em algumas situações de conflito. Para além disso, o reconhecimento e a aceitação das características individuais de si próprio mas também, do outro. Quanto ao desenvolvimento da autonomia, esta intenção está relacionada com o facto de tornar as crianças autónomas, não só no seu bem-estar individual (refeição e higiene), como também nas tarefas a concretizar dentro da sala de atividades (fazer escolhas e tomar decisões). Quero ainda salientar que foi a partir deste tópico que surgiu o projeto de intervenção, sendo esta a grande necessidade que senti que o grupo precisava de intervenção. Nesta linha de pensamento, surge o desenvolvimento de projetos e atividades tendo em conta o interesse e a curiosidade das crianças encarando a criança **“como sujeito e agente do processo educativo”**, partindo das

experiências e vivências, valorizando os seus saberes e competências, de modo a que todas as potencialidades possam vir a ser desenvolvidas. (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016, p.9). Para além disso e, atendendo às características específicas do grupo de crianças, tenho como intenção cumprir uma prática pedagógica diferenciada respondendo às características individuais de cada criança atendendo às suas diferenças de forma a apoiar todo o seu desenvolvimento e aprendizagem. (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016, p.10).

Por último, mas não menos importante, tinha como intenção que todas as aprendizagens fossem realizadas, nunca descurando que “brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia.” (Lopes, 2006, p.110 citado em Salomão & Martini& Jordão, 2007, p. 3), pelo que é necessário atribuir um papel importante ao **brincar**.

Pensando nas **Famílias**, e sabendo que este é o meio onde a criança estabelece as suas primeiras relações e sendo este um dos factores que influencia a criança, é importante manter uma relação tendo em conta que as famílias “são coeducadores das mesmas crianças.” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016, p.28). Desta forma, “a escola deve apoiar-se nas experiências vividas pela criança no seio da família e crescer gradualmente para fora da vida familiar;” (Dewey, 1897 citado por Hohmann e Weikart, 2009, p. 99). Assim, pretendo dar a conhecer às famílias o trabalho que irei desenvolver com os seus educandos, colocando exposto todo o que for trabalhado dentro da sala de atividades, uma vez que as famílias têm acesso fácil às salas. Para além disso, pretendo o apoio das famílias em determinadas atividades e propor desafios semanais que serão colocados no corredor junto à sala. Pretendo, sempre que possível, incluir as famílias, sendo estas consideradas como “fonte de conhecimento e de formação para o jardim de infância.” (Zina, 2013, p.159 citado em Projeto Curricular de Grupo, 2016, p.38). Importa ainda salientar que pretendo construir relações com todas as famílias, fazendo alguns acolhimentos, partilhando com as mesmas algumas dificuldades ou novidades.

Por fim, centrando na **Equipa Educativa**, tenho consciência da importância de realizar um trabalho colaborativo e cooperativo, partilhando todas as funções e dando continuidade ao trabalho realizado pela equipa. Pretendo também, partilhar com a equipa os objetivos da minha prática para que possam dar o seu parecer e, simultaneamente, ter um papel ativo. Quero, ainda, partilhar as minhas dificuldades e, ainda, as observações realizadas sobre o ambiente educativo. Apesar de, alguma falta

de articulação com a equipa educativa sobre o planeamento, tentei sempre que possível reunir com a mesma, para conversar e partilhar sobre o trabalho desenvolvido, criando estratégias para uma melhor articulação. Importa referir que estas reuniões são fulcrais “para desenvolver uma ação articulada, que se integra na dinâmica global do grupo e no trabalho que se está a realizar.” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016, p.29), procurando assim, partilhar tudo com a educadora.

Quando pensamos em intenções para a ação é certo que estas vão ao encontro do grupo de crianças sendo que podem ser sempre alteradas, mesmo tendo em conta o desenvolvimento das crianças. Desta forma, ao longo do período da PPS, considero que existem intenções que se podem evidenciar mais que outras, procurando dar prioridade aquelas que considero mais importantes.

2.2. Planificações Semanais

PLANIFICAÇÃO SEMANAL || Semana de 24/10/2016 a 28/11/2016

Intenções gerais para a semana (ótica da educadora):

- Conhecer as festividades da nossa cultura;
- Promover a partilha de ideias e conhecimentos;
- Desenvolver trabalho em pequeno grupo;
- Promover dinâmicas de grande grupo com objetivo comportamentais;
- A criança expressar-se livremente através das suas brincadeiras;

<u>Atividade/Estratégia</u>	<u>Objetivos (ótica da criança)</u>	<u>Conteúdo</u>	<u>Dia da semana</u>
<u>Jogo “Teia dos Afetos”</u>	<ul style="list-style-type: none">- Estar sentado correctamente e escutar a opinião do outro;- Conhecer os colegas e dar-se a conhecer;- Expressar verbalmente características do outro;	<ul style="list-style-type: none">- Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem;- Formação Pessoal e Social: construção da identidade e partilhar com o outro a opinião;	<u>2ªFeira/ 5ª Feira</u>
<u>Contar a história “Desculpa.. Por acaso és uma bruxa?” + Conversa</u>	<ul style="list-style-type: none">- Dar a conhecer a festividade bem como as suas características;- Escutar com atenção a história, fazendo mais tarde o reconto;	<ul style="list-style-type: none">- Formação Pessoal e Social: Conhecer as tradições culturais;- Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem;	<u>2ª Feira</u>

<p><u>Jogo “Lá vai uma, lá vão duas”</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Cooperar com os colegas; - Cantar uma canção; - Estar concentrado na tarefa; - Estar sentado correctamente e cumprir as regras da sala; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Cooperar com o colega na partilha das canetas; Cumprir as regras colocadas; - Expressão Musical: Aprender uma nova canção seguindo a metodologia adequada; - Coordenação Motora; 	<p><u>3ª Feira</u></p>
<p><u>Construção de Morcegos</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e ter contacto com diferentes materiais; - Recortar diferentes texturas; - Colar os materiais reconhecendo a figura; - Desenvolver a criatividade; 	<ul style="list-style-type: none"> - Educação Artística: recorte, colagem e criatividade; - Formação Pessoal e Social: Conhecer as tradições culturais; 	<p><u>3ª Feira/ 4ªFeira</u></p>
<p><u>Jogo “Bombordo/Estibordo”</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar concentrado no jogo de forma a compreender as indicações do adulto; - Cumprimento das regras; - Desenvolver a noção de tempo e espaço, através da lateralidade; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Cumprimento das regras; - Desenvolvimento da Linguagem: consciência dos conceitos “direita e esquerda”; - Conhecimento do Mundo/Social: Noção de tempo e espaço. 	<p><u>4ª Feira/6ª Feira</u></p>
<p><u>Construção de Fantasmas</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e ter contacto com diferentes materiais; - Recortar diferentes texturas; - Colar os materiais reconhecendo a figura; - Desenvolver a criatividade; 	<ul style="list-style-type: none"> - Educação Artística: recorte, colagem e criatividade; - Formação Pessoal e Social: Conhecer as tradições culturais; 	<p><u>5ª Feira/ 6ªFeira</u></p>

PLANIFICAÇÃO SEMANAL || Semana de 31/10/2016 a 04/11/2016

Intenções gerais para a semana (ótica da educadora):

- Conhecer as festividades da nossa cultura;
- Desenvolver trabalho em pequeno grupo;
- Promover dinâmicas de grande grupo com objetivo comportamentais;
- A criança expressar-se livremente através das suas brincadeiras;

<u>Atividade/Estratégia</u>	<u>Objetivos (ótica da criança)</u>	<u>Conteúdo</u>	<u>Dia da semana</u>
<u>Comemoração do Halloween</u>	- Conhecer e festejar o Halloween, tendo em conta os conhecimentos adquiridos durante a semana anterior;	- Formação Pessoal e Social: conhecimento da cultura;	<u>2ªFeira</u>
<u>Contar a história “O Cuquedo”</u>	- Capacidade de concentração e memorização; - Escutar com atenção a história, fazendo mais tarde o reconto; - Expressar corporalmente ações;/vocalmente através de uma pequena dramatização;	- Formação Pessoal e Social: Comunicar abertamente sobre determinada questão perante um público-alvo; - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Teatro: Expressar corporalmente ações; Interpretar personagens;	<u>3ª Feira e 4ª Feira</u>
<u>Jogo “Lá vai uma, lá vão duas”</u>	- Cooperar com os colegas; - Cantar uma canção; - Estar concentrado na tarefa;	- Formação Pessoal e Social: Cooperar com o colega na partilha das canetas; Cumprir as regras colocadas; - Música: Aprender uma nova canção seguindo a	<u>3ª Feira</u>

	<ul style="list-style-type: none"> - Estar sentado correctamente e cumprir as regras da sala; 	<p>metodologia adequada;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Coordenação Motora; 	
<u>Construção de Fatos para peça de teatro</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e ter contacto com diferentes materiais; - Recortar diferentes texturas; - Colar os materiais reconhecendo as figuras da história; - Desenvolver a criatividade; 	<ul style="list-style-type: none"> - Educação Artística: recorte, colagem e criatividade; 	<u>4ª Feira/ 5ªFeira/ 6ª Feira</u>
<u>Jogo “Bombordo/Estibordo”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar concentrado no jogo de forma a compreender as indicações do adulto; - Cumprimento das regras; - Desenvolver a noção de tempo e espaço, através da lateralidade; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Cumprimento das regras; - Desenvolvimento da Linguagem: consciência dos conceitos “direita e esquerda”; - Conhecimento do Mundo/Social: Noção de tempo e espaço. 	<u>4ª Feira</u>
<u>Jogo “Teia dos Afetos”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar sentado correctamente e escutar a opinião do outro; - Conhecer os colegas e dar-se a conhecer; - Expressar verbalmente características do outro; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Formação Pessoal e Social: construção da identidade e partilhar com o outro a opinião; 	<u>6ª Feira</u>

PLANIFICAÇÃO SEMANAL || Semana de 07/11/2016 a 11/11/2016

Intenções gerais para a semana (ótica da educadora):

- Conhecer as festividades da nossa cultura;
- Desenvolver trabalho em pequeno grupo;
- Promover dinâmicas de grande grupo com objetivo comportamentais;
- Promover pequenos momentos de dramatização;
- A criança expressar-se livremente através das suas brincadeiras;

<u>Atividade/Estratégia</u>	<u>Objetivos (ótica da criança)</u>	<u>Conteúdo</u>	<u>Dia da semana</u>
<u>Jogo “Bombordo/Estibordo”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar concentrado no jogo de forma a compreender as indicações do adulto; - Cumprimento das regras; - Desenvolver a noção de tempo e espaço, através da lateralidade; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Cumprimento das regras; - Desenvolvimento da Linguagem: consciência dos conceitos “direita e esquerda”; - Conhecimento do Mundo/Social: Noção de tempo e espaço. 	<u>2ª Feira</u>
<u>Construção de Fatos para peça de teatro</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e ter contacto com diferentes materiais; - Recortar diferentes texturas; - Colar os materiais reconhecendo as figuras da história; - Desenvolver a criatividade; 	<ul style="list-style-type: none"> - Educação Artística: recorte, colagem e criatividade; 	<u>2ª Feira/ 3ªFeira/ 4ª Feira</u>
<u>Jogo “Lá vai uma, lá vão duas”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Cooperar com os colegas; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Cooperar com o colega 	<u>3ª Feira</u>

	<ul style="list-style-type: none"> - Cantar uma canção; - Estar concentrado na tarefa; - Estar sentado correctamente e cumprir as regras da sala; 	<p>na partilha das canetas; Cumprir as regras colocadas;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Música: Aprender uma nova canção seguindo a metodologia adequada; - Coordenação Motora; 	
<u>Jogo “Acorda Dorminhoco”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar concentrado no jogo de forma a compreender as indicações do adulto; - Relaxar e acalmar a agitação; - Cumprimento das regras; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Cumprimento das regras; - Acalmar o corpo e o cérebro para aprendizagens significativas. 	<u>4ª Feira/ 6ªFeira</u>
<u>Contar “Lenda de São Martinho”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a festividade bem como as suas características; -Conhecer a história antiga desta festividade; - Escutar com atenção desenvolvendo a concentração e compreensão; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Conhecer as tradições culturais; - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; 	<u>5ª Feira/6ªFeira</u>
<u>Comemoração “Dia de São Martinho”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e festejar o São Martinho, tendo em conta os conhecimentos adquiridos durante a semana anterior; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: conhecimento da cultura; 	<u>6ª Feira</u>

PLANIFICAÇÃO SEMANAL || Semana de 14/11/2016 a 18/11/2016

Intenções gerais para a semana (ótica da educadora):

- Desenvolver trabalho em pequeno grupo;
- Promover dinâmicas de grande grupo com objetivo comportamentais;
- Promover pequenos momentos de dramatização;
- Desenvolver um pensamento reflexivo sobre os comportamentos do grupo;
- A criança expressar-se livremente através das suas brincadeiras;

<u>Atividade/Estratégia</u>	<u>Objetivos (ótica da criança)</u>	<u>Conteúdo</u>	<u>Dia da semana</u>
<u>Jogo “Teia dos Afetos”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar sentado correctamente e escutar a opinião do outro; - Conhecer os colegas e dar-se a conhecer; - Expressar verbalmente características do outro; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Formação Pessoal e Social: construção da identidade e partilhar com o outro a opinião; 	<u>2ª Feira</u>
<u>Construção de Fatos para peça de teatro</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e ter contacto com diferentes materiais; - Recortar diferentes texturas; - Colar os materiais reconhecendo as figuras da história; - Desenvolver a criatividade; 	<ul style="list-style-type: none"> - Educação Artística: recorte, colagem e criatividade; 	<u>2ª Feira</u>
<u>Contar a história “O Pequeno crocodilo e o amor de uma vida”+ Teia</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Escutar com atenção a história; - Desenvolver um pensamento reflexivo sobre a história; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Formação Pessoal e Social: construção da 	<u>3ª Feira/4ªFeira</u>

	- Promover a lógica através da ligação da história com momentos vivenciados na sala;	identidade e partilhar com o outro a opinião;	
<u>Jogo da Mímica</u>	- Observação e interpretação de imagens; - Expressar-se corporalmente e/ou vocalmente; - Desenvolver a cooperação e ajuda (perante as crianças mais novas);	- Formação Pessoal e Social: Comunicar abertamente sobre determinada questão perante um público-alvo; - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Teatro: Expressar corporalmente e/ou vocalmente ações;	<u>4ª Feira/ 5ª Feira</u>
<u>Momento de Relaxamento</u>	- Estar concentrado no jogo de forma a compreender as indicações do adulto; - Relaxar e acalmar a agitação; - Cumprimento das regras; - Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros; - Conhecer e aceitar as características pessoais; - Reconhecer laços de pertença social;	- Formação Pessoal e Social: Cumprimento das regras; - Acalmar o corpo e o cérebro para aprendizagens significativas;	<u>4ª Feira</u>
<u>Ensaio da história “O Cuquedo”</u>	- Recontar a história através da dramatização; - Expressar corporalmente ações;/vocalmente através de uma pequena dramatização;	- Formação Pessoal e Social: Comunicar abertamente sobre determinada questão perante um público-alvo; - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Teatro: Expressar corporalmente e/ou vocalmente ações; Interpretar personagens;	<u>4ª Feira</u>

PLANIFICAÇÃO SEMANAL || Semana de 21/11/2016 a 25/11/2016

Intenções gerais para a semana (ótica da educadora):

- Desenvolver trabalho em grande grupo;
- Promover dinâmicas de grande grupo com objetivo comportamentais;
- Promover momentos de comunicação entre o grupo;
- Desenvolver um pensamento reflexivo sobre os comportamentos do grupo;
- A criança expressar-se livremente através das suas brincadeiras;

<u>Atividade/Estratégia</u>	<u>Objetivos (ótica da criança)</u>	<u>Conteúdo</u>	<u>Dia da semana</u>
<u>Reconto da história “O Pequeno crocodilo e o amor de uma vida + Pedido de Casamento</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Recontar a história com o auxílio das imagens; - Conversar sobre o que um convite/pedido de casamento deve conter. - Promover a lógica através da ligação da história com momentos vivenciados na sala; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Formação Pessoal e Social: construção da identidade e partilhar com o outro a opinião; 	<u>3ª Feira/4ªFeira</u>
<u>Construção do livro⁶</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Recontar a história através das imagens; - Ilustrar a história tendo em conta o que foi dito pela criança; - Interpretar e comunicar o que observa nas imagens; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Educação Artística: Ilustração através da observação de imagens; 	<u>5ªFeira</u>

⁶ Atividade sugerida pelas crianças;

<p><u>Jogo da Mímica (momentos de transição)</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Observação e interpretação de imagens; - Expressar-se corporalmente e/ou vocalmente; - Desenvolver a cooperação e entreajuda (perante as crianças mais novas); 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Comunicar abertamente sobre determinada questão perante um público-alvo; - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Teatro: Expressar corporalmente e/ou vocalmente ações; 	<p><u>Durante a semana</u></p>
<p><u>Jogo – “Vamos confiar?”</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar concentrado no jogo ; - Confiar e sentir segurança no grupo de crianças; - Relaxar e acalmar a agitação; - Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros; - Conhecer e aceitar as características pessoais; - Reconhecer laços de pertença social; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Cumprimento das regras; - Acalmar o corpo e o cérebro para aprendizagens significativas; 	<p><u>4ª Feira</u></p>

Nota: Ao longo da semana foram presentes momentos para a construção das prendas/decoração de Natal;

PLANIFICAÇÃO SEMANAL || Semana de 28/11/2016 a 02/12/2016

Intenções gerais para a semana (ótica da educadora):

- Desenvolver trabalho em grande grupo;
- Promover dinâmicas de grande grupo com objetivo comportamentais;
- Promover momentos de comunicação entre o grupo;
- Desenvolver um pensamento reflexivo sobre os comportamentos do grupo;
- A criança expressar-se livremente através das suas brincadeiras;

<u>Atividade/Estratégia</u>	<u>Objetivos (ótica da criança)</u>	<u>Conteúdo</u>	<u>Dia da semana</u>
<u>Contar a história “A Formiga Horripilante” + teia</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Escutar com atenção a história; - Desenvolver um pensamento reflexivo sobre a história; - Promover a lógica através da ligação da história com momentos vivenciados na sala; - Partilhar as suas ideias e visões; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Formação Pessoal e Social: construção da identidade e partilhar com o outro a opinião; 	<u>2ª Feira</u>
<u>Construção do Jornal⁷</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Redigir uma notícia, compreendendo quais as informações importantes a colocar; - Perceber a estrutura de um jornal, fazendo a ligação com os reais; - Ilustrar as notícias tendo em conta o que foi dito pelo 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Formação Pessoal e Social: construção da identidade e partilhar com o outro a opinião; - Educação Artística: Ilustração tendo em conta as 	<u>2ª Feira</u>

⁷ Atividade sugerida pelas crianças

	grupo;	opinião.	
<u>Construção de um registo de significados</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Detetar quais as palavras desconhecidas; - Questionar qual o seu significado perante o contexto; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem: evolução a nível do léxico (vocabulário); 	<u>3ª feira</u>
<u>Jogo “Teia dos Afetos”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar sentado correctamente e escutar a opinião do outro; - Conhecer os colegas e dar-se a conhecer; - Expressar verbalmente características do outro; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Formação Pessoal e Social: construção da identidade e partilhar com o outro a opinião; 	<u>4ª Feira</u>
<u>Retrato das crianças</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Observar a criança que tem a sua frente; - Retratar as características observadas numa folha de papel; - Comunicar quais as características das crianças; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Conhecer e aceitar as características pessoais; - Educação Artística: Descrever, lustrar, analisar e refletir sobre o que olha e vê; 	<u>4ªFeira</u>
<u>Jogo da Mímica (momentos de transição)</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Observação e interpretação de imagens; - Expressar-se corporalmente e/ou vocalmente; - Desenvolver a cooperação e entreaajuda (perante as crianças mais novas); 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Comunicar abertamente sobre determinada questão perante um público-alvo; - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Teatro: Expressar corporalmente e/ou vocalmente ações; 	<u>Durante a semana</u>
<u>Jogo – “Vamos confiar?”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar concentrado no jogo ; - Confiar e sentir segurança no grupo de crianças; - Relaxar e acalmar a agitação; - Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Cumprimento das regras; - Acalmar o corpo e o cérebro para aprendizagens significativas; 	<u>2ª Feira/6ªFeira</u>

	<p>outros;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e aceitar as características pessoais; - Reconhecer laços de pertença social; 		
<p><u>Construção de Fatos para peça de teatro</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e ter contacto com diferentes materiais; - Recortar diferentes texturas; - Colar os materiais reconhecendo as figuras da história; 	<ul style="list-style-type: none"> - Educação Artística: recorte, colagem e criatividade; 	<p><u>Durante a semana</u></p>

PLANIFICAÇÃO SEMANAL || Semana de 05/12/2016 a 09/12/2016

Intenções gerais para a semana (ótica da educadora):

- Desenvolver trabalho em grande grupo;
- Promover dinâmicas de grande grupo com objetivo comportamentais;
- Promover momentos de comunicação entre o grupo;
- Desenvolver um pensamento reflexivo sobre os comportamentos do grupo;
- A criança expressar-se livremente através das suas brincadeiras;

<u>Atividade/Estratégia</u>	<u>Objetivos (ótica da criança)</u>	<u>Conteúdo</u>	<u>Dia da semana</u>
<u>Contar a história “Vamos fazer amigos” + teia</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Escutar com atenção a história; - Desenvolver um pensamento reflexivo sobre a história; - Promover a lógica através da ligação da história com momentos vivenciados na sala; - Partilhar as suas ideias e visões; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Formação Pessoal e Social: construção da identidade e partilhar com o outro a opinião; 	<u>2ª Feira</u>
<u>Conclusão dos retratos das crianças</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Observar a criança que tem a sua frente/ ao espelho; - Retratar as características observadas numa folha de papel; - Comunicar quais as características das crianças; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Conhecer e aceitar as características pessoais; - Educação Artística: Descrever, lustrar, analisar e refletir sobre o que olha e vê; 	<u>2ª Feira</u>
<u>Jogo “Teia dos Afetos”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar sentado correctamente e escutar a opinião do outro; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; 	<u>3ª Feira</u>

	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer os colegas e dar-se a conhecer; - Expressar verbalmente características do outro; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: construção da identidade e partilhar com o outro a opinião; 	
<u>Reconto da história “Vamos fazer amigos”.</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Recontar a história com o auxílio das imagens; - Promover a lógica através da ligação da história com momentos vivenciados na sala; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Formação Pessoal e Social: construção da identidade e partilhar com o outro a opinião; 	<u>4ªFeira</u>
<u>Desenho sobre a amizade⁸</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Ilustrar a conceção de amizade conhecida pelas crianças; - Pensar criticamente sobre o tema; 	<ul style="list-style-type: none"> - Educação Artística: desenho e pintura; - Formação Pessoal e Social: Pensamento/reflexão sobre algo. 	<u>4ªFeira</u>
<u>Jogo “Bombordo/Estibordo”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar concentrado no jogo de forma a compreender as indicações do adulto; - Cumprimento das regras; - Desenvolver a noção de tempo e espaço, através da lateralidade; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Cumprimento das regras; - Desenvolvimento da Linguagem: consciência dos conceitos “direita e esquerda”; - Conhecimento do Mundo/Social: Noção de tempo e espaço. 	<u>4ªFeira</u>
<u>Jogo da Mímica (momentos de transição)</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Observação e interpretação de imagens; - Expressar-se corporalmente e/ou vocalmente; - Desenvolver a cooperação e entreaajuda (perante as crianças mais novas); 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Comunicar abertamente sobre determinada questão perante um público-alvo; - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Teatro: Expressar corporalmente e/ou vocalmente 	<u>Durante a semana</u>

⁸ Atividade sugerida pelas crianças

		ações;	
<u>Jogo – “Vamos confiar?”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar concentrado no jogo ; - Confiar e sentir segurança no grupo de crianças; - Relaxar e acalmar a agitação; - Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros; - Conhecer e aceitar as características pessoais; - Reconhecer laços de pertença social; 	- Formação Pessoal e Social: Cumprimento das regras; - Acalmar o corpo e o cérebro para aprendizagens significativas;	2ª Feira/6ªFeira
<u>Construção de Fatos para peça de teatro</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e ter contacto com diferentes materiais; - Recortar diferentes texturas; - Colar os materiais reconhecendo as figuras da história; - Desenvolver a criatividade; 	- Educação Artística: recorte, colagem e criatividade;	<u>Durante a semana</u>
<u>Elaboração dos Presentes de Natal</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as características da festividade; - Construir um presente para oferecer às famílias; 	- Educação Artística: recorte, colagem e criatividade;	<u>Durante a semana</u>

PLANIFICAÇÃO SEMANAL || Semana de 12/12/2016 a 16/12/2016

Intenções gerais para a semana (ótica da educadora):

- Desenvolver trabalho em grande grupo;
- Promover dinâmicas de grande grupo com objetivo comportamentais;
- Promover momentos de comunicação entre o grupo;
- Desenvolver um pensamento reflexivo sobre os comportamentos do grupo;
- A criança expressar-se livremente através das suas brincadeiras;

<u>Atividade/Estratégia</u>	<u>Objetivos (ótica da criança)</u>	<u>Conteúdo</u>	<u>Dia da semana</u>
<u>Jogo “Teia dos Afetos”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar sentado correctamente e escutar a opinião do outro; - Conhecer os colegas e dar-se a conhecer; - Expressar verbalmente características do outro; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Formação Pessoal e Social: construção da identidade e partilhar com o outro a opinião; 	<u>3ª Feira</u>
<u>Jogo “Bombordo/Estibordo”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar concentrado no jogo de forma a compreender as indicações do adulto; - Cumprimento das regras; - Desenvolver a noção de tempo e espaço, através da lateralidade; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Cumprimento das regras; - Desenvolvimento da Linguagem: consciência dos conceitos “direita e esquerda”; - Conhecimento do Mundo/Social: Noção de tempo e espaço. 	<u>4ªFeira</u>
<u>Jogo da Mímica (momentos de transição)</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Observação e interpretação de imagens; - Expressar-se corporalmente e/ou vocalmente; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Comunicar abertamente sobre determinada questão perante um público-alvo; 	<u>Durante a semana</u>

	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a cooperação e entreaajuda (perante as crianças mais novas); 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Teatro: Expressar corporalmente ações; 	
<u>Jogo – “Vamos confiar?”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar concentrado no jogo ; - Confiar e sentir segurança no grupo de crianças; - Relaxar e acalmar a agitação; - Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros; - Conhecer e aceitar as características pessoais; - Reconhecer laços de pertença social; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Cumprimento das regras; - Acalmar o corpo e o cérebro para aprendizagens significativas; 	<u>2ª Feira/6ªFeira</u>
<u>Construção de Fatos para peça de teatro</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e ter contacto com diferentes materiais; - Recortar diferentes texturas; - Colar os materiais reconhecendo as figuras da história; - Desenvolver a criatividade; 	<ul style="list-style-type: none"> - Educação Artística: recorte, colagem e criatividade; 	<u>Durante a semana</u>
<u>Elaboração dos Presentes de Natal</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as características da festividade; - Construir um presente para oferecer às famílias; 	<ul style="list-style-type: none"> - Educação Artística: recorte, colagem e criatividade; 	<u>Durante a semana</u>
<u>Preparação e concretização da Festa de Natal</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as características da festividade; - Construir um presente para oferecer às famílias; - Partilhar com as famílias a festividade bem como o trabalho desenvolvido na sala de atividades; 		<u>5ª e 6ª Feira</u>

PLANIFICAÇÃO SEMANAL || Semana de 02/01/2017 a 06/01/2017

Intenções gerais para a semana (ótica da educadora):

- Desenvolver trabalho em grande grupo;
- Promover dinâmicas de grande grupo com objetivo comportamentais;
- Promover momentos de comunicação entre o grupo;
- Desenvolver um pensamento reflexivo sobre os comportamentos do grupo;
- A criança expressar-se livremente através das suas brincadeiras;

<u>Atividade/Estratégia</u>	<u>Objetivos (ótica da criança)</u>	<u>Conteúdo</u>	<u>Dia da semana</u>
<u>Conversa com as crianças sobre o projeto + avaliação intermédia:</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Conversar sobre o que já foi realizado e aprendido; - Comunicar de forma adequada, fazendo um resumo sobre o que foi feito; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; 	<u>4ª Feira</u>
<u>Jogo “Teia dos Afetos”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar sentado correctamente e escutar a opinião do outro; - Conhecer os colegas e dar-se a conhecer; - Expressar verbalmente características do outro; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Formação Pessoal e Social: construção da identidade e partilhar com o outro a opinião; 	<u>4ª Feira</u>
<u>Jogo da Mímica (momentos de transição)</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Observação e interpretação de imagens; - Expressar-se corporalmente e/ou vocalmente; - Desenvolver a cooperação e entreaajuda (perante as crianças mais novas); 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Comunicar abertamente sobre determinada questão perante um público-alvo; - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Teatro: Expressar corporalmente ações; 	<u>Durante a semana</u>

<p><u>Jogo – “Vamos confiar?”</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar concentrado no jogo ; - Confiar e sentir segurança no grupo de crianças; - Relaxar e acalmar a agitação; - Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros; - Conhecer e aceitar as características pessoais; - Reconhecer laços de pertença social; 	<p>- Formação Pessoal e Social: Cumprimento das regras; - Acalmar o corpo e o cérebro para aprendizagens significativas;</p>	<p><u>2ª Feira/6ªFeira</u></p>
<p><u>Comemoração do Dia de Reis</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as características da festividade; - Construir coroas alusivas à festividade; - Partilhar com a comunidade canções alusivas ao momento; 	<p>- Formação Pessoal e Social: conhecimento da cultura;</p>	<p><u>6ª Feira</u></p>

PLANIFICAÇÃO SEMANAL || Semana de 09/01/2017 a 13/01/2017

Intenções gerais para a semana (ótica da educadora):

- Desenvolver trabalho em grande grupo;
- Promover dinâmicas de grande grupo com objetivo comportamentais;
- Promover momentos de comunicação entre o grupo;
- Desenvolver um pensamento reflexivo sobre os comportamentos do grupo;
- A criança expressar-se livremente através das suas brincadeiras;

<u>Atividade/Estratégia</u>	<u>Objetivos (ótica da criança)</u>	<u>Conteúdo</u>	<u>Dia da semana</u>
<u>Jogo “Teia dos Afetos”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar sentado correctamente e escutar a opinião do outro; - Conhecer os colegas e dar-se a conhecer; - Expressar verbalmente características do outro; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Formação Pessoal e Social: construção da identidade e partilhar com o outro a opinião; 	<u>2ª Feira</u>
<u>Construção do Jornal⁹</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Redigir uma notícia, compreendendo quais as informações importantes a colocar; - Perceber a estrutura de um jornal, fazendo a ligação com os reais; - Ilustrar as notícias tendo em conta o que foi dito pelo grupo; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Formação Pessoal e Social: construção da identidade e partilhar com o outro a opinião; - Educação Artística: Ilustração tendo em conta as opinião. 	<u>2ª Feira</u>

⁹ Atividade sugerida pelas crianças

<p>Contar a história “<u>Adivinha o quanto gosto de ti</u>” + teia</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Escutar com atenção a história; - Desenvolver um pensamento reflexivo sobre a história; - Promover a lógica através da ligação da história com momentos vivenciados na sala; - Partilhar as suas ideias e visões; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Formação Pessoal e Social: construção da identidade e partilhar com o outro a opinião; 	<p><u>3ª Feira</u></p>
<p><u>Canção “Eu tenho um amigo”.</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Aprender uma cação relacionada com a temática; - Ter consciência do diminuendo e do crescendo; 	<ul style="list-style-type: none"> - Música: Escutar e reproduzir vocalmente uma canção; 	<p><u>3ª, 4ª, 5ª e 6ª Feira</u></p>
<p><u>Construção da Estrela da amizade</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Partilhar com outra criança uma estrela que simbolizasse a amizade; - Comunicar e ilustrar as suas conceções de amizade; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: - Educação Artística: 	<p><u>4ªFeira/5ªFeira</u></p>
<p><u>Momento de Relaxamento</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar concentrado no jogo de forma a compreender as indicações do adulto; - Relaxar e acalmar a agitação; - Cumprimento das regras; - Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros; - Conhecer e aceitar as características pessoais; - Reconhecer laços de pertença social; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Cumprimento das regras; - Acalmar o corpo e o cérebro para aprendizagens significativas; 	<p><u>4ªFeira</u></p>
<p><u>Jogo da Mímica (momentos de transição)</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Observação e interpretação de imagens; - Expressar-se corporalmente e/ou vocalmente; - Desenvolver a cooperação e entreaajuda (perante as 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Comunicar abertamente sobre determinada questão perante um público-alvo;- Desenvolvimento da comunicação e compreensão da 	<p><u>Durante a semana</u></p>

	crianças mais novas);	linguagem; - Teatro: Expressar corporalmente ações;	
Jogo – “Vamos confiar?”	<ul style="list-style-type: none"> - Estar concentrado no jogo ; - Confiar e sentir segurança no grupo de crianças; - Relaxar e acalmar a agitação; - Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros; - Conhecer e aceitar as características pessoais; - Reconhecer laços de pertença social; 	- Formação Pessoal e Social: Cumprimento das regras; - Acalmar o corpo e o cérebro para aprendizagens significativas;	<u>2ª Feira/6ªFeira</u>
<u>Construção de Fatos para peça de teatro</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e ter contacto com diferentes materiais; - Recortar diferentes texturas; - Colar os materiais reconhecendo as figuras da história; - Desenvolver a criatividade; 	- Educação Artística: recorte, colagem e criatividade;	<u>Durante a semana</u>

PLANIFICAÇÃO SEMANAL || Semana de 16/01/2017 a 20/01/2017

Intenções gerais para a semana (ótica da educadora):

- Desenvolver trabalho em grande grupo;
- Promover dinâmicas de grande grupo com objetivo comportamentais;
- Promover momentos de comunicação entre o grupo;
- Desenvolver um pensamento reflexivo sobre os comportamentos do grupo;
- A criança expressar-se livremente através das suas brincadeiras;

<u>Atividade/Estratégia</u>	<u>Objetivos (ótica da criança)</u>	<u>Conteúdo</u>	<u>Dia da semana</u>
<u>Construção do convite para a peça de teatro:</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Redigir um convite, compreendendo quais as informações importantes a colocar; - Ilustrar o convite tendo em conta o que foi dito pelo grupo; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Educação Artística: Ilustração tendo em conta as opinião. 	<u>2ªFeira</u>
<u>Jogo “Teia dos Afetos”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar sentado correctamente e escutar a opinião do outro; - Conhecer os colegas e dar-se a conhecer; - Expressar verbalmente características do outro; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Formação Pessoal e Social: construção da identidade e partilhar com o outro a opinião; 	<u>2ª Feira</u>
<u>Canção “Eu tenho um amigo”.</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Aprender uma cação relacionada com a temática; - Ter consciência do diminuendo e do crescendo; 	<ul style="list-style-type: none"> - Música: Escutar e reproduzir vocalmente uma canção; 	<u>Durante a semana</u>

<p><u>Momento de Relaxamento</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar concentrado no jogo de forma a compreender as indicações do adulto; - Relaxar e acalmar a agitação; - Cumprimento das regras; - Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros; - Conhecer e aceitar as características pessoais; - Reconhecer laços de pertença social; 	<p>- Formação Pessoal e Social: Cumprimento das regras; - Acalmar o corpo e o cérebro para aprendizagens significativas;</p>	<p><u>4ªFeira</u></p>
<p><u>Jogo – “Vamos confiar?”</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar concentrado no jogo ; - Confiar e sentir segurança no grupo de crianças; - Relaxar e acalmar a agitação; - Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros; - Conhecer e aceitar as características pessoais; - Reconhecer laços de pertença social; 	<p>- Formação Pessoal e Social: Cumprimento das regras; - Acalmar o corpo e o cérebro para aprendizagens significativas;</p>	<p><u>2ª Feira/6ªFeira</u></p>
<p><u>Construção de Fatos para peça de teatro + Ensaio da peça</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e ter contacto com diferentes materiais; - Recortar diferentes texturas; - Colar os materiais reconhecendo as figuras da história; - Desenvolver a criatividade; 	<p>- Educação Artística: recorte, colagem e criatividade;</p>	<p><u>Durante a semana</u></p>
<p><u>Organização das informações do projeto e preparação da</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o término do projeto; - Perceber quais as informações a serem transmitidas; 	<p>- Formação Pessoal e Social: Debate de negociação do ponto de vista democrático;</p>	<p><u>4ª, 5ª e 6ª Feira</u></p>

<u>divulgação</u>	- Organização e distribuição de tarefas;		
<u>Apresentação da peça “O Cuquedo”</u>	- Expressar oralmente e corporalmente ações; - Interpretar personagens;	- Formação Pessoal e Social: Comunicar abertamente sobre determinada questão perante um público-alvo;- Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Teatro: Expressar corporalmente e/ou vocalmente ações; Interpretar personagens;	<u>6ªFeira</u>

PLANIFICAÇÃO SEMANAL || Semana de 22/01/2017 a 27/01/2017

Intenções gerais para a semana (ótica da educadora):

- Desenvolver trabalho em grande grupo;
- Promover dinâmicas de grande grupo com objetivo comportamentais;
- Promover momentos de comunicação entre o grupo;
- Desenvolver um pensamento reflexivo sobre os comportamentos do grupo;
- A criança expressar-se livremente através das suas brincadeiras;

<u>Atividade/Estratégia</u>	<u>Objetivos (ótica da criança)</u>	<u>Conteúdo</u>	<u>Dia da semana</u>
<u>Jogo “Teia dos Afetos”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar sentado correctamente e escutar a opinião do outro; - Conhecer os colegas e dar-se a conhecer; - Expressar verbalmente características do outro; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; - Formação Pessoal e Social: construção da identidade e partilhar com o outro a opinião; 	<u>2ª Feira</u>
<u>Canção “Eu tenho um amigo”.</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Aprender uma canção relacionada com a temática; - Ter consciência do diminuendo e do crescendo; 	<ul style="list-style-type: none"> - Música: Escutar e reproduzir vocalmente uma canção; 	<u>Durante a semana</u>
<u>Momento de Relaxamento</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar concentrado no jogo de forma a compreender as indicações do adulto; - Relaxar e acalmar a agitação; - Cumprimento das regras; - Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros;~ 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Cumprimento das regras; - Acalmar o corpo e o cérebro para aprendizagens significativas; 	<u>4ªFeira</u>

	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e aceitar as características pessoais; - Reconhecer laços de pertença social; 		
<u>Jogo – “Vamos confiar?”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar concentrado no jogo ; - Confiar e sentir segurança no grupo de crianças; - Relaxar e acalmar a agitação; - Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros; - Conhecer e aceitar as características pessoais; - Reconhecer laços de pertença social; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Cumprimento das regras; - Acalmar o corpo e o cérebro para aprendizagens significativas; 	<u>2ª Feira/6ªFeira</u>
<u>Organização das informações do projeto e preparação da divulgação</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o término do projeto; - Perceber quais as informações a serem transmitidas; - Organização e distribuição de tarefas; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Debate de negociação do ponto de vista democrático; 	<u>4ª, 5ª e 6ª Feira</u>
<u>Divulgação do projeto “Sermos diferentes é sermos iguais.”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Comunicar as aprendizagens consolidadas; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da comunicação e compreensão da linguagem; 	<u>3ª Feira</u>
<u>Jogo “Bombordo/Estibordo”</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar concentrado no jogo de forma a compreender as indicações do adulto; - Cumprimento das regras; - Desenvolver a noção de tempo e espaço, através da lateralidade; 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social: Cumprimento das regras; - Desenvolvimento da Linguagem: consciência dos conceitos “direita e esquerda”; - Conhecimento do Mundo/Social: Noção de tempo e espaço. 	<u>4ªFeira</u>

SECÇÃO 3 – ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO

3.1. Avaliação Pessoal

3.1.1. Diário de Bordo

SEMANA DE 03/10 A 07/10

03/10 – Segunda-feira

No primeiro dia do período de observação, muitas foram as informações recebidas bem como as observações feitas. A educadora forneceu-me, também, algumas informações específicas sobre algumas crianças, que foram importantes para compreender alguns comportamentos. Desta forma, fiquei a saber que:

- O Rocky é uma criança que irá ser sinalizada para NEE, mas que se encontra a ser acompanhada pelo hospital D. Estefânia. Tem comportamentos muito agitados, por vezes com falta de educação;
- O Daniel é uma criança com NEE e é acompanhado por uma profissional da área. Para além disso, sabe-se que a estrutura familiar não é favorável e que o problema da criança parece ter alguma hereditariedade;
- A Beatriz é uma criança muito ativa e dinâmica, querendo estar sempre a responder e a fazer as tarefas que a educadora refere. Tudo isto está relacionado com o facto de, esta criança não saber aguardar pela sua vez.
- O grupo é muito heterogéneo, apresentando 5 crianças com 3 anos que ainda dormem a sesta, o que implica que estas crianças durmam a sesta após o almoço;
- O Diogo é uma criança vegetariana e alérgico à proteína do leite.
- A Anita é uma criança que ainda está num processo de adaptação e que é pouco extrovertida. É raro encontrar esta criança a conviver com o restante grupo, fazendo brincadeiras sozinhas. Foi também dito pela educadora, que as vezes é preciso colocar um “travão” com a mãe, porque por vezes quando entrega a criança de manhã fica na sala durante algum tempo, o que nem sempre é bom.

Observei e colaborei na hora do almoço, tendo compreendido o processo. Notei que, a hora da refeição é muito agitada e barulhenta. Talvez fosse importante as crianças perceberem que é importante fazer menos barulho e que aquele momento, pelo menos enquanto comem, é somente para isso e não para as brincadeiras.

Ainda na sala de atividades e como era segunda-feira, procedeu-se à limpeza do mapa de atividades e de seguida ao seu preenchimento. Rapidamente compreendi o objetivo e as intenções da educadora. É notório a facilidade das crianças que estão familiarizadas com esta rotina, em cumprir a tarefa. Contudo, as novas crianças, tanto em termos de idade como as que são novas na instituição, é ainda complicado compreenderem o objetivo e concretizar a tarefa.

A rotina observada neste primeiro dia foi:

9h – Acolhimento, sendo que as crianças devem chegar até as 9h30;

9h30-11h – Atividades livres ou orientadas;

11h – Suplemento;

11h15 – 12h30 – Atividades livres/orientadas ou Recreio;

12h30 – Higiene;

12h45 – Almoço;

13h30 – Atividades livres ou orientadas.

04/10 – Terça-feira

Hoje, contrariamente ao observado no dia anterior, o suplemento foi dado às crianças no acolhimento. Fiquei um pouco confusa, tendo em conta a rotina observada no dia anterior, até porque as crianças só almoçam ao 12h45.

Tal como foi dito pela educadora, a mãe da Anita tem a ideia de por vezes ficar dentro da sala com a filha. Quando a criança chegou à sala a educadora já estava a conversar com as crianças. Como tal, a educadora cumprimentou a mãe da criança e procurou não conversar muito dando continuidade à tarefa que estava a fazer com o restante grupo. Mais tarde, conversei com a educadora sobre o sucedido e ela explicou a situação e reforçando a ideia que caso tivesse conversado com a mãe, iria ser complicado para a mãe ir embora.

Com o grupo sentado no tapete, a educadora esteve em conjunto com as crianças a definir as regras da sala bem como as competências dos responsáveis diários. Teve sempre o cuidado de perguntar as crianças as suas opiniões e, quando existia alguma regra que considerava importante e as crianças não diziam, tentava lançar pistas para que as crianças dissessem. É importante referir que, quem participou nesta tarefa foram as crianças mais velhas e que já estão familiarizadas com estas rotinas, principalmente as crianças que já estavam com a educadora o ano letivo anterior.

Notei que a educadora promove e defende que os materiais da sala bem como a sua organização seja concretizada com e pelas crianças. Como tal, estive com as crianças mais velhas a construir o poster com as regras definidas anteriormente.

Pelas características dadas pela educadora bem como as observações por mim realizadas, o Rocky é uma criança que necessita de algum apoio individualizado. Assim, de uma forma calma, estive junto da criança conversando com a criança sobre o que estávamos a conversar. O Rocky consegue estar calmo e concentrado durante um curto tempo o que dificulta, nomeadamente, as atividades em grande grupo.

Enquanto estava numa mesa com algumas crianças a construir o poster das regras, e as restantes crianças estavam nas diferentes áreas, a auxiliar que estava numa outra mesa disse ao Rocky para ir à casa de banho, uma vez que esta criança às vezes ainda se esquece de ir. O Rocky fez uma birra e começou a chorar. A auxiliar levantou-se e abordou a criança, uma vez que esta está sempre com uma postura de quem não obedece e que só faz o que quer. Entretanto, a educadora que estava no corredor a expor os trabalhos das crianças, entra na sala e calmamente pergunta ao Rocky o que se passa. Com calma, a educadora faz com que o Rocky vá à casa de banho. Quando este regressa da mesma, voltou para a área das construções (onde estava anteriormente) e entrou em conflito com outras crianças, o que acontece frequentemente. A auxiliar disse-lhe para ele se acalmar, o que aconteceu momentaneamente. Passados uns minutos, o conflito surgiu de novo e a auxiliar chamou-o para vir para a mesa fazer um desenho. A criança vem para a mesa a chorar e diz à auxiliar que não quer fazer um desenho. A auxiliar pergunta-lhe o que quer fazer e ele nega qualquer atividade suscitar-lhe interesse. A educadora intervém e, calmamente, volta a conversar com a criança, chamando à atenção o Rocky. Pergunta de novo a criança o que esta quer fazer e responde que quer pintar com as

tintas. A educadora diz-lhe para ir buscar uma folha A3 que está debaixo de umas caixas. A criança refere que não consegue tirar e a educadora ajuda-o, mas apenas dizendo-lhe os procedimentos a concretizar para retirar a folha. Entretanto, a Diana, uma criança mais velha, ajuda o Rocky a retirar a folha e juntos concluem a ação. No fim do Rocky terminar a pintura, vai brincar para a área dos Piny Pons.

É notório uma preferência das crianças em algumas áreas como a da casinha e a das construções/garagem. Pela metodologia utilizada pela educadora, em que, todas as crianças têm de frequentar todas as áreas na semana, é visível a presença de rapazes na área da casinha, interpretando o papel social do Homem, bem como raparigas a brincar na garagem. É também visível um desinteresse muito grande pela área da biblioteca, sendo que as crianças raramente escolhem esta zona e, quando vão para lá, simplesmente exercem outras tarefas/brincadeiras exceto o que seria expectável para aquela área.

06/10 – Quinta-feira

No acolhimento, a educadora só chegou às 9h30 (por assim ser o seu horário), pelo que foi udo um pouco confuso. Foi a auxiliar Sara que acompanhou as crianças para a sala, juntamente comigo, e estivemos no tapete a falar sobre o feriado, até à chegada da educadora.

Quando a educadora estava a falar com uma colega, o grupo ficou muito agitado, barulhento e saindo dos lugares onde estavam, não cumprindo as regras. Esta é uma das maiores lacunas do grupo que tem sido trabalhada ao longo dos dias. É notória a dificuldade do grupo em cumprir as regras e, basta o adulto realizar outra tarefa ou não estar a olhar para o grupo que este altera logo o seu comportamento.

A Anita chegou às 10h15, quando o acolhimento é só até às 9h30. A educadora, de forma a mostrar à mãe que não estão a cumprir as regras, comentou que já tinha marcado falta à criança. Tal como já tem sido referido e notado ao longo da semana, esta criança raramente cumpre os horários, o que torna a rotina da sala mais complicada.

Ainda no acolhimento, a educadora foi buscar uma pequena estufa que o grupo tinha e que as sementes acabaram por morrer, por terem demasiada água. A educadora conversou com o grupo explicando o que aconteceu fazendo a ligação com

o ser Humano. No fim da conversa, perguntou às crianças: “Vamos fazer uma nova estufa?”, ao que as crianças responderam que sim.

Achei pertinente e curioso a forma como a educadora induziu as crianças de forma a iniciar, de certa parte, um projeto que engloba a estufa e as sementes. Nunca pensei nem vivenciei algo deste género, o que por um lado me facilitou e tranquilizou, uma vez que na minha opinião é a etapa mais difícil (iniciação de um projeto).

O Rocky estava a brincar com o Tiago, quando de repente mordeu-o. A auxiliar observou o comportamento e repreendeu Rocky. De seguida, a educadora conversou com a criança e esta ficou a chorar intensamente. A educadora manteve a postura e continuou a contrariar a criança, o que levou esta a ter um comportamento inesperado, na minha opinião. O Rocky deitou-se no chão a espernear e a dar pontapés, sendo que a educadora agarrou-o contrariando os movimentos. Assim, aos poucos, a criança acalmou-se e a educadora calmamente conversou com a criança sobre o sucedido.

Antes da aula de ginástica, a educadora em conjunto com as crianças preencheram o mapa das idades. Aproveitou o momento para fazer a contagem das bolas presente no mapa e depois cada criança colocou a sua fotografia no sitio correto.

Considerarei pertinente a forma como a educadora abordou o assunto, mas sou da opinião que tendo em conta as características do grupo, talvez tivesse sido mais eficaz ter feito com o grupo todo sentado e não com o grupo em pé, uma vez que a taxa de distracção foi muito elevada.

07/10 – Sexta-feira

Depois do almoço, quando chegámos à sala o grupo estava muito agitado. Para contrariar, a educadora colocou uma música calma e disse às crianças para se sentarem no tapete de olhos fechados. O grupo não soube cumprir o que foi pedido pela educadora, estando sempre inquietos e sem os olhos fechados, mesmo depois da educadora dizerem para se sentarem. Encontrava-me no tapete com as crianças e senti que, mais uma vez, as crianças não tiveram a capacidade de cumprir o que foi pedido. Estiverem sempre inquietos e a disputar lugares. Observei ainda que,

mesmo algumas crianças mais velhas (que supostamente seriam o exemplo), foram por vezes as piores.

Mais uma vez, o Rocky estava sentado numa cadeira aos gritos e muito agitado. Calmamente, sentei-me na cadeira e coloquei-o no meu colo, perguntando se precisava de alguma coisa, pois para ter aquele comportamento sendo uma criança crescida, só podia precisar de algo. A criança respondeu-me que precisava dos pais e eu, expliquei-lhe que o fim-de-semana estava a aproximar-se e que, como tal, iria passar dois dias com os pais. No final, perguntei-lhe se precisava de mais alguma coisa, ao que me respondeu que queria um abraço. Dei-lhe um abraço e sentei-o no tapete juntamente com as restantes crianças, mas junto a mim para não criar transtorno à atividade de grande grupo que a educadora estava a fazer.

SEMANA DE 10/10 A 14/10

10/10 – Segunda-feira

Hoje, pela primeira vez, acompanhei as crianças para a sala enquanto a educadora esteve a tratar de alguns assuntos. Cumpri a rotina observada na semana anterior, ou seja, chegar junto da sala, pendurar os casacos e as mochilas, ir à casa de banho a sentar no tapete. A sensação foi muito positiva e a receptividade das crianças ao facto de ser eu a liderar o grupo também. Foi importante este primeiro momento para começar a marcar a minha identidade profissional perante o grupo.

Enquanto aguardávamos pelas 9h30, hora limite de chegada das crianças à instituição, estivemos sentados no tapete a conversar sobre o fim-de-semana. Faz parte da organização da instituição, a presença de um telemóvel que circula pelas diferentes salas tendo em conta as necessidades. Como tal e, tendo em conta que a sala onde me encontro é a sala das crianças mais velhas, é a equipa educativa da mesma que é responsável pelo telemóvel. Ou seja, para atender os telefonemas e ao mesmo tempo registar informações que recebam dos telefonemas. Acontece que, até a auxiliar se apresentar ao serviço, é a educadora que fica com o telemóvel. Atendendo a que é segunda-feira com algumas perturbações no trânsito, o telemóvel não parou de tocar e a educadora teve de atender todos as chamadas, até porque a auxiliar entra mais tarde.

Esta situação acontece várias vezes ao dia, o que me dá a entender que não é uma estratégia que possa resultar. Isto porque, é prejudicial para o cumprimento da rotina diária da sala e porque, atendendo ao grupo de crianças em questão, qualquer motivo serve de distração e é sinónimo de mau comportamento. Enquanto a educadora estava a receber chamadas, pensei em dinamizar algo com as crianças. Contudo, não o fiz não só porque a educadora precisava de silêncio como também a falta de segurança perante o grupo em alguns momentos.

Estávamos sentados nas mesas de trabalho e enquanto a educadora preparava os materiais para construir o mapa dos aniversários com as crianças, a Diana que é uma criança que está sempre disponível para ajudar o outro, ajudou a educadora a tratar dos materiais.

Este comportamento em conjunto com algumas observações já realizadas, mostra que a Diana é uma criança sempre atenta ao que está a acontecer na sala, estando sempre disponível para ajudar, tanto os colegas como os adultos da sala.

Na área dos Jogos, apenas é permitido estarem 4 crianças em simultâneo. Esta área já estava completa e o Rocky insistiu que queria ir para lá jogar. Os colegas disseram à educadora que o número de elementos na área já estava a ser ultrapassado e que não estavam a cumprir uma das regras da sala. Assim, a educadora diz ao Rocky que tendo sido o último a chegar à área teria de sair. A criança não reagiu bem ao sucedido começou a chorar e a ter os seus comportamentos habituais, de espernear como forma de protesto. De seguida, a educadora com calma explicou à criança a regra e esta aceitou e foi para outra área. Mais tarde, o Rocky estava a brincar com o Diogo na área das construções, quando o Rocky bate ao colega. A auxiliar assistiu ao comportamento da criança, e repreendeu-o. Como seria de esperar, o Rocky voltou a chorar e a ter um comportamento agressivo.

O Rocky é uma criança que, tanto para mim como para a restante equipa educativa, é difícil de lidar. É sem dúvida, uma criança que não apresenta os comportamentos habituais para a idade e que sabe-se que está a ser acompanhada exteriormente à escola. Contudo, não sabemos ao certo os motivos que levam a criança a ter certos comportamentos, mas observamos que acontecem sistematicamente como forma de protesto ou para chamar à atenção.

Hoje, tive ainda a oportunidade, de em pequenos grupos explicar às crianças o trabalho que irei desenvolver para a minha escola e que como tal, devo manter o anonimato sobre algumas informações das crianças. Como tal, expliquei que era interessante serem as próprias crianças a escolher os seus nomes.

A reacção das crianças mais velhas foi muito positiva, respondendo-me de forma imediata e ainda justificando o porquê da escolha daquele nome. Quanto às crianças mais novas, tive de adaptar e, caso elas não me dissessem o nome, tal como aconteceu, conversei com eles sobre os desenhos animados preferidos de cada criança, de forma a perceber se existia algum nome que gostassem.

11/10 – Terça-feira

À semelhança do dia anterior, acompanhei as crianças para a sala cumprindo a rotina normal. Acontece que, como vim sozinha com as crianças vindo a educadora um pouco mais atrás, os encarregados de educação que estavam à porta da sala com os seus educandos, conversaram comigo transmitindo-me algumas informações relevantes sobre as crianças em questão.

Foi importante para mim, perceber que os pais conhecem a minha postura na sala e, ao mesmo tempo, sentiram alguma confiança para falar comigo sobre alguns temas.

Uma das informações que o pai da Leonor me transmitiu foi que a sua filha tinha trazido rebuçados para partilhar com os colegas, pois no dia anterior a Leonor tinha dito ao pai que sabia que partilhar era algo positivo, como por exemplo se tiver um brinquedo que já não utiliza pode partilhar com os outros colegas. Desta forma, trouxe os rebuçados para dar aos colegas, mas o pai teve o cuidado de me explicar que os rebuçados tinham sido comprados por ele e, que, portanto não teria qualquer problema.

Estávamos todos sentados no tapete quando chega a Mariana e a mãe pede para falar com a educadora sobre a sua filha. Fiquei com as crianças no tapete e fomos cantando algumas canções enquanto a educadora falava com a mãe da Mariana. Mais tarde, já quando estava o grupo quase completo, a educadora falou com todo o grupo sobre a situação da Beatriz, pois tinha a ver com uma situação decorrida no dia anterior.

Considero muito importante a gestão de conflitos em grande grupo, principalmente quando estamos a falar de situações em que envolve mais que uma criança. Achei pertinente a abordagem da educadora ao assunto, explicando às crianças que qualquer problema que surja dentro da sala é com ela que devem falar para esclarecer, para que não existam situações como a que aconteceu.

Durante a marcação do mapa das atividades, as crianças mais velhas já tem a capacidade de marcar e gerir as atividades que vão realizar durante o dia. Contudo, as crianças de 3 anos, ainda não conseguem interpretar o mapa e conseqüentemente preenche-lo de forma correta, apesar de alguns terem consciência de que têm de escolher as áreas que vão utilizar naquele dia. Ainda relativamente às crianças mais

pequenas, observei que a educadora induz as crianças para as áreas em que estas sentem mais dificuldade ou simplesmente não costumam frequentar.

Achei interessante a forma como a educadora organiza e elabora a gestão das áreas com as crianças mais pequenas. Já tinha observado que as crianças em questão não tem capacidade para compreender o mapa e muito menos cumpri-lo. Desta forma, a educadora conseguiu com que eles fossem para áreas que as crianças conhecem e usufruem menos e, ao mesmo tempo, consolidar algumas aprendizagens que até já deveriam ter acontecido, tendo em conta os marcos de desenvolvimento expectáveis para a idade.

Na área da Casinha estava o Gonçalo, a Sara e o Faísca. Contudo, os papéis sociais desempenhados pelas crianças na brincadeira não estavam de acordo com a área em que se encontravam. Deu-me a sensação de que, estavam a brincar a algo que nada tinha a ver com a rotina que é expectável que aconteça numa “casinha”. Acabei por questionar a Sara sobre o que estavam a brincar, ao que ela responde-me: “Aos pais e aos filhos.”. Confesso que fiquei com dúvidas nesta questão e, que não consegui compreender, mas é algo que quero e devo perceber.

É notório e até referenciado por algumas crianças, que a área da biblioteca não suscita interesse algum para as crianças. Como tal, a educadora incentiva as crianças a irem para aquela área e explorarem-na. Assim, hoje sentei-me um pouco na área em questão juntamente com o Rocky, a Leonor, a Diana e o Pedro e contei-lhes uma história com o recurso de fantoches que a área disponibiliza. No final, o feedback das crianças foi positivo e mostrei-lhe de que forma podemos utilizar a área da biblioteca. Considero ainda que, esta área deve ser mais desenvolvida, mesmo com as crianças, porque considero que elas [as crianças] associam à área da biblioteca, a leitura do livro.

Antes da ida para o recreio, coloquei o Rocky sentado na mesa dos Jogos de castigo, não só porque é a metodologia implementada pela educadora, como também pelo facto de já ter observado que a criança consegue acalmar-se um pouco quando temos esta atitude. Contrariamente ao esperado, a criança estava igualmente irritada quando atirou um jogo de peças para o chão. Na altura, apenas eu vivenciei o momento e, como tal, encarei-o até ao fim, não deixando a criança perceber que desisto de algo que digo. Disse à criança para apanhar as peças do chão e arrumar

correctamente no jogo e que não iria ao recreio enquanto não fizesse essa tarefa. Expliquei à auxiliar que acompanha as crianças ao recreio, que o Rocky iria primeiro terminar a sua tarefa e depois iria. O Rocky por várias vezes abordou-me que não conseguia arrumar o jogo sozinho e sempre lhe disse que tinha de o fazer sozinho. O que é facto é que, com paciência e calma, a criança conseguiu concretizar a tarefa, apesar de ter ficado com a sensação que o sucedido lhe tenha servido de exemplo, o que penso que vai voltar a repetir-se.

12/10 – Quarta-feira

A educadora iniciou o dia a contar uma história. Ao início, maior parte das crianças estiveram atentas, mas a meio da história começaram a existir comentários como “Mas isto nunca mais acaba?” (Tiago) e “Falta muito?”(João), ao que a educadora respondeu “Sim falta. Vamos ficar aqui sentados”. Ainda durante a história, a educadora abordou vários temas relacionado com o outono e foi sempre explicando as palavras difíceis.

É certo que o grupo de crianças tem muita dificuldade em se concentrar nas atividades, mostrando sempre algum desagrado nas tarefas desempenhadas, querendo apenas estar nas diferentes áreas. Para além do referido, foi comentado entre mim e a educadora que, estas crianças não tem curiosidade em conhecer e aprender novas aprendizagens, tendo que ser sempre o adulto a induzir.

O Rocky, durante a história, esteve muito irrequieto e sempre a destabilizar, estando constantemente a gritar e a mover-se pela sala, o que causa distração ao restante grupo. A educadora foi muito assertiva e colocou-o de castigo, sentando-o numa cadeira. A criança, para continuar a chamar a atenção colocou-se em cima da mesa. Como seria de esperar, as restantes crianças olhavam para o Rocky. A educadora disse às crianças para ignorar o Rocky, pois caso não o fizessem iria ser pior. O Rocky continuou a provocar e a chamar à atenção e a educadora, já em parte sem saber qual a melhor estratégia a utilizar, foi muito assertiva e directiva, chamou a criança à atenção e colocou-a no corredor de castigo. Observei ainda que, mesmo no corredor a criança não esteve sossegada um momento que fosse, mesmo enquanto chorava. Mais tarde, depois do ambiente estar mais calmo, a educadora com o grande grupo falou sobre o comportamento do Rocky e chamou à atenção das crianças para não voltar a acontecer.

Mais tarde, o Rocky estava de novo com os seus comportamentos incomuns, quando eu adoptei uma postura mais assertiva, prendendo-lhe as pernas e os braços para que ele estivesse sossegado. Para além disso, conversei com ele para que entendesse que ele teria de estar como as outras crianças e ao mesmo tempo não tem que as prejudicar. A criança ficou a chorar e, chateado disse-me: “Não olhes para mim!” ao que a educadora responde: “Olha assim. Aliás vamos todos olhar para o Rocky.”. Nisto, o Rocky cada vez mais chateado, deita a língua de fora à educadora. Esta levanta-se e de forma assertiva leva a criança para a zona da casinha e chama à atenção da criança que aquele comportamento não se volta a repetir.

13/10 – Quinta-feira

Hoje, fiz o acolhimento das crianças juntamente com a auxiliar, uma vez que a educadora entra mais tarde. Apesar da auxiliar estar algumas vezes ausente para resolver pequenos assuntos, penso que consegui gerir o grupo da melhor forma. É certo que ainda não me sinto totalmente segura e confiante em relação à rotina diária das crianças. Contudo, dei início ao cumprimento da rotina-tipo da sala, cantando os bons dias e algumas músicas do conhecimento das crianças, seleccionámos os responsáveis para o dia e realizámos a marcação das presenças, sempre dando uma continuidade ao trabalho elaborado pela educadora com as crianças nos diferentes momentos. Entretanto a educadora chega à sala e eu parei com as tarefas que estávamos a desenvolver, no sentido da educadora assumir o “comando”. Contrariamente ao esperado, a educadora foi realizar as tarefas e deixou-me continuar com o trabalho que estava a desenvolver. Assim, tendo em conta a minha metodologia e aquilo que considero pertinente, tomei a liberdade de dar a conhecer às crianças que não estiveram ontem na escola, o que estivemos a fazer. Para isso, utilizei inúmeras estratégias, principalmente porque a gestão do grupo nem sempre é fácil. Tentei sempre que fossem as crianças a referir o que fizeram e o que aprenderam fazendo um breve resumo de aprendizagens consolidadas do dia anterior. Mais tarde dei apoio na elaboração dos desenhos sobre a temática em estudo.

Fiquei muito satisfeita com o facto da educadora ter-me dado a oportunidade de seguir com o acolhimento e dar continuidade ao trabalho do dia anterior. A maior dificuldade foi a gestão do grupo, não por não adequar as estratégias mas sim porque o grupo tem algumas lacunas no que respeita ao saber esperar e ouvir o outro.

O Rocky, contrariamente aos dias anteriores, hoje esteve muito mais calmo. Apesar de continuar frequentemente os seus comportamentos incomuns, esteve mais calmo e mais recetivo ao diálogo. Creio que, para o bem-estar da criança e do grupo é necessário que o próprio Rocky se sinta bem com ele próprio, o que pode ter a ver com vários factores externos à instituição, como o sono.

Ainda com o Rocky, depois de almoço quando íamos para a sala, ao subirmos as escadas, ele insistia para subir dois degraus de uma vez só. Contrariei a situação e expliquei-lhe que os degraus são para ser subidos um de cada vez e que ao estar a subir de dois em dois poderia magoar-se. Ele continuou a insistir e eu, baixei-me ao nível dele e, com calma, disse-lhe que se continuasse a portar-se assim iria ficar sem brincar durante a tarde. Aos poucos, a criança acalmou e subiu as escadas normalmente.

Fico com a sensação que esta criança tem algum défice de atenção, até porque mesmo quando chamamos à atenção, ele consegue portar-se bem, dentro do que é expectável, mas apenas por poucos momentos.

Da parte da tarde, a educadora estava a realizar tarefas do carácter profissional pois tinha prazos a cumprir e eu propus-lhe que as crianças fossem para as áreas brincar, até porque não o tinham feito no período da manhã e elas sentem falta disso. Simultaneamente, estive com um pequeno grupo a construir o mapa do tempo. Como tal, a educadora aceitou a minha proposta e assim se sucedeu. Ainda no período da tarde, a educadora teve de se ausentar da sala por alguns momentos para tratar de alguns assuntos burocráticos, tendo ficado a responsável pela sala. Depois de já ter assumido o “comando” de manhã, na parte da tarde foi um pouco mais fácil, até porque as próprias crianças começam a reconhecer a minha identidade e o meu papel dentro da sala. Senti-me realmente realizada!

Enquanto cada criança estava na sua área e eu a construir o mapa do tempo, mas sempre atenta ao grupo em geral, o João veio-me dizer que o Pastor tinha urinado nas calças. Chamei-o junto de mim e perguntei o que tinha acontecido, pois ele já é uma criança autónoma e capaz de ir à casa de banho sozinho. A criança não me deu resposta.

Esta criança é por norma muito faladora com os seus colegas mas quando alguém lhe pergunta algo, a criança não tem a capacidade de responder e, só depois

de muita insistência é que o faz. Conteí à educadora o sucedido e ela comentou comigo de que o Pastor já o ano passado, por vezes, acontecia-lhe o mesmo.

14/10 – Sexta-feira

Hoje, à semelhança dos últimos dias realizei o acolhimento, inclusivamente recebendo alguns pais. Achei pertinente ensinar uma nova musica de “Bons dias” e dar oportunidade às crianças de partilhar aquilo que trazem para a escola. Assim a Diana, fez um pequeno moinho de papel com a família e trouxe para a escola. Achei muito pertinente o facto da criança ter realizado um trabalho manual em casa e ter trazido para a escola. Depois de alguma conversa sobre os moinhos, questionei o grande grupo onde deveríamos colocar o moinho. A Diana respondeu que junto da horta era importante. Desta forma, pedi à educadora para ir com o grupo ao exterior e fomos colocar o moinho na horta. Antes disso, tive o cuidado de colocar o moinho junto a uma corrente de ar para que as crianças vissem-no a girar.

Fiquei muito satisfeita com a minha postura durante o momento do acolhimento e o facto de ter dado resposta a algo que uma criança trouxe para a sala. Acima de tudo é muito importante responder às necessidades da criança, principalmente de forma pedagógica.

O Rocky estava na casa de banho, quando eu o contrariei porque este queria lavar as mãos no sítio errado. Esta criança irritou-se e começou aos saltos, provocando um desequilíbrio tendo escorregado e batido com o queixo no lavatório. Felizmente nada de grave sucedeu, tendo apenas ferido o lábio, mas aproveitei o sucedido para chamar à atenção o grande grupo para o facto de terem cuidado a lavar as mãos e não deitar a água para o chão. A educadora aproveitou o momento e disse às crianças que andava triste com elas por variados comportamentos que não são do agrado da mesma.

No período da tarde, a educadora deu continuidade ao trabalho desenvolvido sobre os ouriços. Depois das crianças terem modelado barro fazendo os seus próprios ouriços, a educadora reuniu com as crianças para fazer um balanço sobre algumas aprendizagens consolidadas como também perceber aquilo que as crianças ainda queriam conhecer. Ainda durante esta reunião, a Sara, o Pastor, o Rocky e o João foram colocados de castigo por não saberem estar sossegados. A estratégia utilizada

pela educadora, foi coloca-los sentados em diferentes pontos da sala, incluindo no corredor.

Considereei pertinente a forma como a educadora abordou as crianças sobre as aprendizagens consolidadas mas ao mesmo tempo fiquei um pouco assustada pelo facto de as crianças não terem muita iniciativa chegando mesmo a repetir algumas coisas que outras crianças já referiram. Muitas das informações dadas pelas crianças foram induzidas pela educadora e por mim, para que as crianças conseguissem chegar onde queríamos, raciocinando.

Durante a reunião do final do dia sobre os ouriços, a Diana que é uma criança que, por norma, tem um comportamento exemplar e que está sempre disponível para cooperar com o outro, ao brincar com um elástico do cabelo, este acabou por “voar”. A educadora repreendeu a o comportamento da criança e esta ficou a chorar de forma intensa e durante algum tempo. Ao fim de um bocado, disse à Diana que não precisa de estar assim e ela voltou a chorar. Comentei com a educadora o que aconteceu e, realmente, as crianças que têm princípios e são educadas de uma forma comum tem a noção de quando erraram e sentem-se culpadas por tal.

SEMANA DE 17/10 A 21/10

17/10 – Segunda-feira

Hoje, à semelhança dos últimos dias da semana anterior, fui eu que dinamizei o momento do acolhimento. Comecei por cantar a canção dos Bons dias que já incluía a rotina e que tinha sido ensinada pela educadora e depois questionei as crianças sobre a canção do Bom dia que teria ensinado na passada 6ª feira. Fiquei contente por as crianças lembrarem-se da letra da canção, sendo apenas preciso mostrar a melodia e o timbre. Ainda fiquei mais contente, quando ouvi durante o dia as crianças a cantar a canção durante as suas brincadeiras.

O Diogo estava muito agitado durante as tarefas a realizar. Chamei várias vezes à atenção e a criança acalmou-se momentaneamente. Mais tarde, estava sentada na mesa de trabalho e o Diogo estava na área da biblioteca. Chamei a criança para arrumar o sofá no lugar correto pois este estava no corredor da sala. A criança continuou a brincar não fazendo o que estava a dizer. Levantei-me e quando cheguei junto da criança, esta ficou logo com cara de chateado e “amuado”. Disse-lhe para arrumar o sofá e ele continuava sem o fazer. Fiz movimentos com os braços e nem assim. De seguida, perguntei-lhe onde se arrumava o sofá apontando para o mesmo, ao que a criança me respondeu: “A cadeira é ali.”. Rapidamente percebi que a criança não estava a compreender o que eu estava a querer dizer e utilizei o termo por ele utilizado e, então, disse-lhe para arrumar a “cadeira” no lugar correto. A criança arrumou o sofá na área da biblioteca logo a seguir a eu ter utilizado o termo “cadeira”. Não tenho a certeza de que tenha sido só pelo facto da diferença de termos utilizados que a criança realizou a ação por mim solicitada mas também pelo facto de ter-me deslocado até ao local. Esta criança é uma das crianças mais novas do grupo e, que já por várias vezes é chamado à atenção por comportamentos que não são corretos. Acrescentar ainda que, sinto várias vezes esta criança a “testar” a minha identidade dentro da sala, pelo que considero que este episódio foi devido a um conjunto de pequenos aspetos.

Enquanto as crianças estavam nas suas brincadeiras nas diferentes áreas, eu a educadora procurámos mudar a disposição de uma parte da sala. A verdade é que a sala é muito pequena para o número de crianças e as idades em questão. Como tal, coloquei várias hipóteses à educadora e em conjunto encontrámos uma solução. No

decorrer desta mudança, as crianças que estavam na mesa das expressões começaram a comentar que a sala estava a ser mudada e ouvi o comentário da Beatriz que disse que não gostava das mudanças. Como tal, questionei a Beatriz, o que ela alteraria para ficar ao seu gosto. A proposta da criança não foi exequível, mas considero que foi muito pertinente ouvir a sugestão da criança, até para que estas se sintam integradas na planificação/organização daquele que é o espaço que será dela.

18/10 – Terça-feira

No acolhimento, cumpri a rotina habitual e já estava pronta para avançar com as restantes tarefas, quando senti alguma insegurança. A educadora estava a conversar com algumas mães e eu estava no tapete a cantar os bons dias e a conversar sobre alguns aspetos com as crianças. Após isto, é normal, revelar quem são os responsáveis, marcar as presenças e o mapa das atividades. Para além disso, hoje tinha a intenção de lançar o mapa do tempo, que finalmente, já estava construído. Acrescentar ainda, que hoje as 10h30 tínhamos de ir à sala dos patinhos, pois recebemos o convite para ouvir uma história. Vi o tempo a passar e decidi avançar com o mapa do tempo, explicando como funcionava. Entretanto, a educadora entrou na sala e eu expliquei-lhe que tomei a iniciativa de tratar do mapa do tempo, mas que não cumpri o resto das tarefas por não saber se o poderia já fazer. A educadora referiu que o devia ter feito até para começar a entrar completamente nas rotinas. Da próxima vez, irei ter esta opinião da educadora em conta e irei avançar com o cumprimento da rotina.

Já há alguns dias que tinha notado que os lugares onde as crianças se sentam no tapete não estavam a resultar, mesmo que estes sejam marcados pela educadora. Como tal, a educadora notou o mesmo e sem conversarmos sobre o assunto, a educadora decidiu modificar os lugares. Para isso, fez uma pequena dinâmica, pedindo a todas as crianças que se levantassem e se sentassem no lugar onde queria. Como seria de esperar, as amizades e gostos pessoas prevaleceram e as crianças sentaram-se por grupos, notando que algumas crianças de 3 anos sentaram-se nos mesmos lugares já definidos pela educadora. De seguida, a educadora alterou as crianças de lugar procurando uma estratégia de colocar crianças mais calmas junto das mais agitadas.

Considerarei interessante e importante a forma como a educadora abordou a temática. Acima de tudo, é fundamental que as crianças compreendam o que a educadora está

a fazer, percebendo as suas intenções e ao mesmo tempo contando com a participação das crianças. Se fosse educadora, talvez experimentasse sentar menino-menina, para experimentar. Quero ainda referir, que depois dos novos lugares definidos, a Diana comentou “Assim posso tomar conta do Rei Leão”, seguindo-se a Sara “E eu do Pastor e do Gonçalo S..”. Isto remete-me para o facto de as crianças mais velhas terem consciência que podem e devem tomar conta das crianças mais novas e mais agitadas.

Na sala dos patinhos, muitas crianças sentiram a curiosidade em explorar a sala que não era deles. Isto significa que, as crianças podem já estar saturadas do seu meio normal. Questiono-me se seria interessante as crianças trocaram de sala por alguns momentos, para que explorassem as salas das outras crianças. Esta estratégia podia até nem resultar, mas por vezes a melhor forma de nos certificarmos de algo é vivenciá-lo.

19/10 – Quarta-feira

No acolhimento, as crianças estavam todas a falar ao mesmo tempo e sempre que isto acontecia eu fazia de conta que não estava a ouvir. Esta é sem duvida uma grande dificuldade do grande grupo, sendo algo que tento trabalhar todos os dias. A educadora da sala do lado veio à sala para falar comigo e, devido ao facto do grupo estar muito agitado, eu tive que falar num tom mais elevado. Depois da educadora sair, tive uma conversa séria com o grupo sobre o comportamento do mesmo. É importante referir que as crianças têm ciente e definidas as regras mas simplesmente não as sabem respeitar. Dei vários exemplos concretos sobre o respeitar o outro, para que as crianças compreendam a importância.

Tenho consciência que isto será um trabalho duradouro e que, provavelmente, irei terminar o estágio e alguns aspetos não estarão consolidados, mas espero ser um bom contributo para ajudar o grupo. Também tenho consciência que uma das formas de mostrar às crianças as regras, é por vezes fazê-los sentir alguns aspetos menos positivos para que eles compreendam.

A educadora mostrou às crianças um ninho, que já tinha sido visto pelas crianças ontem na sala dos patinhos. Como tal, trouxemos para a nossa sala para observar e analisar mais pormenorizadamente e compreender para que servem e de

que tipo de animal seria. A educadora questionou as crianças várias vezes e a Mariana soube que a designação de um pássaro preto com bico laranja era um melro. Mais tarde, fomos à internet pesquisar sobre os ninhos e os melros, visualizando alguns vídeos. Durante a visualização dos mesmos, algumas perguntas e constatações foram interessantes, apesar de poucas: “Mas o melro pai não cabe dentro do ninho.”; “Porque é que os bebés estão sempre de bico aberto?”. Ainda durante este momento, o Tiago disse: “Quando vamos brincar?”.

Mais uma vez, fica presente a ideia de que as crianças não atribuem importância aos trabalhos desenvolvidos na sala, querendo apenas brincar nas diferentes áreas.

Apesar da criança em questão ser finalista e já não esperar este estilo de conversas da sua parte, só vem verificar que esta é mais um aspeto que devo trabalhar com o grupo, principalmente porque maior parte vai para o 1º ciclo, tendo programas e aprendizagens a cumprir.

A Beatriz é uma criança muito ativa e sempre à procura de uma tarefa para concretizar. Acontece que, quando encontra algo que gosta de fazer, envolve-se muito chegando a entrar em conflitos com outras crianças. Isto leva a birras e a alguns choros desesperados. Hoje, na área da garagem, foi um exemplo disso mesmo e a educadora acabou por dizer à criança para ir à rua apanhar ar e acalmar-se.

Por vezes é importante adequar as nossas estratégias enquanto educadoras de infância. Provavelmente se fosse eu a resolver a situação, iria chamar a criança e perceber o que aconteceu e até chamá-la à atenção para que não voltasse a acontecer. O mais certo era o episódio repetir-se, mas com a estratégia utilizada pela educador, até porque esta já conhece a criança há mais tempo, conseguiu acalmá-la sem ser da forma “tradicional”. Considerei muito pertinente a abordagem da educadora e irei tê-la em conta no meu futuro.

O Gonçalo S. é uma criança que parece-me ainda não ter marcos de desenvolvimento bem definidos para a idade dele. Um desses marcos é ao nível do desenho. Isto porque nota-se alguma imaturidade nos desenhos feitos pela criança, esquecendo-se por exemplo muitas vezes de desenhar os membros inferiores e superiores no ser humano. Neste caso concreto, estamos a falar de ouriços porque é a temática que estamos a trabalhar. Ou seja, a criança desenhava os ouriços ao mesmo nível das árvores, as últimas eram muito coloridas, entre outros aspetos. A educadora

comentou o sucedido comigo, apesar de já estar a observar. Esta, insistiu com o Tiago para que ele desenhasse de novo, dando-lhe algumas dicas, ao que ele se mostrou muito frustrado por ter que realizar de novo a tarefa, até porque os seus amigos já estavam nas áreas.

Fico com a sensação que apesar da criança não ter a consciência de alguns aspetos, faz sempre os desenhos com muita pressa para que possa ir para a outra área. Isto porque, depois da educadora insistir, ele teve a capacidade de fazer o desenho muito melhor.

Já teria comentado com a educadora estes pequenos aspetos e a mesma tinha comentado comigo que às vezes estes casos são ambíguos, porque o que está certo ? Corrigir a criança formatando-o para a sociedade ou deixar fluir a imaginação da criança? Na minha opinião, considero que deve existir em meio termo, na medida em que é importante as crianças terem a sua própria imaginação e representação das coisas mas ao mesmo tempo, é importante que conheçam a realidade e tenham consciência das suas características. Estarei errada?

20/10 – Quinta-feira

O Rocky ontem não veio à escola porque tinha uma consulta médica. Hoje quando chegou, dei-lhe os bons e perguntei se estava tudo bem ao que me respondeu que teve um pequeno problema que foi não conseguir dormir porque o irmão chorou a noite inteira. Posto isto, perguntei-lhe se estava calmo e pronto para fazer coisas novas, ao que me respondeu que sim. Sentou-se ao meu lado, mas este comportamento durou momentos. Rapidamente, o Rocky começou a comportar-se de forma incomum ao que estou habituada mas comum para ele. Muitas foram as “zangas” que tive com a criança ao longo da manhã devido aos seus comportamentos. Utilizei várias estratégias de forma a chamá-lo à atenção e numa das vezes questionei-o porque se portaria ele daquela forma ao que a criança me responde “eu tento portar-me bem, mas não consigo” tal como já tinha respondido há uns dias atrás. Nestas alturas fico sem saber o que dizer à criança, mas dou-lhe um reforço positivo para que ele perceba que é capaz. Ainda durante o decorrer do dia, quando observava que a criança estava a ficar irritado, chamava-o para junto de mim, questionando-lhe se estava tudo bem e dava-lhe uma pequena tarefa para que estivesse um pouco calmo e junto a mim, para depois ir para a sua brincadeira.

Durante a frequência das crianças nas diferentes áreas sinto um barulho intenso. Noto que as crianças não sabem falar baixo, gritando sempre que querem expressar a sua opinião. Considero que este é outro aspeto a trabalhar com o grupo, apesar de nem sempre me sentir confiante para tal.

A educadora esteve a arrumar a área dos jogos de forma a certificar-se quais estão completos e aptos para serem jogados. Desta forma, num primeiro momento analisou-os e depois distribuiu-os por pequenos grupos de crianças, para que estas jogassem de forma a certificar se estavam realmente bons para utilizar. Em conversa informal com a educadora, apesar de já ter feito essa constatação em reflexões anteriores, concluímos que as crianças vão para as diferentes áreas mas não desempenham a função correta. Ou seja, vão para os jogos mas não dão utilidade a maior parte dos mesmos.

Foi interessante observar as crianças a trabalhar em pequeno grupo e a educadora comentou comigo que esta pode ser uma boa estratégia. Uma ou duas vezes por semana colocar todas as crianças a desempenhar a mesma função para que estas compreendam quais as funcionalidades de cada área.

Na aula de ginástica, o professor disse às raparigas para correr à volta do recinto e a Anita começou a andar. Disse à Diana para dar a mão à Anita e correr com ela para que esta percebesse o pretendido. Mais tarde, num outro exercício, sem ninguém proferir alguma palavra, as duas crianças juntaram-se de novo e fizeram a aula em conjunto.

Esta é uma das vantagens de ter um grupo heterogéneo no que respeita as idades. As crianças mais velhas servem de apoio às mais novas o que torna, muitas vezes, as aprendizagens mais significativas. Confesso que as vezes tenho dificuldades em aceitar grupos heterogéneos, ainda para mais quando a heterogeneidade é muito grande, mas neste aspeto concordo plenamente.

Quando cheguei ao refeitório depois da hora de almoço, a auxiliar comentou comigo e com a educadora o comportamento do Rocky. Esta criança chegou inclusivamente a dar pontapés a auxiliar, a dar lambidelas aos colegas e no chão, a deitar o mobiliário do refeitório ao chão e até mesmo a espernear pelo mesmo. A

auxiliar encontrou como estratégia, prendê-lo à mesa, ficando a criança entre a mesa e a parede.

Já tive várias conversas informais com a educadora e a auxiliar sobre esta criança, e todas consideramos que o Rocky precisa, urgentemente, de ser acompanhado. Isto porque, mesmo para os profissionais da instituição que acompanham esta criança, é difícil gerir, porque nem sempre sabemos como devemos agir de forma a ajudar a criança. É certo que consideramos fulcral tentar acalmar a criança sempre que possível, mas também há momentos de “desespero” que já não se sabe que estratégias utilizar. Espero que este caso seja resolvido o mais rápido possível, não só para o bem da criança como também da restante comunidade educativa.

No período da tarde, estava sentada na mesa de trabalho a preparar as atividades do Halloween e tinha algumas crianças junto a mim. O Gonçalo disse assim: “Já estás quase a ir embora.”.

Achei curioso e interessante o comentário da criança por vários motivos. Primeiro, porque ele tem consciência que me vou embora a meio da tarde; Segundo, porque significa que já faço parte do meio da criança e que gosta da minha presença. As crianças também costumam perguntar onde é que eu vou para sair aquela hora, até porque as crianças ainda não lancharam. Procuo sempre explicar e eles entendem, mas o melhor de tudo isto é que na hora de despedida recebo imensos abraços, beijinhos e um até amanhã sorridente!

21/10 – Sexta-feira

No período da tarde, enquanto as crianças realizavam a folha de apresentação para colocar nos cadernos individuais, estava sentada junto ao Rocky. A criança estava calma apesar de saturada da tarefa que estava a realizar. Estive sempre que necessário a dar apoio às crianças que estavam na mesa junto a mim, principalmente às mais pequenas e ao Rocky, pois se ele tiver alguém a insistir, a criança consegue concretizar as tarefas. Durante uma conversa com as crianças da mesa, questionei o Rocky porque ele se portara mal, ao que obtive como resposta: “Eu tento portar-me bem mas a minha cabeça é tão forte que só me diz para fazer disparates. Não consigo controlar.”. De seguida, o Pedro disse: “Mas um dia tu portaste bem!” ao que o Rocky respondeu: “Nesse dia a minha cabeça deixou. Não sei porque não me deixa mais vezes.”.

Confesso que esta conversa deixou-me um pouco confusa. Isto porque, fiquei com a sensação que a criança tem consciência de que não se porta de acordo com o que é esperado, mas que o seu comportamento incomum é algo que não consegue controlar. Comentei esta conversa com a educadora e a mesma partilhou opinião. O que é facto é que, a família não parece mostrar preocupação ao comportamento da criança, o que dificulta o trabalho à equipa profissional que a acompanha. Posto isto, a minha estratégia irá continuar a ser a mesma, passando apenas por tentar acalmar a criança nos momentos mais agitados e, sempre que possível tentar evitá-los, observando a criança atentamente e quando prever algo incomum chamar a criança para junto de mim e conversar com a mesma.

SEMANA DE 24/10 A 28/10

24/10 – Segunda-feira

Hoje, foi o primeiro dia de intervenção direta, tendo em conta que as atividades/trabalho desenvolvido foi planeado por mim. Iniciei o dia, cantando os bons dias e cumprindo o que já é habitual (responsáveis de sala, presenças, mapa do tempo, etc..) De seguida dei inicio a uma dinâmica de grupo que irá ser implementada todos os dias com o objetivo de implementar o trabalho em grande grupo. Durante cada dia irei dinamizar um jogo diferente, sendo que mais tarde irão ser repetidos até serem consolidados. Apesar do grupo de crianças não ter esta dinâmica implementada e não conhecer o jogo, penso que para uma primeira vez, a adaptação das crianças foi muito favorável. A única dificuldade sentida foi na gestão do grupo na medida em que, principalmente as crianças mais novas, precisavam de um apoio individualizado. Como estava incluída na roda, foi por vezes complicado chegar a estas crianças, pelo que a educadora acabou por me auxiliar. De seguida, contei uma história relacionada com o Halloween, uma vez que esta é a temática trabalhada na presente semana. Considero que consegue contar a história de forma expressiva e lúdica, captando a atenção das crianças. A maior dificuldade sentida durante a história e, que, já por várias vezes aconteceu foi o facto de ter muito barulho de fundo. É muito complicado estar com um grupo de crianças e ter pessoas a conversar, principalmente porque a sala tem janelas quase sempre abertas para circular ar.

De uma forma geral, julgo que consegui atingir os objetivos propostos para o dia, adequando e utilizando as estratégias próprias tendo em conta as atividades e as características das crianças. Não tive a oportunidade de conversar com a educadora sobre o dia, mas irei certamente questionar-lhe o seu feedback.

A Diana trouxe um livro para a sala sobre todos os temas que têm sido abordados nas atividades da sala. Achei muito curioso e pertinente pois esta é das poucas crianças que coloca questões e mostra interesse em todas as atividades dirigidas.

Enquanto estava sentada na mesa a preparar os materiais para a atividade de amanhã, as crianças questionaram-me várias vezes sobre o que estava a fazer, mostrando um grande interesse. Disse-lhe que estava a preparar uma surpresa para

eles para o dia seguinte e, muitos disseram-me que queriam fazer no próprio dia. Isto remete-me para o facto de quando as crianças vêm algo novo e diferente na sala quererem logo concretizar. Por um lado fico satisfeita com a postura deles, pois prevejo que os desafios que lhes propuser possam ser aceites e concretizados com sucesso.

Durante a tarde, as crianças que estavam na área das expressões, mais concretamente, na área da pintura/desenho, fizeram trabalhos relacionados com a temática do Halloween. Este comportamento, suponho, que deve-se ao facto de ter lançado o tema no período da manhã e as crianças fizeram, sem eu pedir, um desenho da história pedindo-me sempre uma opinião.

Fiquei muito satisfeita por saber que as crianças gostaram não só da história como também da temática a trabalhar. É certo que esta é uma festividade que as crianças gosta e já conhecem, pelo que é sempre um motivo de alegria. Espero conseguir continuar a lançar desafios estimulantes às crianças!

25/10 – Terça-feira

Na atividade de hoje, comecei por ensinar às crianças um novo jogo, sempre em grande grupo. Apesar de serem jogos fáceis, quando é uma primeira vez demora até as crianças compreenderem o objetivo. Para além das dificuldades normais em as crianças aprenderem a jogar, acrescenta-se o facto de ter 5 crianças com 3 anos, o que dificulta a compreensão do jogo. Como tal, numa primeira fase deixei as crianças explorarem as regras e o jogo e, mais tarde pedi a algumas crianças mais velhas que auxiliassem as mais novas, de modo a ajudar as mais novas a compreender o método do jogo bem como deixar as mais velhas tirarem proveito do jogo. Em relação à história, propus às crianças o reconto da mesma com auxílio das imagens, tendo ficado contente pelo facto das crianças se lembrarem da história bem como da sequência lógica da mesma. Quanto à elaboração dos morcegos, inicialmente tinha planeado as crianças fazerem as mesmas tarefas, mas rapidamente percebi que não tinha materiais para todas as crianças, tendo que dividir o grupo em 2, e fazerem à vez.

Nem sempre é fácil ter a capacidade da gestão do grupo em atividades manuais, principalmente quando o grupo não tem a capacidade de esperar pela sua vez,

tornando muitas vezes o ambiente confuso. Contudo, consegui ultrapassar as pequenas barreiras surgidas, tentando procurar as melhores estratégias e nunca perdendo o objetivo principal da atividade. A reação das crianças ao ver os seus trabalhos expostos na sala é muito positiva o que para mim é muito gratificante.

O Rocky hoje, mais uma vez num momento de confronto comigo e porque o contrariei, por querer fazer algo que não podia, apresentou os seus comportamentos de revolta e virou-se para mim e disse “Cala-te!”, fugindo para o fundo da sala. Fui atrás dele, e repreendi-o pela sua postura, ao que ele me respondeu que foi sem querer pedindo desculpa, Nisto, coloco-o sentado numa cadeira para se acalmar e a educadora volta a repreendê-lo, não só pela sua atitude comigo, como entretanto tinha agredido uma criança na casa de banho.

Quando estes momentos acontecem, o Rocky tem consciência que não está a agir bem e pede sempre desculpa, mas mais tarde volta a repeti-los, o que me indica que ele apenas pede desculpa porque tem de o fazer. Julgo ainda que, o Rocky começou a perceber de que forma consegue convencer-nos das suas atitudes, dizendo sempre que não consegue controlar os seus comportamentos.

26/10 – Quarta-feira

À semelhança dos dias anteriores, hoje ensinei um novo jogo ao grupo de crianças. A adesão das crianças foi muito positiva o que tornou o ambiente muito acolhedor e divertido. Foi um jogo, ligeiramente, mais fácil que os dos outros dias, pelo que a dinamização também foi mais facilitadora. Durante este jogo, a única dificuldade sentida e que tem acompanhado toda a minha intervenção, tem a ver com as interrupções constantes, tanto da partes dos pais que chegam atrasados como de alguns membros da equipa técnica.

Considero que estas interrupções não só dificultam a gestão do grupo para o educador, ainda para mais nesta fase inicial, como também desconcentra as crianças na atividade, até porque estas consideram que o adulto está distraído e não está a observá-las, o que faz com que os seus comportamentos se alterem.

Hoje, aquando da escolha das áreas para as crianças brincarem, a educadora sentiu necessidade de fechar as áreas mais escolhidas pelas crianças e apenas deixar

as menos escolhidas. Penso que a educadora teve como intenção que as crianças explorem as áreas menos escolhidas.

Observei esta postura da educadora com atenção e conclui que foi de facto uma excelente estratégia. Apesar das crianças terem ido para essas mesmas áreas, habitualmente pouco escolhidas, e não as terem utilizado devidamente, tiveram que as frequentar. Um dia, quando tiver a minha sala e detetar lacunas deste género irei certamente utilizar esta estratégia de forma a mostrar as crianças que há algo mais a explorar sem ser aquilo a que estão habituadas.

No período da tarde, depois das crianças mais novas regressarem da sesta, estiveram a fazer digitinta. Todas as crianças, num primeiro momento sentiram algum receio em tocar na tinta e explorá-la, mas depois da insistência da educadora, aos poucos e poucos as crianças foram tocando na tinta.

Notei que nem todas as crianças gostaram de se “sujar” pelo que fiquei com a sensação que posso mais tarde, vir a promover momentos que permitam às crianças ter a sensação da tinta. Apesar de não ter vivenciado a reacção das crianças mais velhas a esta atividade, tenho a certeza que todas irão gostar!

27/10 – Quinta-feira

Na repetição do Jogo da Teia dos afectos, o objetivo principal esteve perto de ser cumprido. As crianças já tiveram a capacidade de segurar o novelo e passar a outra criança dizendo a característica correspondente. As lacunas observadas não foram com as regras do jogo mas sim com as características ditas pelas crianças. Estas limitavam-se a dizer linda/o, giro/a, bonito/a e de vez em quando amigo/a. Chamei à atenção das crianças dando inclusivamente um exemplo dizendo que o Tiago era alto e, ainda assim manteve-se tudo igual. Julgo que o tema dos sentimentos/características humanas pode ser um tema a trabalhar com as crianças, até para aumentar o léxico das crianças. Quanto à minha postura, também modifiquei em relação ao dia que introduzi o jogo. Estive com uma postura de dinamizadora e não tanto como jogadora, simplificando assim a dinâmica do jogo.

Na construção dos fantasmas com material de desperdício, muitas foram as observações realizadas:

- De uma forma geral, as crianças construíram os seus fantasmas por imitação, tanto do fantoche que tinha feito para mostrar, como das outras crianças que iam fazendo. Abordei as crianças sobre o assunto dizendo-lhes que é importante que existam diferentes fantasmas e, dando sugestões de alterações. Tenho consciência que possa não ser correto “induzir” as crianças na construção mas, o meu objetivo é unicamente mostrar às crianças que existe inúmeras formas de utilizar os materiais em questão. Comentei o comportamento das crianças com a educadora, de forma a debater o assunto e também transmitir o acontecido até porque são aspetos importantes para a avaliação individual das crianças;

28/10 – Sexta-feira

No jogo das canetas, já ensinado às crianças na Terça-feira, o objetivo principal já esteve mais próximo de ser cumprido. É muito pertinente a repetição dos jogos ensinados às crianças para que estas possam assimilar as regras e cumprir o objetivo. Fiquei muito contente, principalmente, porque as crianças de 3 anos já tiveram a capacidade de realizar o jogo sozinhas, o que não tinha acontecido na 3ª, tendo sido feito com crianças mais velhas. Apesar de ainda com alguma lentidão, sendo este um jogo dinâmico, e ainda com algumas lacunas a ultrapassar, tal como já referi o objetivo já esteve mais próximo de ser cumprido e, tive a necessidade de partilhar este sentimento com as crianças, até para as encorajar.

Ainda em relação à continuação da construção dos fantasmas, hoje observei:

- A construção dos fantasmas com as crianças mais novas, foi para mim muito surpreendente. Apesar de mais novas e automaticamente com menos conhecimento, foram as crianças com mais criatividade na construção dos fantasmas. Apesar de ter um papel mais ativo, no corte e na colagem, mas a decoração e a caracterização dos fantasmas foi apenas da autoria das crianças. Acrescentar ainda que, o Daniel foi a única criança que conseguiu utilizar as cápsulas do café dando um significado diferente, o que me deixou muito admirada mas ao mesmo tempo contente.

Hoje, o grupo de crianças esteve reduzido, porque algumas crianças estavam doentes e outras não podiam estar presentes devido aos piolhos. Desta forma, o grupo ficou reduzido e confesso que se notou uma diferença grande na gestão do grupo e no

próprio barulho decorrido na sala. Assim se vê a importância de grupos de crianças com um número reduzido, permitindo ao educador ser responsivo e atender a todas as necessidades das crianças.

O Rocky à hora de almoço fez uma birra muito grande com a auxiliar porque simplesmente foi contrariado. Depois da aula de inglês, a auxiliar pediu às crianças para ir lavar as mãos para irem almoçar, ao que o Rocky recusou começando a chorar e a ter os seus comportamentos característicos. A auxiliar obrigou a criança e esta continuou a resistir. Mais tarde, já estava o restante grupo pronto para ir para o refeitório, e o Rocky continuava com os mesmos comportamentos, sendo que a auxiliar continuou a insistir. O Rocky foi para o refeitório, “arrastado” pela educadora e eu, com calma fui falando com a criança. Ela acalmou-se e disse que queria ir comigo para o refeitório mas, a auxiliar insistiu que tinha que ir com ela, pois a criança tem que aprender que tem que respeitar todos os adultos. Por um lado compreendo e partilho da mesma opinião que a auxiliar, mas atendendo às características da criança, talvez a abordagem não tenha sido a melhor. Mais tarde, nas escadas de acesso ao refeitório, os comportamentos continuavam os mesmos e a auxiliar acabou por dar autorização ao restante grupo para ir para o refeitório, sendo que pouco tempo depois foi ter com o grupo ao refeitório, deixando o Rocky na escada. Com calma, conversei com ele e a criança rapidamente se acalmou e parecia já estar com outra atitude, quando a auxiliar aparece de novo e o obriga a ir para o refeitório. A criança volta a ter o mesmo comportamento e no fim, é uma outra auxiliar que estava de passagem que pega no Rocky ao colo e o leva para o refeitório.

Comentei com a educadora o sucedido e resolvi dar o meu parecer: penso que com o Rocky, devemos de agir com mais calma e resolver os conflitos de uma forma menos assertiva. Claro que nem todas as situações podem ser resolvidas com uma postura passiva, mas quando a assertiva não funciona há que procurar outras estratégias. Se tivesse sido eu, iria fazer o que fiz naquele curto espaço de tempo, e falaria com a criança com calma e mostrava-lhe que as coisas não são como a criança quer.

SEMANA DE 31/10 A 04/11

31/10 – Segunda-feira

Hoje, em conjunto com as minhas colegas de estágio representámos para as crianças da instituição, uma peça de teatro sobre o Halloween. Apesar da preparação ter sido pouca devido à falta de tempo e do feedback ter sido positivo, não posso afirmar que me senti segura e confiante no que estava a fazer. Tenho consciência que uma educadora de infância tem de ser perspicaz e preparar estes pequenos eventos em pouco tempo mas, atendendo à situação em que me encontro, a insegurança foi alguma. Contudo, procurei dar sempre o meu melhor, procurando estratégias para envolver o grupo de crianças, principalmente quando este já se encontrava irrequieto. Fiquei de consciência tranquila, na medida em que, dei o meu melhor para que tudo corresse pelo melhor, não só na dinamização como na preparação. O grupo de crianças gostou, teve um momento diferente e isso é o mais importante!

No recreio, uma vez que as comemorações do Halloween foram feitas neste espaço, as brincadeiras das crianças foram livres. Desta forma, procurei brincar com as crianças, num primeiro momento embarcando nas suas brincadeiras e depois orientando outras. Dinamizei alguns jogos que as crianças já conheciam e depois ensinei outros, isto porque estas brincadeiras foram em conjunto com crianças de outras salas. Foi interessante ver a adesão de todas as crianças às brincadeiras bem como das crianças do meu grupo a ensinar às restantes.

Tenho consciência que é importante as crianças terem tempo e espaço para se expressarem e brincarem como acho mais significativo para elas mas considero importante o adulto orientar algumas brincadeiras. Foi desta forma que agi, nunca obrigando nenhuma criança a estar presente nos jogos dinamizados, dando oportunidade de escolha.

02/11 – Quarta-feira

No acolhimento, depois de ter cantado as canções do Bom dia, a educadora apresentou às crianças o programa do Dia Nacional do Pijama. O que retiro desta apresentação foi o facto da educadora ter a preocupação de chamar as crianças para o facto de sermos solidários e ao mesmo tempo, o facto de aproveitar algo simples

para introduzir novas palavras no léxico da criança. É nestes pequenos momentos que tenho a oportunidade de observar que compreendo a importância de todas as nossas ações para as crianças, porque de algo simples pode surgir muita coisa.

No momento de escolha das áreas, a educadora limitou de novo as áreas a ser escolhidas de forma a “obrigar” as crianças a irem para aquelas que menos vão. Para além disso e, porque algumas crianças não estiveram presentes na comemoração do Halloween, a educadora autorizou a que hoje as crianças vestissem as suas fantasias e brincassem na sala mascarados. Para além disso, partilhamos ainda alguns doces que sobraram da comemoração o que tornou, para as crianças, os momentos mais divertidos. No meio de tudo, o que quero salientar é o facto da educadora determinar algumas brincadeiras das crianças, para que estas conheçam novas áreas. Em conversa informal, encontramos algumas estratégias para perceber algumas ideias das crianças em relação às áreas.

Na área da garagem, a Beatriz entra em conflito com algumas crianças pelo facto de não saberem partilhar as peças dos legos. Sempre que as crianças me abordam com “queixinhas” sobre tal, digo às mesmas para se resolverem mas para não se esquecerem que devem saber partilhar com os amigos. A Beatriz é uma criança que não consegue gerir os conflitos chegando a chorar bastante quando estes acontecem. Nestes momentos, é importante chamar a criança para que ela se acalme e aos poucos vá conseguindo controlar-se nestes momentos. Em conversa informal com a educadora, percebi que esta criança já em momentos anteriores ao início do meu estágio tinha estes comportamentos e que depois tinha melhorado. Contudo, neste momento está de novo a voltar ao que era, pelo que considero que deve existir uma intervenção direta com a criança.

No período da tarde, depois do almoço, as crianças estiveram a ver um filme. A postura das crianças foi muito irrequieta, não estando com atenção ao filme e na brincadeira. A educadora interveio muitas vezes, chamando as crianças à atenção, principalmente porque são crianças que no próximo ano lectivo vão ingressar no 1º Ciclo e as regras serão diferentes. Atendendo a que o grupo não consegue estar

focado/concentrado durante muito tempo em atividades ou simplesmente estar “bem” sentado, tanto a educadora como eu, procuramos intervir nesse sentido, chamando as crianças à atenção e procurando promover momentos que estimulem o cumprimento de regras (ex: alguns trabalhos ou momentos de tapete).

03/11 – Quinta-feira

No acolhimento, a educadora teve um momento de grande grupo em que consistiu na gestão de conflitos, uma vez que a educadora recebeu algumas informações sobre algumas crianças “gozarem” com alguns aspetos. Para além disso, falou com as crianças sobre o facto de uma criança ter ido dizer para casa que não comeu uma goma, sem ter explicado a justificação da educadora, tendo a encarregada de educação questionado, não de uma forma muito simpática. Considero que estes comportamentos das crianças são frequentes e “normais”, mesmo tendo em conta que devem ser debatidos e reflectidos em grande grupo. Ainda assim, o comportamento que mais me indignou, foi quando o Rocky chegou e o Gonçalo disse “Vem aí o maluco!”. Na altura, não ouvi a fala da criança porque estava a receber o Rocky, mas a auxiliar ouviu e mais tarde partilhou com a educadora. Neste aspeto a educadora abordou o assunto, explicando ao grande grupo que tanto o Daniel como o Rocky são crianças especiais e que precisam de muita ajuda do grupo. Considero que a abordagem da educadora a este assunto, foi de uma forma muito positiva, apesar de considerar que as crianças estiveram pouco atentas, pois estar muito tempo sentado no tapete é algo que as crianças não tem capacidade de aceitar. Se fosse eu, não deixaria de abordar os assuntos, mas talvez iria tentar que não ficassem tanto tempo sentadas, tendo em conta as características do grande grupo.

Hoje, o Rocky veio à escola depois de estar alguns dias ausentes. Procurei recebê-lo de braços abertos para que a criança se sentisse incluída e ao mesmo tempo para fomentar no grande grupo o mesmo sentimento. Considero muito importante o acolhimento que é feito às crianças, qualquer que seja a altura. Costumo ter a mesma postura quando as crianças mais novas regressam do momento do sono, até porque neste momento o restante grupo costuma estar em atividades ou em brincadeira livre, pelo que considero muito importante acolher as crianças.

A Beatriz é uma criança muito ansiosa, tal como já referi em momentos anteriores, pelo que em determinados momentos é preciso intervir e mostrar à criança

as regras. Quando esta criança vai para a área da garagem/construções é rara a vez que não ocorrem conflitos e “queixinhas”, no sentido da falta de partilha de brinquedos, entre ela e algumas crianças. Nestes momentos, a Beatriz fica muito ansiosa, nervosa e a chorar muito, sendo preciso intervir quando estes sentimentos são extremos, mas ao mesmo tempo incentiva-la a resolver os seus conflitos.

Considero que a minha postura tem sido semelhante à da educadora, tentando ajudar as crianças a compreenderem a importância do partilhar. Contudo, já me questioneei se seria importante, não deixar a criança ir para aquela área com tanta frequência como acontece.

Hoje, depois do almoço e apenas com as crianças mais velhas, contei a história de “O Cuquedo”, tendo em conta a semana festiva que nos encontramos. Assim sendo, numa primeira abordagem, contei a história de forma lúdica e expressiva e, mais tarde, fiz pequenos grupos e deixei que eles próprios escolhessem uma personagem a desempenhar. De seguida, e com uma pequena dramatização, recontámos a história sendo as próprias crianças os animais da história e o eu interpretando o Cuquedo.

Este pequeno momento foi, na minha opinião, lúdico mas ao mesmo tempo muito significativo nas aprendizagens, pois senti que existem algumas crianças com alguma dificuldade em se expressarem. Contudo, ajudei quando necessário, mas senti que acima de tudo, as crianças se divertiram. Amanhã irei voltar a contar a história, até porque há crianças que não estiveram presentes hoje, como também as crianças mais novas terem estado a dormir.

Para além de tudo o que já referi do dia de hoje, considero ainda que a cada dia que passa, estou com uma postura mais participativa, procurando ajudar a equipa educativa nas tarefas da organização da sala. Por iniciativa própria, organizei os desenhos e alguns trabalhos das crianças de forma a arrumá-los nas respetivas pastas. Procuo sempre que possível, desempenhar todas as funções de uma educadora de infância, pois tenho consciência que o trabalho é muito e é importante para mim vivenciar esses momentos.

04/11 – Sexta-feira

Depois de cumprida a rotina diária do acolhimento, contei, de novo, a história de “O Cuquedo”, para que as crianças mais novas ouvissem, já que no dia anterior não foi possível. Para isso, utilizei a mesma estratégia do dia anterior, contando a história juntamente com uma pequena dramatização das crianças.

Foi muito importante notar que as crianças lembravam-se da história, das personagens interpretadas bem como de algumas falas. A educadora ao observar a postura das crianças, propôs-me o desafio de estruturar melhor a dramatização, criando inclusive alguns adereços. Fiquei com algum receio da proposta, mas aceitei e comecei a pensar na melhor forma de organizar o grupo. Espero estar ao nível do desafio e conseguir fazer o melhor possível.

Hoje, antes de iniciar o tempo lectivo na sala de atividades, em conjunto com as outras estagiárias estivemos a preparar uma castanha em grandes dimensões que, mais tarde, recortámos em 7, formando um puzzle, de forma a entregar a cada sala da instituição. O objetivo é que cada sala decore a sua puzzle para no final montarmos a castanha no placard da entrada.

É importante o trabalho em equipa, mesmo quando trabalhamos com pessoas que não conhecemos. É nesta linha que tenho seguido o meu trabalho enquanto educadora-estagiária, não só com as minhas colegas como também com a equipa educativa.

Ainda durante o período da manhã, procurei dar um apoio individual às crianças em cada área, principalmente naquelas que são menos pretendidas pelo grupo. Desta forma, estive com algumas crianças na área de biblioteca, procurando incentivá-los a observar os livros e ao mesmo tempo contar algumas história a partir das imagens. Para isso, comecei por ser a primeira a fazê-lo dando o exemplo para depois serem as crianças. É interessante observar que, as crianças não prestam atenção aquela área mas quando me vêm na mesma com algumas crianças, vão sempre ver o que estou a fazer e querem ficar. Assim, questiono-me se as crianças não procuram aquela área, também por, não saberem o que fazer na mesma.

Depois do almoço, sentei as crianças no tapete e conversei com eles, dando a hipótese destes escolherem qual o jogo que queriam jogar. Por unanimidade, foi

escolhido o jogo da navegação, tendo sido necessário negociar com as restantes crianças que faríamos os outros jogos na próxima semana. É importante ouvir, sempre que possível, a opinião das crianças e por outro lado saber negociar com elas, até porque como seria de esperar é por vezes difícil, agradar a todo o grupo.

Durante o jogo, quando o Tiago perdeu, o Vicente fez de propósito para perder e começou a chorar. Chamei a criança para junto de mim e questionei-a o que se passava ao que me respondeu que queria a mãe. Rapidamente percebi que a sua atitude era porque o Tiago tinha saído do jogo, até porque já tinha notado que ambas as crianças são muito próximas. Mais tarde, aquando da escolha das áreas, contei à educadora o sucedido, e como estratégias, esta chamou o Tiago para junto dela. Nisto, o Vicente começa a chorar e a isolar-se na sala. Aproximei-me da criança e questionei-lhe porque estava a chorar, ao que me respondeu que queria a mãe. Perguntei-lhe se queria ir fazer um jogo, ao que me disse que tinha escolhido a área do desenho. Como tal, sentou-se junto a mim a fazer um desenho. De seguida, a educadora diz ao Tiago para ir escolher uma área, e este escolheu também os desenhos. Uns momentos depois, o Vicente começa a chorar e eu questiono a criança o motivo, ao que me responde que tinha medo do Tiago. Considerei a situação demasiado delicada e resolvi chamar a educadora e explicar o sucedido. Nisto, a educadora conversa com a criança explicando-lhe que existem mais crianças com quem ele pode brincar. De seguida, o Vicente continua a fazer um desenho e quando termina vai guardá-lo no respetivo lugar, sendo que o coloca debaixo dos desenhos que já lá estavam. Achei ainda mais estranho esta atitude da criança, e voltei a chamar a educadora para observar, porque cada vez mais achava que a situação não era comum. Enquanto o Vicente continuava a fazer desenhos junto a mim, a educadora da sala ao lado, veio conversar comigo e como tal, o Vicente apercebeu-se que estava distraída e saiu da mesa para ir para junto do Tiago. Confesso que dei conta da criança sair, mas no momento não me ocorreu chamá-lo de novo, tendo a educadora dito para o chamar. Mais tarde, estava a cortar algumas cartolinas e a criança a fazer o desenho, quando oiço o Vicente a sussurrar para o Tiago: “Não posso ir. Ela não me deixa!”. Mais tarde, a auxiliar acabou por deixar a criança ir para junto do Tiago fazer plasticina, até porque é importante ele também estar com as crianças com quem tem mais ligação, desde que esta não seja extrema, o que parece estar a acontecer com estas duas crianças em questão.

Julgo que esta situação possa ser algo que vá continuar a ter desenvolvimento ao longo do tempo, pelo que irei estar atenta e, ao mesmo tempo, tentar contornar esta “dependência”. É ainda de salientar que, o Vicente há-de ir ter uma mana e pelo que sei, em conversa informal com mãe, o Vicente recusa um pouco gravidez, mudando de assunto quando se fala na irmã. Este pode também ser um aspeto a considerar neste comportamento do Vicente.

SEMANA DE 07/11 A 11/11

07/11 – Segunda-feira

No acolhimento e, por ser segunda-feira, este foi um pouco mais longo, principalmente porque as partilhas por parte das crianças são muitas. Aproveitei o momento para ouvir a opinião das crianças sobre a decoração de uma peça de um puzzle, que irá formar no átrio da escola uma castanha. As sugestões para a decoração foram muitas bem como para a organização do grupo. Neste sentido, a educadora ajudou-me a completar a conversa, dando outro significado à mesma. Ainda neste momento, demos início à história do Dia Nacional do Pijama. Na minha opinião, parece-me que a história não é adequada para a idade das crianças, sendo esta muito grande. Contudo, a educadora optou por cada dia contar um capítulo da história. Ainda assim, a atenção do grupo à história é reduzida. Talvez fosse importante, perceber o porquê ou tentar contar a história noutra altura.

Hoje, dinamizei um momento de grande grupo, tal como tem vindo a acontecer, mas optei por fazê-lo antes da hora de almoço. Esta opção deve-se essencialmente ao facto de ter percebido que o grupo estava muito agitado no momento do acolhimento e, também, porque sendo a rotina algo que é flexível, quis experimentar realizar o jogo noutra situação. Aproveitei o momento para, também, acalmar as crianças uma vez que o momento a seguir à arrumação da sala é muito agitado e torna as crianças muito inquietas mesmo quando vão para o refeitório. Quando ao jogo em si, voltei a repetir a teia dos afetos, sendo que as crianças ainda se lembravam das “regras” do jogo bem como do objetivo principal. Inicialmente as crianças continuaram a dizer as características básicas (lindo/a, giro/a, etc..) e depois de eu ter dado alguns exemplos, as crianças começaram a dizer outras características. Desta forma, elogiei e mostrei muito agrado por as crianças terem percebido o objetivo. Da próxima vez que realizar o jogo, espero que pelo menos algumas crianças consigam já dizer outras características das crianças.

Tal como já tem sido frequente, a Beatriz enquanto estava na área da garagem/construções arranhou, novamente conflitos com outras crianças devido à partilha dos brinquedos. Confesso que, começo a analisar com mais pormenor os

comportamentos desta criança porque já começam a ser sistemáticos. Talvez fosse importante, evitar que a criança frequente esta área ou tentar observar se noutras áreas a criança tem o mesmo comportamento. Caso isso aconteça, talvez seja importante pensar qual a melhor forma de ajudar a criança a ultrapassar este obstáculo.

O Vicente e o Tiago, à semelhança do que aconteceu na passada 6ªfeira, continuaram com o mesmo comportamento, principalmente o Vicente que continuou com uma postura de recusa e a chorar quando o Tiago não está presente na mesma área que ele. Considero que seja importante analisar com algum cuidado esta situação e ao mesmo tempo intervir, chegando mesmo a conversar com a mãe do Vicente.

Hoje, depois da proposta da educadora de preparar a dramatização de “O Cuquedo” para apresentar ao JI, iniciei a construção dos fatos das personagens. Comecei por reunir o grupo das “zebras”, conversar com as crianças e ouvir de que forma é que as crianças queriam construir os seus fatos. Muitas das ideias das crianças foram ao encontro das minhas, tendo sido fácil chegar a um consenso.

08/11 – Terça-feira

Hoje de forma geral, senti o grupo muito agitado. A verdade é que, desde ontem que sinto isso e já tinha comentado com a educadora, se era a única a sentir isso ou se era comum. Ainda assim, procurei encontrar as melhores estratégias para controlar o grupo, mesmo que às vezes fosse preciso a educadora intervir, até porque é ela a principal figura de referência das crianças. Por um lado, fico com medo de errar e quero sempre que, não seja preciso a educadora intervir, para que o processo da minha aprendizagem seja feito da melhor forma, sendo para isso importante, para mim, ter a gestão completa do grupo.

Hoje, enquanto acabava os fatos para a dramatização, estive constantemente a ouvir “Já posso ir brincar Cátia?” e “Já posso ir para a casinha?”. Apesar destas falas terem sido verbalizadas por crianças mais novas, considero que é importante trabalhar este aspeto com o grande grupo, para que percebam que:

- Há tarefas a cumprir dentro da sala de atividades e, atendendo a que as crianças aceitaram construir os fatos dos animais, temos que o fazer;

- Há tempo para tudo. Há tempo específico para brincar mas também é importante trabalhar;

O Vicente, depois de tudo o que aconteceu na semana anterior, chegou à sala a chorar. A educadora informou a mãe que gostaria de conversar com ela sobre o Tiago , uma vez que este tem apresentado comportamentos menos comuns. Esta conversa aconteceu no momento, tendo eu ficado a gerir o grupo de crianças.

09/11 – Quarta-feira

No momento do acolhimento, existiram muitas partilhas entre as crianças. O Pedro que esteve 2 dias ausente da instituição, trazia muitas informações para partilhar com os colegas. Para além disso, construiu morcegos com rolos de papel higiénico e partilhou com as restantes crianças. Para esta criança, foi muito complicado decidi a que dar os morcegos, tendo em conta que não tinha um morcego para cada criança. Assim sendo, a educadora deixou a criança escolher a quem dar os morcegos com a promessa de que irá fazer mais para dar as outras crianças. Nessa tomada de decisões, a criança acabou por fazer um-do-li-tá devido à sua dificuldade em entregar os morcegos. Ficou também definido, que as crianças que receberam morcegos devem fazer algo para dar ao Pedro. A acrescentar que, o Pastor já tinha trazido anteriormente umas aranhas feitas em garrafas de plástico, querendo também entregar aos colegas.

Quero ainda salientar o facto de, ter existido tantas palavras desagradáveis sobre o Rocky e o Pedro teve a capacidade de dar um morcego ao Rocky. Considerei muito interessante esta partilha, o que me leva a crer que existem crianças que aceitam o Rocky, mesmo depois de algumas coisas que já foram ditas.

Ainda no acolhimento, a educadora teve uma conversa duradoura com as crianças de forma propositada, uma vez que as crianças estão constantemente a perguntar quando podem ir brincar. Esta foi uma estratégia utilizada pela educadora para mostrar às crianças que também é importante estar sentado a conversar e a partilhar com os colegas algumas coisas.

Para além de querer mostrar as crianças o que foi referido anteriormente, a educadora aproveitou o momento para falar com as crianças sobre os seus comportamentos, principalmente porque recebeu “queixas” do dia anterior.

Enquanto estávamos no acolhimento, apareceu na sala a mãe da Diana. A criança hoje trouxe para a escola um livro de experiências científicas e a mãe foi a escola para combinar com a educadora quando poderia acontecer essa dinamização da experiência por parte da mãe. Ficou combinado para amanhã! As crianças ficaram muito contentes ao ver a mãe da Diana e fizeram-lhe algumas questões.

Hoje, a educadora fechou algumas áreas de forma a promover a exploração de outras. Assim sendo, fechou as áreas que mais frequência tinham e depois foi ela própria a distribuir as crianças pelas áreas que não estavam fechadas. Foi interessante ver que as crianças ficaram assustadas quando viram as suas áreas de eleição a serem fechadas e a não saberem o que fazer. Como tal, as crianças concentraram-se nos Desenhos, que é a área que maior parte das crianças gosta e não estava fechada.

Considero que esta estratégia é muito importante e que leva as crianças a pensarem naquilo que pode e devem fazer em cada área.

Depois de vir do almoço, senti as crianças muito agitada. Como tal, disse-lhes para se deitarem de barriga para baixo e deitarem a cabeça na cabeça de forma a descansarem. Para ajudar, coloquei música clássica o que ajudou as crianças a relaxarem. Aos poucos e poucos fui levantando uma criança, principalmente aquelas que não conseguiam estar a cumprir as regras. Quando estiver um número reduzido de crianças, as crianças que já acordaram dizem “Acorda dorminhoco/a!”.

As crianças responderam muito positivamente ao jogo, sendo que a segunda vez que repeti já existiram mais crianças a cumprir as regras. Considero que este jogo para além de ser lúdico faz com que o grupo relaxe e acalme.

10/11 – Quinta-feira

Como combinado no dia anterior, a mãe da Diana foi à sala fazer uma experiência com o grupo de crianças. Foi muito importante ter um familiar dentro da sala a dinamizar uma atividade, pois para além de ser interessante para o grupo também é para os familiares. As crianças, de uma forma geral, divertiram-se muito. Estive sempre presente na atividade e ajudei as crianças que estavam a ter mais dificuldade, o que na minha opinião foi importante, principalmente para as crianças mais pequenas.

A Diana, contrariamente ao que esperava, sentiu-se muito abalada com a presença da mãe na sala, chorando intensamente e não fazendo a atividade com as restantes crianças. Depois da mãe sair e da educadora conversar com ela, a criança acalmou-se, mas durante o resto do dia não foi a Diana que costuma ser. Isto indica-me que, mesmo sendo crianças finalistas, é preciso ter cuidado com o facto da vinda das famílias ao contexto da sala.

Hoje foi dia de contar e dar a conhecer às crianças a Lenda de São Martinho e, ao mesmo tempo, conversar sobre a festividade e os seus costumes. As crianças estiveram atentas à história e foram comentando as imagens. Para além disso, as crianças conheciam alguns costumes mas não todos, tendo eu partilho os que conhecia. Neste momento, surgiu a conversa da data de S.Martinho e apercebi-me que as crianças não sabem os dias da semana e a sua sequencialidade bem como dos meses e estações do ano. Tive logo vontade de fazer algo relacionado com isto, com as crianças, mas não o fiz. Talvez numa próxima vez.

Hoje, tive ainda a oportunidade de partilhar/discutir com a educadora e a auxiliar algumas ideias para fazer no São Martinho. Conseguimos em equipa, chegar a um consenso dentro das várias partilhas existentes. Foi importante, sentir-me integrada na equipa e, ao mesmo tempo conseguir contribuir de forma enriquecedora neste processo.

11/11 – Sexta-feira

Hoje, foi um dia tradicionalmente diferente, pois foram as comemorações do dia de São Martinho. Passamos algum bocado da manhã no átrio de entrada da escola, a dançar e a cantar, depois de termos comido castanhas e assistido ao teatro da “Maria Castanha” dinamizado pelas educadoras de JI. Foi muito engraçado ver o grupo de crianças a brincar e a dançar, principalmente porque existam crianças mais velhas que iam buscar as mais novas para dançar.

Enquanto o grupo esperava pelo almoço sentado numa sala, realizei com as crianças um jogo que me surgiu no momento. Foi interessante ver a capacidade de adaptação das crianças e a atenção das mesmas ao jogo. As crianças jogaram entre elas e estiveram entretidas até à hora de almoço, o que para mim foi o mais importante.

SEMANA DE 14/11 A 18/11

14/11 – Segunda-feira

As segundas-feiras são dias, teoricamente, mais difíceis no JI, por variados motivos. Contrariamente ao que seria expectável, a educadora enquanto contou a história do Dia Nacional do Pijama, o grupo de crianças esteve muito atento e sossegado a ouvir a história. Confesso que fiquei surpreendida mas ao mesmo tempo muito contente com o comportamento das crianças. Contudo, o que ainda me deixou mais contente, foi o facto de serem as próprias crianças a lembrarem-se que não tínhamos cumprido a rotina, não tendo cantado as canções do Bom dia. Logo de seguida, cantámos as canções, respondendo ao interesse das crianças.

Este comportamento do grupo, deixou-me muito contente, porque as crianças têm consciência da rotina a cumprir e, sabendo que as crianças procuram cumprir-la significa, também, que gostam da mesma.

Tenho estado a construir, juntamente com as crianças, os fatos para a peça de teatro. Confesso que tenho tido algumas dificuldades na tomada de decisões na construção dos mesmos, principalmente porque é a primeira vez que sou confrontada com uma situação destas. Assim sendo, tenho-me apoiado na educadora e na sua ajuda para me orientar, até porque não conheço todos os materiais que a instituição tem disponíveis.

Num momento em que faltava papel autocolante branco, conversei com a educadora questionando-a se haveria mais ao que me respondeu negativamente. Apesar disso, sugeri pintar com tinta uma cartolina branca, até porque quando conversámos sobre os fatos, a educadora ficou com a ideia de que iria ser feito com tinta, o que não tem acontecido. As crianças têm construído os acessórios com o recurso a lápis e canetas. Não sabia desta hipótese, porque sinceramente, também não tenho preparado com alguma atenção a construção destes fatos. Ainda assim, se a educadora pensou que seria melhor ter feito com tinta guache, teria sido importante para o meu desenvolvimento e aprendizagem, ter existido partilha de conhecimentos e ter ficado com outras ideias.

Hoje repeti o jogo da teia dos afectos. Já é notória o cumprimento das regras do jogo, sem ser necessário estar constantemente a chamar à atenção. Para além disso, relembrei as regras ao início do jogo e dei seguimento ao mesmo. Algumas das

crianças mais velhas já tiveram a facilidade em dizer características das crianças fora do comum, enquanto que os mais pequenos, apesar de perceberem a metodologia do jogo, quando chega a parte de caracterizar um amigo, limitam-se a repetir as palavras mais referidas (bonito/a, lindo/a). Como estratégia, proibi a palavra “bonito/a”, incentivando as crianças a referir outras palavras em relação às crianças.

15/11 – Terça-feira

Hoje de manhã, ainda durante o acolhimento, a educadora lembrou-se que ainda não tínhamos entregue às outras salas as castanhas que tinham sido feitas de recordação. Estivemos maior parte da manhã a visitar cada sala e a entregar a castanha. Considero importante esta troca de lembranças. Contudo, se fosse eu, tentaria preparar uma pequenina canção ou um verso para as crianças apresentarem a cada sala, para que tornasse a visita mais dinâmica e, ao mesmo tempo, ficando mais relacionado com o tema.

Com as crianças no tapete, dei início à primeira fase do meu projeto de intervenção. contei a história preparada e, apesar de o ter feito com muitas interrupções devido ao comportamento das crianças, consegui captar a atenção das mesmas. No final, conversei com as crianças sobre a história bem como aquilo que tinham aprendido da história.

Considero que as maiores dificuldades foram:

- Conseguir captar a atenção das crianças depois de terem tido um momento mais agitado;
- Conseguir conversar com as crianças sobre a história, mostrando-lhes que não queria apenas os aspetos da história, mas também aquilo que ela transmitia;
- Conseguir lançar as questões às crianças, que estavam preparadas, atendendo a que o grupo é, por vezes, difícil de estar com atenção, principalmente se existirem factores externos a distrair;

Contudo, considero que consegui lançar o tema e mostrar às crianças o que tinha como intenção, tendo feito uma primeira teia. Para além disso, fiquei muito satisfeita por ter conseguido acalmar o grupo e fazer o que tinha planeado, apesar de todas as contrariedades.

16/11 – Quarta-feira

Depois do acolhimento, iniciei um novo jogo: jogo da mímica. Num primeiro momento e quando pensei neste, não tinha pensado na adequação que fiz no momento. Utilizei muitas estratégias atendendo a que as regras iniciais não estavam a resultar. Confesso que fiquei satisfeita por ter encontrado estratégias no momento para contornar a situação.

O Pastor, no decorrer do jogo, foi uma surpresa muito agradável. Quando questionei o grupo para ajudar uma criança mais nova, o Pastor foi o primeiro a oferecer-se. Curiosamente, o Pastor é a pessoa que mais dificuldades tem em se expressar quando é questionado com algo.

Hoje, depois da agitação que foi ontem aquando do lançamento do projeto, voltei a falar da história e esperar novas observações das crianças. Fiquei satisfeita pelo facto das crianças lembrarem-se da história bem como da moral da mesma. Para além disso existiram observações que foram iguais mas existiram, também, novas observações para completar a teia já construída.

Depois do almoço, coloquei uma música clássica na sala e quando as crianças entraram na sala, dei-lhes indicação para se deitarem de barriga para baixo. As crianças acharam que iria fazer um jogo já feito anteriormente, quando a minha intenção era outra. Coloquei as crianças em roda e a pares, onde o objetivo foi relaxar fazendo mensagens uns aos outros, sendo esta sempre orientada por mim. As crianças reagiram muito bem e gostaram. Destaco o par Daniel-João, uma vez que sendo o Daniel uma criança com algumas dificuldades, conseguiu cumprir os objetivos sendo que o João, como criança finalista apoiou muito o Daniel na explicação/concretização da tarefa. Foi muito interessante observar este par a trabalhar em conjunto, sendo que tenho consciência que existem algumas crianças que teriam mais dificuldade em interagir com o Daniel.

Enquanto preparava o desafio para os pais, o Pastor pediu-me para ler o livro de “O Cuquedo”.Achei curioso a sua atitude e emprestei-lhe o livro. Sentou-se junto a mim e disse que me ia contar a história. Contou a história e foi comentando ao longo da mesma, a postura das personagens para a peça de teatro que iremos apresentar.

Depois de almoço, fizemos um primeiro ensaio do teatro com as crianças mais velhas, porque as mais novas estavam na hora da sesta. Adoptei esta estratégia, porque como seria de esperar, irão ser as crianças mais velhas a base da peça e que ajudarão as mais pequenas. Contudo, irão ser feitos ensaios com todo o grupo até porque é importante as crianças ensaiarem muito para se sentirem à vontade.

17/11 – Quinta-feira

Hoje, ao fazer de novo o jogo da mímica a resposta das crianças já foi muito mais positiva. As crianças que ontem tinham tido mais dificuldade em se expressar, hoje já estiveram mais disponíveis para tal. A vontade dos mais velhos ajudarem os mais pequenos também foi mais visível, o que demonstra o interesse por parte das crianças.

Depois de almoço e porque ontem faltaram algumas crianças, hoje repeti o momento das massagens mas utilizando uma nova estratégia. Optei por colocar as crianças todas em roda e não formar pares, para que todos fizesse a massagem mas também todos recebessem. Acontece que, acabei por não fazer o jogo depois de ter feito várias tentativas, uma vez que o comportamento das crianças foi inesperado. Nem para fazer uma roda, o grupo conseguiu organizar-se, pelo que tive que orientar toda a atividade. Ainda assim, depois de todas as tentativas, de chamar à atenção constantemente e da educadora intervir, existiram crianças que estavam a perturbar. Acabei por terminar o momento, mal ele tinha começado e colocar as crianças sentadas no tapete em silêncio, mostrando o meu desagrado conversando com elas. Mais tarde, depois do ambiente estar mais calmo, distribui as crianças pelas diversas áreas enquanto que outras tinham trabalhos para terminar. Ainda assim, o Faísca, o João e o Gonçalo, ficaram de castigo durante mais tempo até aprenderem a estar sentados correctamente. Quando isto aconteceu, chamei-os e conversei seriamente com eles e deixei-os ir brincar.

Apesar de ter sido um momento fora do comum, dentro do que tem acontecido diariamente, penso que estive correta. Considero que o facto de não ter dado continuidade ao momento das mensagens foi importante para as crianças compreenderem que a minha palavra é levada ao fim e, se tinha dito que a próxima vez que existissem comportamentos perturbadores acabava com o momento, assim o fiz. Para além disso, quero destacar que senti-me confiante para tomar estas decisões,

apesar de ter algum receio das consequências. Ainda assim, sei que é importante para o grupo a assertividade quando necessária.

Estava a terminar o desafio para os pais, quando o Daniel se aproxima com uma folha e diz-me:

- “Olhaaa!”

- “O que é isso Daniel?” – Eu

- “É o mar.” – Disse o Daniel

- “O mar? cor de laranja?” – Eu

- “Sim!” – Disse o Daniel

- “De que cor é a água?” – Eu

Ao que a criança não me respondeu e saiu para acabar o desenho. Na altura, por vários motivos, não tive oportunidade de desmistificar este conceito, mas considero que seria importante, talvez em pequeno grupo, trabalhar estas questões.

18/11 – Sexta-feira

Hoje, no acolhimento, cumpro a rotina de uma forma diferente. As crianças estavam muito despertas e sorridentes, optei por passar um bocado da manhã a fazer jogos, dos quais as crianças já conheciam. A adesão das crianças foi elevada e acima de tudo divertiram-se, principalmente porque mais tarde, observei as crianças a jogarem sem a presença do adulto, o que revela que gostam dos jogos e divertem-se.

Depois do almoço, o Vicente sentou-se nas mesas a terminar os trabalhos que faltavam, uma vez que a criança esteve doente. O Tiago foi para a área dos jogos e esteve, frequentemente, a espreitar por cima do móvel o que estava o seu amigo a fazer. Por outras vezes, vinha ter com o Vicente à mesa de trabalho para falar. Senti que o Vicente ia fazendo o seu trabalho com pressa para conseguir ir o mais rápido para junto do amigo. Mais tarde, quando o Vicente terminou o trabalho, a educadora questionou para onde iria brincar e a criança hesitou em responder. A Educadora

disse-lhe que podia dizer sem medo e , a criança acabou por dizer que iria para junto do Tiago.

O Vicente, uma criança finalista, ao copiar “ O MEU PIJAMA” para o seu trabalho, fê-lo de forma completamente invertida e sem ordem. A educadora questionou a criança sobre o que fez mas esta não disse nada.

Sinceramente, eu fiquei com a sensação que a criança estava com pressa e por isso não esteve concentrada no trabalho a desenvolver. Seria importante e interessante numa outra altura, solicitar à criança que copiasse algo, para perceber se é a aprendizagem que está com lacunas ou era falta de concentração.

SEMANA DE 21/11 A 25/10

21/11 – Segunda-feira

Hoje foi o Dia Nacional do Pijama, o que nos diz que é um dia fora da rotina habitual. Como tal iniciámos o dia com uma dinamização preparada pelas estagiárias. As crianças assistiram a um pequeno tetro sobre o dormir e, mais tarde, fizemos uma pequena dinâmica onde construímos um mural com a estampagem das mãos de toda a comunidade educativa (educadora, auxiliares, crianças e estagiárias). Na minha opinião, nem tudo correu como planeado mas conseguimos atingir os nossos objetivos. É, por vezes, complicado gerir algumas situações principalmente quando não temos a certeza do trabalho desenvolvido.

No período da tarde, iniciei o portefólio da criança, tendo em conta a perspectiva de “portefólio” utilizado pela educadora. Comecei por realizar uma pequena apresentação da criança, fazendo-lhe algumas questões e registando tudo o que era dito pela criança. O discurso do Pedro foi muito rico em informações da criança. Importa ainda referir que expliquei à criança o que iríamos fazer tendo como objetivo que a construção do portefólio tenha sempre a participação da criança.

No acolhimento, a mãe do Pedro foi à sala e, por já ter passado uma semana desde a entrega da autorização do portefólio, questionei a mãe sobre a devolução da mesma. A receptividade da mãe foi elevada e senti-me confiante a conversar com a mãe do Pedro. Mais tarde, refleti sobre a minha atitude e questionei-me se teria feito bem ter conversado com a mãe. Fiquei com algum receio do que a restante equipa pudesse pensar, mas também precisava de adiantar o processo para começar a trabalhar com a criança.

22/11 – Terça-feira

De manhã, no acolhimento, a educadora ao chamar à atenção o Marshel para este fazer silêncio, a criança começou a chorar. Fiquei surpreendida porque nunca tinha acontecido anteriormente algo parecido. Cheguei à conclusão que, aquele choro foi somente para chamar à atenção e porque a criança não está habituada a ser contrariada.

Hoje, foi dia de fazer um simulacro de incêndio, tendo ficado o grupo muito irrequieto depois da simulação e da conversa da educadora sobre tal. Já sabia deste

acontecimento antes de preparar a atividade para o dia de hoje, tendo tido esse momento em conta. Para tal, depois da simulação, sentei as crianças no tapete e falei calmamente com o grupo, até que este se acalmasse um pouco. Dei início ao reconto da história que está a ser trabalhada, tendo as crianças participado muito ativamente no mesmo. Considero muito importante o facto das contribuições das crianças serem muito ricas em pequenos pormenores da história, o que me faz pensar que para além de terem estado com atenção, as crianças lembram-se dos mesmos. Depois do reconto, propus às crianças um desafio: as crianças imaginarem que eram o crocodilo e as adultas da sala serem as girafas, e o crocodilo fazer o pedido de casamento à girafa. Procurei registar tudo o que foi dito pelas crianças. No final, com o contributo de algumas crianças, principalmente, as mais velhas, conseguimos construir um pedido de casamento. Considero que, é por vezes difícil que as crianças digam algo que tenha a ver com o assunto a ser tratado no momento e por isso, em algumas situações a educadora auxiliou-me. Para além disso, questionei as crianças se tinham alguma sugestão, ao que o João disse que era “giro” construirmos um jornal para colocar a notícia do casamento do crocodilo e da girafa. Confesso que fiquei muito satisfeita com o contributo desta criança, porque pela primeira vez foi algo dito pelas crianças e não induzido por mim.

23/11 – Quarta-feira

No acolhimento, quando o Tiago chegou à sala, depois de ter estado ausente dois dias, o Pedro foi ter com ele e gritou “abracinho, abracinho!”. Considero curioso esta atitude do Pedro, até porque nos momentos que observo, o Pedro e o Tiago não são as crianças que mais ligação têm. Contudo, o Pedro é uma criança bastante afectiva e que consegue estar e brincar com todas as crianças em geral, pelo que sabendo ele que o Tiago tinha estado doente, este comportamento pode estar relacionado com isso.

Hoje, iniciei o portefólio com o Pedro, tendo procurado explicar à o que iria fazer e os objetivos. A criança ficou entusiasmada e esteve com uma postura de interesse a com atenção. Fiquei satisfeita por ter conseguido transmitir à criança, por esta ter aceite (o que podia não ter acontecido) e por ter-se mostrado muito disponível.

Depois do almoço, ensinei às crianças um novo jogo com o objetivo de desenvolver a segurança e confiança no grande grupo. Coloquei as crianças em roda,

muito juntos e com os braços estendidos à frente. Uma criança foi para o centro, fechou os olhos e ao som de uma música calma, deixou-se ficar “mole” e indo sendo empurrada pelos membros da roda. No final questionei a criança o que sentiu para perceber o feedback e dei oportunidade de outra criança experimentar. É certo que este é um jogo para vir a ser trabalhado ao longo do tempo, porque o objetivo ainda está longe. Como compreendi que era difícil para as crianças relaxarem e confiarem no grupo, pedi ao grupo que se sentasse no chão encostado à parede. De seguida, pedi um a uma que se levantasse e se deixasse cair para os meus braços. Primeiro de costas e, depois de compreender a dificuldade das crianças, solicitei que o fizessem de frente o que tornou a atividade mais fácil. Depois de conseguirem cair de frente, solicitei de novo que o fizessem de costas, tendo corrido muito melhor. O feedback das crianças foi positivo tendo dito que queriam voltar a repetir o jogo.

Em conversa informal com a educadora, identificamos que as crianças estão, por vezes, muito tempo sentadas no tapete no acolhimento o que as torna por vezes impacientes. Assim, a educadora propôs que as crianças até às 9h30 brincassem livremente e só depois das 9h30 sentaríamos e conversávamos.

24/11 – Quinta-feira

Tal como combinado ontem com a educadora, hoje até as 9h30, questionei as crianças sobre o que queriam fazer. Estas responderam-me que queriam dançar. Assim foi, coloquei músicas com diferentes ritmos e as crianças dançaram livremente de acordo com o ritmo. Quando a música parava, o grupo tinha de ficar em estátua. Perto das 9h30, coloquei uma música relaxante e, disse às crianças para se sentarem com os olhos fechados e a cabeça apoiada nas mãos, para que relaxassem e acalmassem. Depois iniciei, os bons dias, a distribuição dos responsáveis, cumprindo a rotina habitual. A verdade é que o grupo esteve muito mais desperto para as conversas matinais, pelo que considero que esta estratégia pode e deve ser utilizada. Para além disso, esta estratégia ajuda também as famílias a perceberem a importância de chegar a horas, pois senti que aos chegarem e verem as crianças já a brincar ou a fazer jogos, apressa-os para deixarem os seus filhos.

Hoje consegui terminar a atividade iniciada ontem, em que cada criança dizia algo sobre a história tendo em conta as imagens mostradas, tendo eu registado para mais tarde ilustrarem e assim construir um novo livro da história. A participação das

crianças foi muito positiva, tendo eu, de gerir estas participações tentando ter o contributo de todas as crianças.

Depois da aula de ginástica, a Diana em brincadeira foi contra uma árvore e magoou-se na cara. No momento disse à criança para ir passar para água e depois informei a auxiliar sobre o sucedido. Quando a criança caiu, o Vicente e o Tiago vieram acompanhá-la e disse ao Tiago para ir com a Diana à casa de banho. Nisto o Vicente diz logo:

“- Porque é que o Tiago vai?!”

“- Para a Diana não ir sozinha.”

“- Mas porque ele vai e eu não?”

“- Porque o Tiago é o responsável.”

“- Mas ele vai ficar de castigo? Também posso ir?”

Sentei-me com a criança, acalmei-o e disse-lhe:

“- Vicente calma! Só disse para o Tiago ir com a Diana para ela não ir sozinha e porque é o responsável. Ele não vai ficar de castigo. Está tudo bem.” Nisto a criança percebeu e foi brincar para o recreio.

O Vicente e o Tiago são duas crianças que dependem uma da outra, ficando em ansiedade quando não estão juntas. Continuo a achar que esta problemática deve ser trabalhada, mesmo junto das famílias porque esta relação é também fomentada pelas mesmas.

25/11 – Sexta-feira

À semelhança de ontem, hoje até as 9h30, fizemos brincadeira livre, jogos musicais, sendo estes escolhidos pelas crianças, pelo que foi muito mais fácil captar a atenção das crianças após este momento.

Na área dos desenhos, o Tiago e o Vicente estavam a fazer desenhos exactamente iguais. A educadora chamou-os à atenção que não queria desenhos iguais e estes argumentaram que isso não iria acontecer. O que é facto é que, ambas

as crianças estão sempre juntas, fazem sempre o mesmo e são induzidas uma pela outra. Tal como já referi ontem, na minha opinião esta situação deve ser contornada, mas será que estarei certa?

No período da tarde, depois do almoço, as crianças estiveram algum tempo a fazer atividades dos seus cadernos. Mais tarde, estive no tapete com as crianças. Durante este tempo, mostrei-lhes como estava a ficar o livro construído por eles, ouvindo sugestões do que queriam fazer com o livro e surgindo dúvidas se o livro podia ser para os pais verem. Expliquei-lhes quais os meus objetivos e registei todas as ideias das crianças. Para além disso, relembrei da sugestão do João, sobre a construção do jornal. Questionei o nome, o formato e como fazer. As ideias foram muitas e depois mostrei-lhes a minha, tendo chegado a um consenso. Por fim, realizei o registo da semana, em que solicitei às crianças que pensassem durante algum tempo em tudo o que tínhamos feito durante a semana, para que dissessem o que mais tinham gostado ou não, o que tinham aprendido e o que queriam fazer. Registei tudo o que foi dito, e confesso que fiquei surpreendida com alguns comentários das crianças, porque estas foram capazes de se lembrarem de pequenos aspetos trabalhados durante a semana.

Quando vinha a sair da sala para ir embora, a Diana questionou-me se as cartas do jogo da mímica era para elas usarem. Disse que sim e observei que as crianças estavam a jogar ao jogo que tinha lançado na semana anterior. Apesar de ter ainda poucas cartas, senti que é importante para elas e que gostam de interpretar personagens, fazendo-o melhor em pequenos grupos do que em grande grupo. Brevemente, irei construir mais cartas para que as crianças tenham mais possibilidades de imitação.

SEMANA DE 28/11 A 02/12

28/11 – Segunda-feira

No acolhimento, com o recurso a umas cartas com imagens, um de cada vez retiou uma carta e reproduzir o som da imagem da carta. A adesão do grupo a estes jogos é muito elevada, ficando muito atentos ao que as outras crianças faziam. Contudo, o momento era entusiasmante demais poisas crianças não sabiam controlar as suas participações tendo de colocar algumas regras extra ao jogo. Considero que este jogo deve ser repetido várias vezes, não só porque as crianças gostam, mas porque nem todas as crianças têm a mesma facilidade em interpretar e reproduzir as imagens.

Ao contar a história preparada, senti algumas dificuldades em conseguir captar a atenção das crianças e conseguir interligar a temática da história com o projeto que está a decorrer. Contudo, depois de insistir e do grupo ter acalmado um pouco, consegui conversar com as crianças e a fazer a ligação, apesar de ter de induzir muitas conversas. Contudo, depois destas terem compreendido o que queriam dizer, conseguir pensar e os seus contributos foram muito enriquecedores para o projeto.

Nos momentos de brincadeira livre, observei que as crianças que estavam na área dos jogos, estavam a jogar ao jogo da mímica, pedindo para eu tirar fotografia às suas ações. As crianças ficam contentes com o jogo por mim construído e, apesar de nem sempre cumprirem o objetivo do jogo dando outro significado e fazendo outros jogos, mostram interesse pelas cartas. A minha postura é de jogar com eles ao jogo que eles recriam a partir das cartas mas também mostrar o jogo para o qual as cartas apareceram na sala.

Confesso que tenho tido alguma dificuldade em concretizar os fatos do Cuquedo. Não só porque não tenho a experiência em termos de estratégias para o fazer, tendo que me auxiliar com a educadora como também pela gestão do tempo. Sinto que a rotina não permite fazer tantas tarefas ao mesmo tempo, pelo que ficam os fatos para trás. Sei que não é correto, mas é muito difícil conseguir gerir tudo. Sei, também, que o tenho que fazer quanto antes para fazer a peça de teatro para o JI pelo que vou tentar acelerar o processo.

Uma das coisas que quero destacar é a construção do placard. Tem me dado muito gosto em expor para toda a comunidade e para o grupo de crianças todo o trabalho que tenho vindo a desenvolver. Nesse sentido, tenho conversado com as crianças sobre isso e, ao mesmo tempo responsabilizá-las para mostrar aos pais e tomarem conta se algo cair.

29/11 – Terça-feira

Enquanto recontava a história com o auxílio das crianças, fui questionando quais as palavras que as crianças não conheciam e qual o significado, tendo em conta que já teria abordado o seu significado no dia anterior. Desta forma, construímos um glossário, de forma a que cada vez que existam palavras que as crianças não conhecem, devemos procurar o significado e colocar no glossário. Achei muito interessante o facto das crianças lembrarem-se do significado das palavras já trabalhadas.

Aquando da escolha das áreas no mapa das atividades, fiz questão de estar presente e acompanhar as crianças, principalmente porque tenho consciência que as crianças mais pequenas escolhem sempre as mesmas. Desta forma, incentivei o Gonçalo S. (uma das crianças mais novas) a ir fazer um desenho, tendo em conta que é algo que deve ser trabalhado com as crianças, para ajudar na conceção de alguns pormenores. A criança acabou por ficar entusiasmado e fazer dois desenhos por iniciativa dele, tendo eu auxiliado com algumas questões.

30/11 – Quarta-feira

No acolhimento, quando o Rocky chegou trouxe um nenuco a dizer que seria o seu filho. Pediu ao grupo para fazer silêncio que este estaria a dormir e pediu ajuda para escolher um nome para o boneco. Considerei engraçado o facto de ser um rapaz a trazer um nenuco para a escola e a partilhar com as outras crianças, bem como o facto de querer estar com o boneco nas restantes atividades que fez. Neste aspeto, e tal como é a regra não pude deixar, até porque senão teria que o fazer com as restantes crianças, o que tornaria as tarefas/atividades mais difíceis. Em momentos de brincadeira livre, considero que as crianças possam brincar com os brinquedos que trazem de casa. Contrariamente em momentos que é suposto que as crianças estejam atentas, considero importante não ter nenhum brinquedo junto deles.

Hoje, tive de fazer uma adaptação na planificação pensada para a semana, de forma a auxiliar a educadora na construção de prendas para o Natal. Iria fazer de manhã uma atividade do projeto e passei-a para a tarde, ficando no período da manhã a fazer as prendas de Natal. Considero que esta articulação entre mim e a educadora é algo muito importante, de forma a que ambas consigamos fazer com as crianças aquilo que temos planeado, apesar da limitação de tempo.

No período da tarde, concretizei a atividade que tinha preparado para a manhã, considerando que o momento do dia influenciou muito a tarefa. Assim sendo destaco os seguintes pontos:

- Talvez fosse importante ter mostrado às crianças um vídeo de alguém a fazer um retrato de outra pessoa para que as crianças compreendessem o que era suposto;
- A folha ser A3 considerei que fosse a mais adequada para que as crianças tivessem espaço para desenhar os colegas de forma livre, o que não aconteceu, existindo retratos mínimos para o tamanho da folha;
- Para fazer os pares para a realização dos retratos, optei por ser eu a fazê-lo e não as crianças a fazê-lo. Isto porque, tenho consciência que a motivação das crianças poderia ser diferente se ficassem com quem queriam, mas por outro lado, a atividade poderia não ter o mesmo resultado que teve, pois a distração e brincadeira iriam ser muito elevadas.

Sinto que as crianças adoram o jogo da mímica e por isso tenho insistido comigo mesma para criar cartas novas e levar para a sala, porque mesmo em brincadeira livre as crianças jogam imensas vezes, chamando-me para ver a imitação delas próprias.

02/12 – Sexta-feira

A grande dificuldade de hoje foi gerir o facto de não ter conseguido cumprir o planeado, devido a imposições da directora da instituição. Pediu-me auxílio para decorar a instituição e montar a árvore de Natal e assim o fiz. Mas nunca pensei que demorasse 1h30. Confesso que fiquei um pouco assustada porque o tempo já é tão reduzido e com estas limitações, mais difícil se torna gerir toda a rotina e adaptar o trabalho a desenvolver com tudo o que a educadora também tem para cumprir com as

crianças. Para além disso, existiu uma educadora que estava de férias e que as crianças da sua sala foram distribuídas pelas restantes salas de JI, pelo que a minha sala tinha neste dia 27 crianças na sala, tendo mais tarde estas regressaram para a sua sala, juntamente com a auxiliar (que estava a montar a árvore de natal).

Perante toda a situação, não consegui avançar o projeto de intervenção, centrando-me em atividades do portefólio da criança e no auxílio da educadora nas prendas/enfeites de Natal. A minha participação na construção das prendas/enfeites de Natal é muito bom para o desenvolvimento da minha profissão, não só porque fico a conhecer outras ideias/perspectivas como também sinto-me um adulto da equipa educativa, auxiliando e fazendo tudo o que for preciso.

SEMANA DE 05/12 A 09/12

05/12– Segunda-feira

Quando ia começar a ler uma história no âmbito do projeto em decurso, fui interrompida pela auxiliar da sala do lado, pois esta tinha combinado com a educadora, fazer uma atividade com as crianças finalistas. Fiquei muito surpreendida pois não sabia do que iria acontecer, tendo que terminar a atividade que tinha iniciado através da conversa anterior à história. É neste aspeto que considero que existe, ainda, alguma falta de articulação entre mim e a educadora, pois se tivesse sabido do que iria acontecer, teria planeado o dia de outra forma.

No período da tarde, o Rocky fez uma grande birra para fazer o embrulho de Natal. Embirrou que apenas queria fazer com os rolos grandes e com a cor vermelho. Conversei com a criança e mostrei-lhe outras formas e outras cores. Ainda assim, a criança ficou bastante irritada e insistiu para fazer apenas com vermelho e o tal rolo. Acabei por deixá-la fazer como quis, principalmente porque é um trabalho dele a gosto dele. Ainda assim, senti que a criança estava mais irritada e cansada do que o normal, pelo que a questioneei se teria dormido bem, ao que a criança respondeu que não. Daí, considerar que o facto de não dormir influencia em muito a postura da criança.

Normalmente, as 13h30 costumo ir buscar as crianças ao refeitório para as levar para a sala. Contudo, excepcionalmente e porque estive em reunião com a supervisora institucional, só conseguir chegar a sala um pouco mais tarde. Rapidamente as crianças questionaram-me onde teria estado bem como porque não as tinha ido buscar ao refeitório como de normal.

Hoje, ainda dentro do projeto de intervenção, contei uma história sobre os amigos e o contributo das crianças foi, na minha opinião, muito importante. Isto porque, para além de ter conseguido que as crianças se expressassem, penso que também consegui promover um momento de pensamento reflexivo sobre a amizade. Apesar de não ter feito o registo de imediato (grande erro!), procurarei assim que possível voltar ao tema e registar tudo o que foi dito.

06/12– Terça-feira

À semelhança do dia anterior, de manhã a educadora teve de fazer um bolo para a festa de natal das crianças, o que influenciou diretamente a planificação

preparada para o dia, principalmente porque o período da manhã é, sem dúvida, o momento em que as crianças estão mais concentradas. Desta forma, considero que é bastante importante a relação e articulação entre a educadora e a estagiária, sendo que por vezes é isso que falta no meu caso.

A restante rotina correu dentro da normalidade, apesar de sentir que as crianças estão constantemente em grande distração, sendo difícil conseguir captar a atenção das mesmas. Para além disso, o Rocky esteve com comportamentos incomuns dentro do que é expectável mas ao mesmo tempo comuns para a criança em questão.

Com a visita de um professor acompanhante do projeto, procurei dinamizar algum momento relacionado com o mesmo para que este compreendesse o que estava a ser feito. Desta forma, mesmo depois dos constrangimentos surgidos, consegui voltar ao tema do projeto e à história abordada no dia anterior e registar o que tinha sido dito no dia anterior. Sinceramente, confesso que o contributo das crianças foi ainda maior que ontem, uma vez que tenho ideia de que o que foi dito foi mais consistente do que ontem. Julgo que, apesar de não ser um tema que advém diretamente da curiosidade e interesse das crianças, estas tem vindo a envolver-se e a sentirem-se entusiasmadas pelo projeto.

09/12– Sexta-feira

Depois de ter faltado na quarta-feira antes do feriado, hoje foi dia de regressar. As crianças questionaram-me porque não tinha estado presente na quarta-feira, tendo explicado a razão. Para além disso, elas procuraram partilhar comigo tudo o que fizeram, inclusive alguns comportamentos incomuns.

Quanto ao trabalho desenvolvido, apenas me tenho focado nas comemorações do Natal, trabalhando em equipa com a educadora auxiliando-a e partilhando novas ideias sobre o mesmo. Apesar deste ser um momento crítico, pois encontro-me a implementar um projeto, considero que a rotina não permite fazer tantas coisas em simultâneo. Por isso, priorizei o Natal e as suas comemorações e, apesar de poder interligar com o meu projeto, não considero que vá ser um contributo para as crianças.

Desta forma, tenho estado em ação em tais momentos, procurando ter sempre uma visão sobre tudo o que está a acontecer dentro da sala de atividades, sendo esta a minha perspectiva de educadora de infância.

SEMANA DE 12/12 A 16/12

12/12–Segunda-feira

Num momento de conflito entre duas crianças, vieram dizer-me que o Gonçalo e o Faísca não partilhavam os brinquedos entre eles e que já não eram amigos. Aproveitei o momento, para chamar ambas as crianças e conversar com elas sobre o sucedido. Para além disso, fiz a ligação com o projeto de intervenção que estou a implementar, ainda para mais quando a semana anterior tínhamos falado dos amigos. Aproveitei para questionar as crianças sobre o que era ser amigo, tendo obtido respostas de acordo com a conversa tida com as crianças. Este momento, proporcionou as crianças a resolução de conflitos, tendo o Faísca pedido desculpa ao Gonçalo de forma autónoma e também deu-me a entender que as crianças tem presentes as ideias trabalhadas ao longo do projeto.

O Pedro veio-me pedir para fazer o portefólio porque gostava das atividades que estavam preparadas. Expliquei-lhe que naquele momento não podia, mas que no período da tarde seria possível. De seguida, a criança disse que ia fazer um desenho para colocar no portefólio, tendo pedido para ir busca-lo para arrumar o desenho.

Hoje, o Tiago, o Gonçalo e o Pastor vieram questionar-me a que horas iríamos ao recreio, ao que respondi que íamos quando os dois ponteiros estivessem em cima do número 12. Cada vez que um ponteiro passava pelo número 12, as crianças vinham chamar-me a dizer que estava na hora. Como percebi que as crianças não teriam compreendido o que queria dizer, fui até junto do relógio e mostrei-lhes quais os ponteiros e de que forma teriam de estar para irem ao recreio. As crianças estiveram o resto da manhã com muita atenção ao relógio, chamando-me várias vezes para observar o relógio. Quando chegou a hora, as crianças não repararam no relógio, mas tive o cuidado de as chamar à atenção para observar.

No período da tarde estive a fazer um trabalho individualizado com o Daniel, uma vez que esta criança tem alguns problemas específicos que devem ser desenvolvidos de forma individual. Foi uma experiência muito positiva ter a oportunidade de fazer este trabalho individual com a criança, apesar de ter algumas dificuldades em gerir o resto do grupo, pois as crianças passavam o tempo a interromper, o que não facilita o processo com o Daniel. Tenho consciência que é esta a realidade das escolas hoje em dia, mas torna o processo do Daniel mais complicado.

Ainda assim, considero fundamental trabalhar com esta criança de forma individual desenvolvendo as suas maiores dificuldades.

13/12– Terça-feira

À semelhança do dia anterior bem como da semana anterior, ando um pouco perdida com toda a rotina diária. Sei que estamos numa fase de construção de prendas/decoração de Natal mas não sei ao certo o que é suposto fazer, pelo que ando um pouco perdida. Procuo, sempre que possível, dar orientação às crianças fazendo as dinâmicas de grande grupo e/ou explicando o que irá acontecer durante o dia.

O Rocky já há alguns dias para cá que tem-se mostrado muito irrequieto, impaciente e agressivo. Não sei ao certo os motivos que provocam este comportamento, uma vez que a criança não apresenta estes comportamentos diariamente. Quando estes momentos se sucedem procuro conversar com a criança, pois é assim que acho que, mesmo que seja temporariamente, a criança consegue compreender que não está a ter os comportamentos corretos.

14/12– Quarta-feira

No acolhimento, o Tiago disse que tinha construído cartas para o jogo da mímica que implementei na sala. Disse à criança que iria plastificá-las e coloca-las na caixa para mais tarde jogarmos. Fico muito satisfeita de serem as próprias crianças a ganharem entusiasmo para continuarem a construir o jogo da mímica e, também, para jogarem várias vezes, tal como é observável diariamente.

À semelhança de um dia desta semana, o Pedro questiono-me de novo quando faríamos o portefólio. Expliquei de novo, que não poderíamos fazer naquela altura, mas que iria arranjar um espaço para concluirmos algumas atividades.

No período da manhã, estive juntamente com as minhas colegas a fazer bolachinhas para a festa de natal. Em pequenos grupos, tendo a meu cargo crianças da minha sala e da sala de outra colega, fizemos bolachas de chocolate. A gestão do grupo penso que foi feita de forma correta, procurando acompanhar todas as crianças e dando oportunidade a todas de experimentarem o manuseamento da massa e da forma. A única dificuldade sentida foi a falta de feedback, principalmente porque como

seria de esperar, foi a primeira vez que estive numa situação destas. Como tal, considero que fosse importante existir um feedback construtivo e não destrutivo, não só para enriquecer a minha aprendizagem mas também para ter a certeza que as bolachas ficariam bem feitas.

15/12– Quinta-feira

Na véspera da Festa de Natal, centramo-nos apenas no que falta fazer e nas arrumações para que esteja tudo preparado para a mesma. Estive com todas as crianças a fazer a decoração de uma bota de natal para pendurar na sala. Algumas crianças não estavam dispostas, dizendo-me que faziam noutra altura ou amanhã. Infelizmente tive que insistir para a concretização da tarefa e, até mesmo ajudar algumas crianças.

Se foi a melhor postura? Não! Mas as condições temporais assim o obrigaram. A questão que coloco é: Poderia ter sido feito com mais tempo? Claro que sim e, provavelmente se tivéssemos abordado o tema do Natal com as crianças, mais fácil teria sido até porque talvez se sentisse mais motivadas para tal.

O que posso salientar deste dia, foi acima de tudo uma articulação entre mim e a educadora de forma a trabalharmos em equipa para que tudo ficasse pronto para o dia seguinte. É muito importante que exista esta partilha de trabalho e ideias para que tudo corra da melhor forma. Apesar de por vezes andar perdida, como já referi, procuro sempre dar um rumo ao trabalho desenvolvido para que tudo corra de forma organizada.

Sinto que as crianças, devido à confusão na sala de atividades, também aproveitam para não cumprirem as regras e passar um pouco à frente aquilo que sabem que não deve acontecer. Neste aspeto considero fulcral o papel do adulto, na organização e gestão do grupo, pois não é por estarmos a concretizar tarefas teoricamente diferentes da rotina normal, que esta deve ser alterada bruscamente. Senti alguma confusão e tentei ao máximo organizar o grupo dentro do que era possível, mas ainda assim, este é um ponto que levo como referência para a minha futura profissão.

16/12– Sexta-feira

Hoje foi o dia da Festa de Natal, estando vestida de Pai Natal. Considero que foi uma comemoração simples mas ao mesmo tempo muito importante, porque foi uma forma de trazer os pais a escola e conhecer de forma mais aprofundada o trabalho feito diariamente dentro da sala. Como estive a interpretar o papel de Pai Natal, pouco observei do momento com os pais e pouco tempo estive na sala de atividades com o grupo de crianças, mas considero que foi muito engraçado a presença da figura do pai natal.

No período da tarde, depois de ter tirado o fato de pai Natal, estive na sala e aproveitei este período para apenas brincar e incorporar as brincadeiras das crianças. Foi muito importante ver as crianças felizes com a minha presença nas brincadeiras, dando significado aos materiais na sala e mostrando diferentes potencialidades do mesmo.

SEMANA DE 02/01 A 06/01

03/01–Terça-feira

Depois de duas semanas de ausência, o regresso ao contexto educativo ocorreu de forma tranquila e harmoniosa. Comecei por dar início da rotina diária já conhecida, tentando ao máximo dar continuidade aquilo que ficou “marcado” quando me ausentei.

Quando a educadora chegou à sala estivemos durante muito tempo sentados no tapete a falar sobre o comportamento, a sala e as regras. Isto porque, a educadora também esteve a semana entre o Natal e a passagem de ano ausente, pelo que foi um “refresh” a tudo. Para além disso, a educadora aproveitou para dizer às crianças que já passou muito tempo desde o início do ano letivo pelo que não ia aceitar alguns comportamentos.

Uma vez que foi o primeiro dia após a interrupção, procurei ajudar a equipa educativa em tudo o que podia, questionando o que poderia fazer visto que não tinha nada ao meu alcance. Esta integração permite, não só ajudar na conclusão de trabalhos como para me sentir integrada na equipa.

No período da tarde, juntamente com a Vita estive a fazer uma pequena tarefa na área da descoberta da escrita. Esta criança tem 3 anos e é natural que ainda não saiba escrever o seu nome, pelo que tentei começar a consciencializá-la para as letras do seu nome. Desta forma, comecei por passar o dedo da criança juntamente com o meu por cima das letras, e mais tarde focando-me apenas nas mais fáceis; C e A. No final do momento a criança já conseguiu delinear com a caneta as duas letras referidas atrás, conhecendo inclusivamente o nome da letra. Esta situação despoletou noutra criança de 3 anos a curiosidade em querer escrever o nome e rapidamente foi buscar papel e caneta para o fazer.

Considero que estes momentos de interação adulto-criança são fundamentais para as aprendizagens significativas, principalmente em aspetos como o que foi referido anteriormente.

04/01–Quarta-feira

No acolhimento, o Tiago chegou à instituição a chorar. Já no dia anterior, a encarregada de educação tinha ligado para a educadora porque o filho não queria ir para a escola porque os amigos não estariam lá devido às semanas das festividades. Hoje, a criança chegou a chorar e permaneceu maior parte do dia na mesma angústia, exceto quando estava a realizar alguma tarefa específica. Não é comum o Tiago apresentar estes comportamentos que inclusivamente começaram a preocupar os pais. Esta criança é, ainda, “dependente” de outro amigo que, por sinal, hoje não esteve na instituição, o que também pode ter provocado esta instabilidade. A postura da educadora foi ao nível do consolo e tentar compreender o que se estava a passar para o Tiago estar naquele estado. Eu, também, procurei arranjar-lhe pequenas tarefas que o distraíssem. Contudo porque será que ele chora? Será apenas uma fase? Uma das vezes que o questionei, a criança respondeu-me que queria o pai. Será apenas por ter estado em casa e sente a falta da companhia paternal?

Hoje de manhã, no acolhimento, apenas tinha 4 crianças. Comecei por introduzir a rotina normal até que a educadora disse que como eram poucos o melhor era começar a trabalhar. Considero que seria importante ter cumprido a rotina apesar de serem só 4 crianças, até porque as restantes quando chegassem iriam compreender que já tinha perdido algumas coisas. Para além disso, as crianças tem consciência da rotina a cumprir pelo que surgiram questões como “Não vamos cantar a canção do bom dia?” ou “quem são os responsáveis?”. Ainda aquando desta situação, o João disse que hoje era dia roxo no mapa das presenças ao qual eu perguntei: “tens a certeza João?”. A criança ficou na dúvida. Eu perguntei: “então que dia da semana é hoje?”. A criança não me soube responder e com o auxílio aos mapas existentes na sala (mapa de presenças e do tempo), expliquei à criança e abordámos o assunto, chegando à conclusão que afinal hoje era dia castanho. Talvez fosse importante ter na sala um mapa semanal para pôr o dia da semana em que estamos bem como o dia e o mês. Talvez fosse facilitador de aprendizagem nesse sentido e de forma a que as crianças adquiram a noção de tempo.

05/01–Quinta-feira

À semelhança de ontem, o Tiago chegou de novo a chorar à instituição. Tentei por várias vezes conversar de novo com a criança de forma a compreender o motivo, mas nunca consegui com que a criança conversasse comigo sobre o assunto. Quanto o Vicente, o melhor amigo, chegou, o Tiago ficou mais ativo e menos angustiado. Parece-me que esta criança por ter estado muitos dias seguidos em contexto familiar e, também, pelas vezes que foi à instituição estarem poucas crianças, principalmente porque estão aquelas com que o Tiago tem menos convivência. Considero que com o tempo, a criança irá ultrapassar este obstáculo.

Depois de algum tempo sem evoluir neste campo, voltei à construção dos Fatos do Cuquedo. A realidade é que estes já deviam ter terminado e a peça já devia ter sido apresentada, mas tive algum receio em não conseguir construir todos, pois não tenho a experiência que é precisa. Contudo, com a ajuda da educadora, compreendi a sugestão da mesma e consegui avançar, faltando já poucas personagens. O empenho das crianças, mesmo depois de algum tempo de espera, foi elevado, fazendo inúmeras questões sobre quando irá ser a apresentação.

No período da tarde, disse à Diana para ir para a área da biblioteca e preparar uma história para depois eu ir ouvir. A criança ficou entusiasmada e juntamente com a Mariana preparam o espaço como se fosse um pequeno teatro. Foi muito interessante observar a atitude das crianças, tanto as que estavam a dinamizar o momento tal como as que estavam a observar, que estavam bastante atentas à história. Estes momentos mostram-me que as crianças precisam de momentos destes e que gostam, principalmente porque é algo que a educadora também quer desenvolver com as crianças.

06/01–Sexta-feira

Como tem sido normal, o Tiago chegou à instituição a chorar, mas rapidamente passou a tristeza e a angustia e ficou ativo e participativo nas atividades. Parece-me que já é uma evolução em relação a ontem, mostrando apenas dificuldade em deixar a família.

Ainda no acolhimento e enquanto esperava para receber as crianças que vão chegando, estive a falar com as mesmas sobre o dia dos reis e o seu significado, pois

o grupo parecia não saber a história. Contudo, mais tarde, ao falar com a educadora fiquei a saber que esta já tinha abordado com as crianças no dia anterior a tradição, pelo que fiquei na dúvida se as crianças teriam assimilado ou não o que foi dito. Para isto, considero que era importante ter abordado este assunto com mais tempo e com o auxílio a outros materiais (ex. histórias).

As comemorações do Dia de Reis, foram algo simples, mas a meu ver com significado. Foram convidados os idosos do lar que vieram cantar algumas músicas às crianças. Estas fizeram o mesmo e cantaram algumas canções aos idosos. Considero que estas comemorações podiam ter sido melhor estruturadas de forma a que não existissem dúvidas ou hesitações durante as comemorações. Contudo, tenho consciência que são aspetos que acontecem naturalmente e com frequência.

À semelhança de ontem, enquanto acabava de preparar os fatos do Cuquedo, disse ao Tiago para ir para a biblioteca e preparar uma história para eu ouvir. As crianças prepararam o espaço todo e quando fui para ver a história preparada, fiquei muito satisfeita, porque ouvi comentários como: “A seguir sou eu e o Faísca!”. Na verdade, foram 3 pares que contaram diferentes histórias, umas inventadas e outras com base em alguns livros da biblioteca.

Parece-me que este é uma área que deve continuar a ser desenvolvida pois a partir destes pequenos exercícios muitas são as competências que se desenvolvem.

SEMANA DE 09/01 A 13/01

09/01–Segunda-feira

Em momento de grande grupo, mais concretamente numa conversa sobre o projeto de intervenção, retomei ao que tinha sido dito na semana anterior. Para tal, propus às crianças a concretização dos jornais (algo que foi sugerido pelas crianças), de forma a ambientar as crianças (algumas não tinham estado presentes na anterior conversa). Esta conversa serviu, ainda, para a distribuição de tarefas dentro do projeto de intervenção, sendo esta feita através da autonomia das crianças.

A concretização dos jornais foi feita tendo em conta a planificação das crianças. Fiquei surpreendida com o facto das crianças lembrarem-se de histórias contadas já há 3 ou 4 semanas atrás, lembrando-se inclusivamente de pormenores específicos da história. Considero que as crianças estão muito empenhadas no projeto, não pela sua temática, mas sim pelas atividades aliadas à temática.

Para a construção dos jornais, a Diana refere que há muitos meninos a quererem fazer o jornal e não pode ser. Mas não sabemos decidir e que tinha de ser eu a decidir. Conversei com as crianças de forma a explicar-lhes que teriam de ser elas a combinar entre si e a negociar, sendo que um dia fazem umas e noutro dias fazem outras.

O Pedro e a Leonor regressaram à instituição após algumas semanas ausente. Como seria de esperar, traziam imensas novidades para contar. Considero que é fulcral a partilha das vivências, mas até que ponto pode o educador intervir quando a partilha é excessiva? É uma das dificuldades que ainda sinto. Isto porque tenho consciência da importância da partilha e, eu própria gosto de ouvir as crianças a comunicarem, mas por outro lado, por vocês condicionam a rotina diária programada.

Amanhã é a reunião de pais! Como gerir a rotina e centrarmo-nos fundamentalmente nas crianças (sabendo que são elas a nossa primeira opção) e simultaneamente dar resposta aos trabalho burocrático a desenvolver? Foi uma das dificuldades sentidas. Gerir o grupo de crianças e respeitva rotina, dar capacidade de resposta as necessidades e interesses das mesma e dar resposta à preparação dos

papeis e do espaço para a reunião de pais, foi algo que senti que gerou alguma agitação na sala de atividades.

Talvez fosse importante explicar às crianças o que se iria passar para que estas tivessem conhecimento e de alguma forma pudessem cooperar com a equipa educativa.

Para auxiliar a equipa educativa e ao mesmo tempo promover uma situação de integração educativa (eu com a equipa), procurei sempre que possível ajudar a educadora nas tarefas que tinha para cumprir, auxiliando-a, assim, na preparação da reunião de pais.

10/01–Terça-feira

A educadora hoje entrou mais tarde. A auxiliar só entraria às 9h30, pelo que no acolhimento e um pouco do período da manhã, o grupo de crianças teve de ser distribuído pelas restantes salas de JI. Fiquei um pouco receosa, porque tal como planeado com a educadora, iria cumprir algumas atividades do projeto.

Considero que, apesar de compreender eu a gestão de recursos humanos não é fácil, devia ter sido em conta o meu papel enquanto estagiária, principalmente porque o trabalho que estou a desenvolver é conhecido pela equipa educativa. Contudo, compreendo e respeito toda a dificuldade em gerir as variadas situações que decorrem no dia-a-dia.

Ao contar a história relacionada com o projeto fui interrompida diversas vezes por vários intervenientes (equipa educativa). Esta é a maior dificuldade sentida dentro da sala de atividades, visto que cada vez que dinamizar algum momento, sou várias vezes interrompida, dificultando não só o meu pensamento como também a atenção e capacidade de concentração das crianças. Isto leva a que, mais tarde, seja difícil a captar a atenção das crianças.

Na conversa sobre a história do projeto, as crianças mais velhas conseguiram fazer uma interpretação da história que tinha planeado. Apesar de apenas, a Diana e a Beatriz terem atingido primeiro este pensamento, levou a que mais tarde, o restante

grupo chegasse ao mesmo. Quando cantei a canção sobre a amizade, consegui ainda que até as crianças com 3 anos estivessem empenhados na aprendizagem da canção.

11/01–Quarta-feira

Hoje porque a educadora entrou mais tarde e porque as estagiárias não podem estar sozinhas com o grupo de crianças sem alguém da instituição presente, o meu grupo de crianças foi dividido pelas restantes salas de JI do pavilhão. Fiquei um pouco receosa porque tinha uma planificação para cumprir e, atendendo às condições não o iria conseguir fazer, principalmente porque de manhã é o melhor período para cumprir as tarefas com as crianças. O papel de estagiária é um pouco complicada nesse sentido, porque apesar de ter um trabalho colaborativo com a educadora compreendo que nem sempre este possa ser cumprido. Tenho consciência que estas são alguns dos obstáculos que irão ocorrer durante a minha profissão, mas tendo em conta o trabalho que tenho para cumprir é difícil gerir estas questões.

Na atividade da Estrela da Amizade, pedi às crianças que fizessem pares livremente. Sobrava a Beatriz, o João, o Rei Leão e o Daniel. Perguntei às crianças como iriam ficar os pares e a Beatriz disse: “Eu não fico com nenhum porque nenhum deles sabe fazer alguma coisa de jeito.”. Conversei com a Beatriz sobre a sua conversa e expliquei-lhe que aquela não era a postura correta, fazendo a ligação com o projeto de intervenção que estou a implementar. No final, a Beatriz ficou com o Daniel e o João com o Rei Leão. Fizeram a estrela da amizade e mais tarde trocaram, apresentando sempre boa disposição.

Nesta atividade e não só, é notória uma grande diferença do trabalho a desenvolver, neste caso nos desenhos feitos pelas crianças. Seria de esperar que as crianças mais velhas não gostassem de ficar com as mais novas devido à sua idade. Ainda assim, a Diana e a Leonor escolheram imediatamente duas das crianças de 3 anos, o que me transmite a ideia que também depende do estímulo de cada criança e de algumas relações entre pares, pois tanto a Diana como a Leonor escolheram crianças que estão ao lado delas no tapete. No entanto considero que esta atividade foi interessante, principalmente no momento de troca das estrelas. Observou-se algum carinho entre as crianças o que me indica que os objetivos foram atingidos.

A Sara é uma criança muito afetiva e que está constantemente à procura de um colo, um abraço ou um beijinho. Acontece que, ultimamente, esta criança tem estado muito dependente da mim. Esta criança nem sequer procura ir brincar nas áreas, nem fazer nenhuns dos trabalhos propostos querendo apenas estar junto a mim.

12/01–Quinta-feira

Hoje, tal como ontem, a Sara está constantemente a querer a minha atenção. Chegou a uma altura que me sentei com a criança e perguntei o que se passava para querer apenas estar junto a mim e respondeu-me que apenas queria ficar junto a mim porque gostava de mim. Sendo assim, fui com a criança para uma área e estivemos um pouco a brincar chamando de seguida outra criança para brincar connosco. De forma gradual, consegui que a Sara ficasse a brincar com a Diana e tendo conseguido ausentar-me.

Na construção da estrela grande sobre a amizade, a participação e envolvimento das crianças foi elevado tendo os seus contributos sido relacionados com tudo o que tem sido feito sobre o projeto.

Quanto à rotina tenho estado cada vez mais autónoma na mesma, junto das crianças, bem como estando constantemente a fazer adaptações de forma a facilitar a organização da instituição e também indo ao encontro das necessidades das crianças.

13/01–Sexta-feira

Hoje, devido à gestão da estrutura organizativa, as rotinas são por vezes modificadas. Isto porque, existem por vezes algumas profissionais a ficarem doentes ou a faltar por motivos pessoais que condicionam o funcionamento do resto do contexto. Neste sentido, as rotinas da sala de atividades são alteradas consoante a gestão dos recursos humanos o que leva as crianças a fazerem algumas questões.

No acolhimento, não tive oportunidade de cumprir a rotina como faço habitualmente, pelo que estive algum parte da manhã a ser questionada por algumas crianças dizendo “Quando cantamos a canção do bom dia?” ou “Quando fazemos

aquele jogo da música?”. Isto mostra-me que, para além das crianças terem consciência da rotina, gostam da forma como esta está organizada.

Quando o Tiago chegou à escola, já fora da hora do acolhimento, não quis entrar na sala. Isto só aconteceu depois de se ter apercebido que o seu amigo Vicente não teria vindo. Perante isto, a educadora ficou um pouco no corredor com a criança, falando com ela e tomando atenção ao que esta traria para a escola (uma caderneta). Mais tarde, após este momento, o Tiago entrou na sala e começou logo a brincar com as outras crianças.

Este foi um dos momentos que mais exemplifica a importância do educador na relação com a criança, em ouvi-la e ajudá-la a ultrapassar os seus conflitos.

No período da tarde, quando cheguei à sala de atividades as crianças estavam a fazer uma Sopa de letras. Notei que as crianças não estavam envolvidas na tarefa, muito menos atentas e que estavam cansadas de ali estar. Na minha opinião, teria sido importante deixar as crianças gastarem a energia que tinham e fazer uma pequena dinâmica com elas que fosse do seu agrado e, depois sim, um trabalho de carácter mais atento.

3.1.2. Reflexões Semanais

Semana de 10/10 a 14/10

Finda a primeira semana de intervenção em creche, é importante refletir, de uma forma geral, sobre a experiência vivenciada ao longo dos primeiros dias, bem como a abordagem a alguns pontos que considero relevantes, ao longo do trabalho desenvolvido. Esta reflexão é importante, pois permite-me pensar e analisar alguns acontecimentos de forma mais analítica, tentando encontrar estratégias e respostas a alguns acontecidos que vivenciei e que na altura não saberia como fazer.

Quero ainda referenciar que, tenho por hábito organizar as minhas reflexões semanais em blocos, sendo que cada um diz respeito a uma temática diferente. Salientar ainda que, existe uma temática que será comum a todas as reflexões e que diz respeito à minha postura enquanto futura educadora de infância.

Desta forma, num primeiro momento quero abordar o tema que mais receio me trouxe antes de iniciar a minha prática profissional, mesmo depois de já ter realizado um primeiro estágio em creche - ***Quero sentir-me integrada e ser um adulto de referência!***. Esta primeira semana de intervenção foi muito importante uma vez que me permitiu continuar a estabelecer relações com as crianças. Já tinha existido contacto com as mesmas na semana anterior, considerada a semana de observação. Nesta apenas me preocupei em compreender o funcionamento da sala e da instituição, bem como observar as crianças e criar algumas relações com elas, daí não ter sentido necessidade de refletir sobre algum assunto.

Contudo, esta semana já foi muito diferente. Aos poucos e poucos fui conseguindo mostrar o meu papel dentro da sala e as próprias crianças reconhecerem-me alguma autoridade, o que não tinha acontecido na primeira semana. Ainda durante esta semana, já fui dinamizando pequenos momentos como o acolhimento e alguns momentos de transição. Estes momentos dinamizados por mim foram, sem dúvida, muito importantes para o desenvolvimento da minha profissão. Isto porque, é um grupo de crianças novo que ainda se encontram num processo de adaptação devido ao facto de ser o início do ano lectivo. Por isso, e ainda sem conhecer totalmente algumas crianças bem como algumas rotinas, tem sido um desafio muito agradável ter a oportunidade de estar com as crianças, interpretando o

papel de educadora de infância. Esta segurança também foi transmitida pelos encarregados de educação, quando estes aceitaram a minha presença e aos poucos e poucos foram confiando em mim, transmitindo-me informações importantes sobre os seus educandos e também tendo algumas conversas sobre o grupo de crianças.

Outro aspeto que quero salientar é o facto da equipa educativa ter-me recebido bem e ter-me integrado no trabalho desenvolvido. Tanto a educadora como a auxiliar, tiveram o cuidado de me apresentar às crianças e mostrar qual o meu papel dentro da sala. É muito importante para mim, que ambas as profissionais tenham confiança em mim para gerir o grupo, o que já tem acontecido em alguns momentos. Apesar de ainda ser a segunda semana que estou com o grupo (1 observação + 1 de intervenção), e de tudo ser ainda novo, sinto que irei conseguir um adulto de referência, mesmo com todas as dificuldades que possam surgir.

Ainda em relação às crianças, aos poucos e poucos, a afectividade e a confiança foram crescendo, mostrando sempre uma postura segura, sempre que assim foi necessário. Tive em conta as relações tanto a nível do grande grupo como também algumas relações individualizadas, pois defendo que, uma relação baseada na confiança é essencial porque “a relação individualizada que o/ educador/a estabelece com cada criança é facilitadora da sua inclusão no grupo e das relações com as outras crianças.” (Orientações Curriculares,2016, p. 24). Estas relações vão fazer com que o educador seja responsivo prestando sempre atenção às necessidades das crianças, nunca descurando que na educação de infância “cuidar e educar estão intimamente relacionadas” (Orientações Curriculares,2016, p. 24). Quero ainda referir que, existe uma criança desestabilizadora e que é necessário um apoio individual reforçado. Durante este curto tempo, considero que tenho conseguido atingir o objetivo, mesmo a nível afectivo, pois sinto que é uma criança que está muito ligada a mim. Ainda assim, procuro sempre ouvi-la pois “estar atento/a e escutar as crianças, ao longo dos vários momentos do dia, permite ao/a educador/a perceber os seus interesses” (Orientações Curriculares,2016, p. 24), o que ajuda a perceber o que a criança necessita.

Portanto, ao criar relações de confiança e afectivas com todas as crianças, espero vir a ser uma pessoa de referência, influenciando de forma significativa as suas vivências bem como o seu desenvolvimento.

Quero ainda referir que, pelo facto de ser a primeira semana de intervenção, muitas informações e observações estão ainda a ser consolidadas, pelo que nem sempre consigo ter a facilidade em refletir sobre algum assunto em específico. Por isso, considero que numa primeira abordagem é importante refletir sobre a minha postura e compreender o que ainda pode ser melhorado.

Esta semana, em conjunto com a educadora, já combinámos algumas temáticas a trabalhar com o grupo, inclusivamente para dar cumprimento ao Plano Anual de Atividades da instituição. Assim, irei planear e dinamizar a semana do Halloween, sempre com a supervisão da educadora, tal como tenho ajudado a mesma durante algumas atividades/projetos que está a implementar.

Em suma, ao reler o meu diário de bordo, das duas semanas presentes na instituição, senti a necessidade de fazer uma reflexão para analisar o trabalho que já foi desenvolvido, bem como a minha postura. Certamente, esta reflexão vai servir como forma de melhorar a minha intervenção caso seja caso para tal.

“Ser educador é mais que vestir uma indumentária de intelectual e falar meia dúzia de palavras bonitas. É a reflexão e a ação. É o envolvimento, a busca, a doação... e sobretudo o Amor!”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ministério da Educação. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, Lisboa: ME.

Semana de 17/10 a 21/10

Terminada a segunda semana de intervenção, tal como fiz na semana anterior, é importante analisar e refletir sobre as experiências vividas bem como da minha postura enquanto futura educadora de infância.

É importante salientar que, à semelhança das semanas anteriores (tanto a de observação como a última de intervenção), existem objetivos gerais que continuo a estabelecer para a minha prática, tais como o estabelecimento de relações afectivas com as crianças e o desenvolvimento do trabalho em equipa com a equipa educativa.

Dando continuidade à estrutura das minhas reflexões semanais, num primeiro momento quero abordar, de novo, o tema que mais importância tem para mim - ***Quero sentir-me integrada e ser um adulto de referência!***- Nesta segunda semana de intervenção, já me senti mais integrada nas rotinas e naquele que é o meio das crianças. Gradualmente, já dinamizei pequenos momentos da rotina como o acolhimento e alguns momentos de transição, bem como tendo tido um papel participativo em algumas tarefas planeadas pela educadora. Sempre que me foi possível, partilhei com a educadora observações por mim realizadas, para de certa forma perceber se estou a ir num bom caminho, mas também para conseguir adquirir o maior número de informações sobre as crianças e as rotinas, para que a minha integração seja o mais rápido possível.

Apesar de sentir algumas dificuldades, nomeadamente no que respeita à minha postura enquanto educadora-estagiária, tenho consciência que tenho feito alguns progressos. Considero que sei quando devo intervir e de que forma e, quando não tenho a certeza, recorro à educadora cooperante ou a auxiliar para me ajudar, mesmo que de forma indireta. Confesso que, às vezes tenho algum receio de intervir, até porque tenho algum medo de que a equipa educativa considere que não o tenha feito de forma correta. Como tal, adotei algumas das estratégias utilizadas pela equipa, para que as próprias crianças não sintam muita diferença, mas também porque considero que resultam.

Em suma, as barreiras a ultrapassar para as próximas semanas dizem respeito à minha postura enquanto educadora e, apesar de saber que é neste período que devo errar para que possa aprender, tenho algum receio em fazê-lo. Como tal, irei de forma gradual, estudar as estratégias a utilizar e tenho a certeza que com o tempo e a

prática, irei sentir-me mais segura. Este episódio aconteceu, também, em creche e a verdade é que, quando comecei a intervir diretamente nas atividades com as crianças, comecei a evoluir. Atendendo a que, na próxima semana irei dinamizar o Halloween, tenho esperança que algumas das minhas barreiras irão ser ultrapassadas.

Analisando o diário de bordo da semana em questão mas, também refletindo sobre o que vivencio dentro da sala de atividades, uma das temáticas que quero abordar diz respeito à interação das crianças, mais concretamente – **“Cátia, a Rosa não partilha os carros comigo!”** - sendo que estas são as afirmações que diariamente mais se repetem (pela utilização de um mesmo objeto, pela destruição de construções, por opiniões divergentes perante uma mesma situação/brincadeira/conversa). Alguns dos episódios vivenciados levaram as crianças a situações de conflitos, o que consequentemente nos remete para a gestão dos mesmos. Depois de algumas situações vivenciadas e de algumas reflexões, procurei saber o que é um conflito e, Carita (2005 citado por Batista, 2014, p.38), afirma que [o] conflito é definido como um processo que se inicia quando uma parte reconhece que uma outra, através da sua actividade, interferiu ou está prestes a interferir, de um modo que lhe é desfavorável, em alguma coisa que de alguma maneira lhe interessa, com alguma coisa que a preocupa, o que quer que esta coisa seja (p.41).

Esta foi também uma temática abordada em Creche e que, devido às idades das crianças, adotei por ser mais presente na resolução dos mesmos, até porque as crianças destas idades imitam tudo o que o adulto faz. Contudo, em jardim de infância, a minha postura já é diferente, na medida em que a gestão/resolução de situações conflituosas passam por serem as próprias crianças os atores da resolução. Várias vezes, quando sou confrontada com estas situações procuro chamar as crianças e perceber o que se passou, principalmente se as crianças em questão forem conflituosas. Por outro lado, caso sejam casos mais comuns e simultaneamente crianças que não costumam ter esse comportamento, costumo dizer para serem as próprias crianças a resolver a situação sozinhas dando algumas dicas. Nestes casos, se o conflito persistir terei automaticamente de agir e ter um papel mais assertivo.

Tenho consciência que muitas são as opiniões e posturas sobre esta temática. Sinceramente, defendo uma postura do educador como observador e que apenas intervém quando necessário, mas por outro lado considero que há situações que o educador deve ser logo o mediador. Nesta linha de pensamento, “o papel do adulto é

[assim] ... o de ouvinte, de observador e de alguém que entende a estratégia que as crianças usam [numa] situação de aprendizagem ... [Torna-se] importante que a criança sinta que [o adulto] não é um juiz, mas um recurso ao qual pode recorrer [sempre que necessite] ” (Edwards, 1999, p. 160). Desta forma, e tendo em conta que maior parte das vezes atuo como mediadora dos conflitos, importa-me perceber o que realmente devo fazer neste processo. Tal como refere Jares (2002, citado em Sobral, 2007), “a mediação é um procedimento de resolução de conflitos que consiste na intervenção de uma terceira parte, alheia e imparcial em relação ao conflito, ..., com o objectivo de facilitar um acordo por meio do diálogo e da negociação” (p.111).

Analisando tudo o que já referi anteriormente, considero que estou com a postura adequada, principalmente porque toda a minha prática é centrada na criança de forma a que esta desenvolva todas as suas competências únicas, tornando-as seres autónomos. Considero que, principalmente com crianças que têm tendência para o conflito devo ter um papel mais ativo e assertivo, pelo menos numa primeira situação. Contudo, também acho fulcral que gradualmente, essas mesmas crianças consigam resolver os seus conflitos sozinhas. Acima de tudo, o educador deve estar atento e olhar criticamente para todas as situações, e agir em conformidade com o que acha mais correto. Nem sempre este processo é fácil, principalmente para quem está em início de profissão. Ainda assim, todas as observações feitas à ação da equipa, fazem-me criar a minha identidade e compreender qual a forma que, para mim, faz mais sentido, nunca esquecendo os princípios pedagógicos.

“Educai as crianças e não será preciso castigar os homens”

Pitágoras

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Batista, D. (2014). *O papel do adulto na resolução de conflitos entre crianças do Jardim de Infância*. (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa). Consultada em <http://repositorio.ipl.pt/>

Edwards, C., Gandini, L. & Forman, G. (1999). *As cem linguagens da criança. A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. São Paulo: Artmed.

Semana de 24/10 a 28/10

Concluída a terceira semana de intervenção e, tendo em conta que tive uma participação mais ativa que nas anteriores, porque dinamizei pequenas atividades, é importante analisar e refletir sobre as experiências vividas bem como da minha postura enquanto futura educadora de infância.

Quero ainda referir que, continuo com alguns objetivos transversais que dizem respeito ao estabelecimento de relações afetivas com as crianças bem como desenvolver trabalho em equipa. Apesar de ambos serem presentes durante toda a prática é importante referi-los semanalmente.

No que respeita à temática- ***Quero sentir-me integrada e ser um adulto de referência!***- quero referir que sinto que quantos mais momentos forem dinamizados por mim, mais facilmente as crianças irão reconhecer a minha identidade dentro da sala. Esta semana tive a oportunidade de implementar uma nova rotina, que diz respeito às dinâmicas de grande grupo. Tendo em conta as observações realizadas, notei que as crianças não sabem respeitar o outro e ao mesmo tempo estar em momentos de grande grupo. Desta forma, procurei jogos de dinâmicas de grupo, que são concretizados logo a seguir ao acolhimento. Na implementação dos jogos, as maiores dificuldades foi na gestão do grupo, principalmente devido a heterogeneidade do grupo, uma vez que as crianças mais novas tiveram mais dificuldades em compreender o objetivo dos jogos. Desta forma, procurei colocar uma criança mais velha junto destas crianças para as ajudar. Utilizei, também, esta estratégia na realização de alguns trabalhos manuais, de forma a existir cooperação entre as crianças. Procurei, sempre que necessário, utilizar as estratégias adequadas tendo em conta a tipologia de atividade bem como as características das crianças. Em conversa informal com a educadora, questionei se concordava com a minha postura e se achava que as estratégias por mim utilizadas estariam a ser adequadas, ao que me respondeu positivamente.

Julgo que tenho vindo a progredir gradualmente na minha postura bem como na forma como encaro o dia-a-dia dentro da sala de atividades. Apesar de, ainda sentir algumas dúvidas em relação à rotina diária das crianças, até porque nem sempre tenho consciência do trabalho que existe a realizar, tento ao máximo cumpri-la. Isto porque, também é importante para mim enquanto educadora-estagiária compreender

o papel de educadora enquanto mediadora de uma rotina diária, tendo em conta todas as características conhecidas dela. Para além disto, considero essencial ter a noção do que é estar numa sala de atividades, tendo em conta que devemos estar atentas a tudo o que acontece, desde ao comportamento do grupo, como as tarefas que possa estar a realizar com as crianças em pequeno grupo e ainda, toda a gestão da rotina de forma a cumprir os horários estipulados (ex. as refeições e a higiene).

No que respeita ao trabalho desenvolvido em equipa, considero que tenho partilhado com a mesma todas as observações que considere relevante partilhar, bem como algumas ideias sobre o grupo e não só. É muito importante que a equipa seja coesa e faça um trabalho em contínuo e que acima de tudo, promovam às crianças os melhores momentos junto de aprendizagens significativas, para que desta forma o ambiente educativo seja harmonioso e propenso para experiências únicas.

Em suma, pretendo continuar a evoluir enquanto educadora-estagiária, não só para a construção da minha identidade profissional como também para ser vista como um adulto de referência para as crianças. A importância deste estágio curricular para a minha profissão é, sem dúvida, muita e por isso quero conseguir aprender tudo o que puder mas ao mesmo tempo, ter tempo para intervir, errar, perceber o porquê para não voltar a acontecer.

A temática que pretendo refletir esta semana está diretamente relacionada com arte – **“João, falta desenhares os dedos das mãos. E a cara é de cor-de-rosa?”**- Esta temática já há algumas semanas que reflito e partilho ideias com outras colegas, mas ainda assim não consigo chegar a uma conclusão, apesar de ter uma ideia formada. Quando observo os desenhos de algumas crianças em concreto noto que existe, ainda, alguma imaturidade nos suas conceções. Aquando abordava as crianças sobre alguns elementos importantes dos seus desenhos e lhes dizia “Falta isto, ou falta aquilo”, rapidamente refletia sobre se estaria a agir corretamente. É certo que, é importante que as crianças tenham a possibilidade de puderem expressar-se da forma que para elas lhes faz sentido surgindo a criatividade, sendo esta vista como “um comportamento produtivo, construtivo, que se manifesta em ações ou realizações.” (Lowenfeld, citado em p.6).”

Por outro lado e, concretamente, em crianças finalistas é para mim estranho aceitar que desenhem o mundo que as rodeia de forma tão pouco estruturada, como por exemplo o reconhecimento da figura humana ou de elementos do meio natural. A

pergunta que coloco é: Será que devemos induzir as crianças a desenhar tendo em conta as características do mundo real ou deixá-las imaginar? Será que se uma criança pintar uma árvore cor-de-rosa devemos deixar ficar ou insistir dizendo-lhe que as árvores não são daquela cor? Na minha opinião, considero que deve existir um meio termo, não dizendo à criança que o seu desenho está errado mas indo mostrando à criança a realidade. Enquanto futura educadora, talvez promovesse momentos com imagens reais de forma a mostrar a realidade, conversas de grande e pequeno grupo sobre essas imagens, tentando chamar pelas crianças nas quais identifiquei dificuldades ou até alguns passeios pelo exterior conversando sobre o que estão a observar e mais tarde pedir para retratar. Todas as estratégias que enumerei antes são aquelas que me parecem adequadas tendo em conta a problemática identificada em algumas crianças, até porque “as vivências e experiências que as crianças estão sujeitas, vão influenciar o modo como estas vêem e representa o mundo que a rodeia” (Moser, 2015, p.9). Mas será esta o caminho certo a seguir?

Segundo Moser (2015) , “a arte desenvolvida pelas crianças sofre mudanças ao logo do tempo e, à medida que vão crescendo, as suas aptidões artísticas vão-se tornando mais maduras, adquirindo maior controlo e precisão.” (p.9), o que me indica que as crianças ao longo do tempo vão melhorando a sua visão e a sua transmissão para o papel. Contudo, continuo a achar, principalmente, nas crianças mais velhas deve ser realizado um trabalho de acompanhamento, tal como indiquei anteriormente.

“A criança aprende brincando... E brincando ela é Feliz!”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Moser, V. (2015). *A Criatividade - A Necessidade da Promoção da Atividade Criadora no Pré-Escolar*. (Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Educação e Ciências, Lisboa). Consultada em <https://comum.rcaap.pt/>

Semana de 31/10 a 04/11

Concluída a quarta semana de intervenção é importante refletir e analisar todas as minhas ações bem como alguns comportamentos do grupo. Para além disso é fulcral, não só refletir, como também procurar estratégias e formas de ultrapassar algumas dificuldades, de forma a evoluir enquanto futura educadora de infância.

Salientar ainda que, os objetivos transversais traçados, que dizem respeito ao estabelecimento de relações afetivas com as crianças bem como desenvolver trabalho em equipa, continuam a ser trabalhados.

No que diz respeito à temática- ***Quero sentir-me integrada e ser um adulto de referência!***- quero salientar que, apesar desta semana ter sido ligeiramente diferente da rotina diária normal, senti que já vou conseguindo ter a gestão do grupo completa. Reconheço que tenho alguns momentos que não tenho a certeza se a minha postura está correta, mas procuro sempre encontrar a melhor solução para resolver esses momentos. Acima de tudo, procuro ser um adulto responsivo, respondendo sempre às necessidades das crianças mas nunca esquecendo o trabalho que deve ser desenvolvido pela educadora: cuidar e educar!

Quanto ao trabalho desenvolvido com o grupo de crianças, considero que tem sido adequado procurando sempre o interesse das crianças. Procuro, também, conversar sempre que possível com a educadora sobre as minhas ideias e as intenções, para que de certa forma seja um trabalho colaborativo e, até porque não consigo implementar algo sem ter partilhar o meu pensamento enquanto educadora de infância.

Quando à postura das crianças, a cada dia que passa, sinto mais o carinho por parte delas, dando-me muitos abraços e beijinhos. Pode parecer algo simples, mas para mim são ações que mostram o que sou para elas, principalmente porque estes momentos ainda não acontecem com todas as crianças. Para além disso, quero ainda notar que, principalmente quando anuncio que me vou embora, até porque muitas crianças já tem consciência qual é a altura do dia, maior parte do grupo despede-se de mim com muitos carinhos e vindo acenar à janela. Estes comportamentos, apesar de serem simples, transmitem-me muita coisa, inclusivamente vontade de trabalhar com o grupo.

Quanto ao trabalho em equipa, esta semana não me quero somente focar na equipa educativa cooperante que me acompanha, mas no trabalho desenvolvido entre as estagiárias. Foi-nos proposto realizar algo para as crianças, na comemoração do Halloween e, mesmo com pouco tempo, conseguimos criar uma história e dramatizá-la. Penso que de uma forma geral, para o que foi ensaiado correu bem, apesar de não ter tido muita segurança no trabalho desenvolvido. Ainda assim, considero que as estratégias que utilizei foram importantes pois procurei sempre mostrar tudo a todas as crianças e, quando senti o grupo mais irrequieto sentei-me junto deles, para conseguir captar a atenção deles.

“Meninos venham cá, vamos fazer um jogo!”- Esta foi a frase que utilizei num dos dias desta semana, no dia do Halloween. Tradicionalmente, este é um dia fora da rotina diária, pelo que automaticamente pensei em brincadeiras/jogos lúdicos para fazer com as crianças. Não conhecia a tradição da instituição mas pelo que consegui recolher da educadora, seria um dia para dançar, brincar, saltar e sorrir, principalmente porque as condições climatéricas permitiram estarmos no recreio o período da manhã e da tarde proporcionando, desta forma, momentos fora da sala de atividades, oferecendo a “possibilidade de explorar a zona de exterior assim como outros espaços comuns, que promovam outras experiências” (Coelho & Tadeu, 2015, p.112).

No período da manhã e, porque estavam as 4 salas de jardim de infância no recreio, optei por acompanhar as brincadeiras das crianças, envolvendo-me quando necessário e percebendo quais as suas preferências. De seguida, foi hora do teatro desenvolvido por nós, estagiárias, pelo que não tive oportunidade de observar as crianças no recreio. Contudo, no período da tarde e já depois das observações realizadas de manhã, optei por fazer jogos de grande grupo, principalmente jogos que as crianças conhecessem. O feedback foi muito positivo e senti que as crianças estavam contentes e empenhadas nas tarefas. Existiram crianças que me disseram diretamente que não queriam jogar e eu, deixei-as sair e irem brincar para onde quisessem.

Tendo em conta o que vivenciei, considero muito importante que as crianças tenham tempo para brincar livremente, tendo oportunidade de se exprimirem, até porque segundo Coelho e Tadeu (2015), brincar traz às crianças “maior felicidade, realização pessoal, ..., preenchimento do corpo da alma” (p.109). Ou seja, experienciam emoções e situações que as deixam a sentir-se bem e confortáveis

consigo próprias, contribuindo isso para o desenvolvimento psicossocial e cognitivo. Por outro lado, é importante o adulto orientar as brincadeiras, principalmente quando percebe que as brincadeiras não tem alguma estrutura. Nesse aspeto e, porque senti que muitas crianças apenas corriam de um lado para o outro ou atiravam pedras ao ar, agi diretamente procurando ocupar as crianças com momentos lúdicos e interessantes. Nesta linha de pensamento, para que as crianças se sintam realmente envolvidas nas atividades, é indispensável que o educador seja participativo. Post e Hohmann (2011) classificam essa participação no tempo de brincadeira e jogo como “dar-e-receber” (p.255). Quer isto dizer que, durante o tempo de brincar, o adulto deve participar e comunicar com a criança. Deve incentiva-la a tomar decisões relativamente ao que quer fazer e como quer interagir, assim como estar pronto para dar resposta a dúvidas ou pedidos realizados por parte das crianças, não os ignorando.

Em suma, considero que é importante que o educador tenha um mal ativo durante a brincadeira da criança, sendo este visto de duas perspectivas diferentes: num primeiro momento como observadora de forma a compreender as preferências das crianças; de seguida, deve orientar as brincadeiras, principalmente quando o adulto observa nas crianças brincadeiras sem estrutura ou, simplesmente porque tem como intenção promover a exploração de algo no espaço exterior.

“O importante na educação não é o conhecimento fatos, mas dos valores!”

Dean Inge

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Coelho, R. & Tadeu, B. (2015). A importância do brincar na educação de infância. In Pereira, S., Rodrigues, M., Almeida, A., Pires, C., Tomás, C. & Pereira, C. (Orgs), *Atas do II Encontro de Mestrados em Educação e Ensino da Escola Superior de Educação de Lisboa* (pp. 106-114). Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais.
- Post, J. & Hohmann, M. (2011). *Educar a criança*. (4.ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Semana de 07/10 a 11/11

Terminada a quinta semana de intervenção, sinto necessidade de olhar para todo os acontecimentos com um sentido crítico, analisando e refletindo a minha intervenção, o contexto em que me insiro bem como o grupo de crianças. Para além disso, considero importante após essa análise, procurar estratégias e formas de ultrapassar as barreiras surgidas.

Referir ainda que, os objetivos transversais traçados, que dizem respeito ao estabelecimento de relações afetivas com as crianças bem como desenvolver trabalho em equipa, continuam a ser trabalhados, sendo que a cada dia que passa estas relações crescem e permitem o desenvolvimento de um trabalho diferente.

Quanto à temática abordada ao longo de todo o meu percurso - ***Quero sentir-me integrada e ser um adulto de referência!***- posso afirmar que esta foi uma semana um pouco agitada, não só no que respeita aos comportamentos das crianças como, conseqüentemente, a minha postura. Ainda assim, um aspeto que considero importante para um educador de infância é a gestão do grupo e, na minha opinião, considero que é algo que tenho controlo. Seja em que momento do dia for e em que contexto for, o grupo respeita-me e já me reconhece como figura de referência, procurando-me em momentos de conflito ou simplesmente para um momento mais afetivo.

No que toca ao trabalho desenvolvido com o grupo de crianças, considero que este tem sido adequado ao grupo, procurando responder ao interesse das crianças, mas acima de tudo procurar responder às necessidades do grupo em geral, sentidas por mim enquanto educadora-estagiária. Importa referir que todas as minhas intenções para o grupo são partilhadas com a educadora, bem como o trabalho que planeio e implemento. Desta forma, esta semana procurei dar continuidade ao trabalho desenvolvido respeitante às dinâmicas de grande grupo. Repeti alguns dos jogos já realizados anteriormente, observando evolução para o momento inicial. Para além disso, incluí novos jogos, principalmente depois da hora de almoço, de forma a que as crianças relaxassem mas ao mesmo tempo estivessem em grande grupo. De uma forma geral, procuro que o trabalho seja coerente e desenvolvido tendo em conta as minhas intenções e as necessidades da criança.

Quanto à postura das crianças, em concreto, esta semana o grupo esteve muito agitado, sem motivo conhecido. Contudo, continuam a ser um grupo com as

mesmas características iniciais, apesar de aos poucos e poucos já ser notório alguma evolução em alguns momentos concretos como o acolhimento em que as crianças querem fazer as suas partilhas.

Tal como referi a semana anterior, as crianças conhecem a minha rotina e sabem quando se aproxima a hora de ir embora. Como tal, cada vez que saio da sala as crianças questionam-me se eu vou embora, o que me dá a ideia de que as crianças gostam da minha presença e, daquilo que lhes proporciono.

Quanto ao trabalho em equipa, uma das grandes dificuldades é o facto de não ter, ainda, uma consciência plena do trabalho desenvolver dentro da sala, pelo que considero que a articulação entre mim e a educadora deve ser mais desenvolvida. Ainda relativamente à educadora, procuramos trabalhar em conjunto, sendo que partilho com a mesma, todas as minhas questões, dúvidas e ideias. Quanto à auxiliar, tenho uma relação muito harmoniosa com a mesma, apesar de estar pouco tempo com a profissional na sala.

“Tenho vergonha do Tiago!”- Esta foi a fala de uma criança já ocorrida a semana anterior e que partilhei com a educadora. Num momento de jogo (cf. Diário de bordo, 4 de novembro de 2016, sala de atividades), o Vicente perdeu de propósito porque o seu amigo mais próximo, Tiago, perdeu. Este momento despoletou uma situação que já tinha dado conta, mas que nunca considere que fosse tão grave como é. Sabendo que a criança que é influenciável pela outra, também está a passar pela fase em que irá ter uma irmã e que, a mãe já tinha informado que esta nova adaptação não estava a correr bem, pode ser um conjunto de factores que está a tornar a criança assim. Ainda de acrescentar que, as crianças que eram próximas do Vicente passaram para o 1º Ciclo, no ano lectivo anterior, tendo ficado apenas o Tiago como referência.

As relações entre pares é de extrema importância, pois “as crianças, ao interagirem com, ..., crianças, ..., desenvolver-se-ão a vários níveis, não só social, pois criam mais laços com os pares, bem como intelectual, uma vez que deixam de ter interações físicas, de toque aos outros para mostrarem algo, para uma conversa mais elaborada entre elas.” (Rosa, 2014, p.75). Acontece que, neste caso concreto, tenho a sensação que a interação já é exagerada, chegando ao ponto do Vicente ser influenciado nas brincadeiras livres, nos trabalhos desenvolvidos e até nas tarefas que o adulto possa solicitar a esta criança. Segundo Roberts (1995, cit. Siraj-Blatchford, 2007:145 citado em Rosa, p.79) a criança vê-se a si mesma pela forma como as

peças importantes para ela interagem consigo. Para todas as crianças a questão que têm em conta é: “Será que sou aceitável, será que sou amada?”. Esta pode ser a problemática, tendo em conta o historial do Vicente, mesmo a nível familiar. Assim sendo, e tendo em conta que o Tiago é a criança mais próxima do Vicente, é natural que exista esta influência. Contudo, tendo em conta que a forma como as pessoas interagem com as crianças vai influenciar a noção do eu, que cada criança está a desenvolver, seja esta positiva ou negativa, considero que seja importante controlar esta situação, não cortando a ligação entre as duas crianças mas sempre que possível e necessário, mostrar a ambas as crianças outras realidades. Nesta linha de pensamento e, para que “uma interação seja segura e positiva será importantíssimo a presença do educador e a sua própria consciência da importância das relações sociais entre crianças, devendo mobilizá-las na sua prática” (Móia, 2015, p.37), tendo sempre em conta casos específicos como o relatado anteriormente.

Para além disto, é importante ter consciência que as interações “estabelecem a base para futuras atitudes e comportamentos sociais ou antissociais” (Bronson, 2000 citado por Móia, 2015, p.30), pelo que assuntos relacionados com esta temática devem ser acompanhados com atenção e cuidado.

“Educar é uma arte e são muitas as competências que convergem nesta arte... Os conhecimentos necessários para o fazer não são apenas uma competência técnica. Podem, sem dúvida, ser adquiridos, mas são também algo que provém das crenças mais profundas de cada um de nós e da nossa paixão pelas Crianças e pelo Mundo.”

(Daniel Walsh, 1994)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Móia, R. (2015). *As Relações entre pares – Resolução de conflitos*. (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa). Consultada em <https://comum.rcaap.pt/>

Rosa, A. (2014). *Interações sociais entre pares em creche e jardim de infância*. (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação Setúbal, Setúbal). Consultada em <https://comum.rcaap.pt/>

Semana de 14/10 a 18/11

Finda a sexta semana de intervenção, é necessário analisar tudo o que foi vivenciado diariamente, apoiando-me no diário de bordo, de forma a refletir os momentos que mais importantes foram para mim. Acrescentar ainda que, é a partir desta análise, que muitas das vezes modifico a minha postura e a minha forma de intervir, para que esta seja a mais adequada.

É importante salientar que, os objetivos transversais traçados para a ação, continuam a ser desenvolvidos, tendo como foco as crianças que ainda não tenho tanta relação afectiva criada.

Quanto à temática abordada ao longo de todo o meu percurso - ***Quero sentir-me integrada e ser um adulto de referência!*** - considero que a cada dia que passa, estou mais envolvida, tanto na rotina diária bem como no grupo de crianças. Todas as questões/dúvidas que existam por parte das crianças, estas partilham comigo, tendo que por vezes reencaminhar para a educadora ou a auxiliar, uma vez que nem sempre posso tomar decisões. Para além disso, fico satisfeita que as crianças já me reconheçam como adulto de referência, tanto em momentos de conflito como para os momentos afetivos.

No que toca ao trabalho desenvolvido com o grupo de crianças, considero que as aprendizagens transmitidas às crianças têm sido significativas, uma vez que são as próprias crianças que se lembram de algumas atividades para repetir. Para além disso, muitas vezes são elas que se lembram de cumprir a rotina, cantando canções ou fazendo alguns jogos, o que me transmite que as crianças gostaram e querem continuar a fazê-lo. Para além disso, procuro sempre responder aos interesses e necessidades das crianças, ouvindo sempre a opinião do grupo sobre algumas tarefas a realizar. Desta forma, esta semana irei continuar a dar resposta ao trabalho desenvolvido, dando continuidade ao projeto iniciado esta semana bem como ao fatos para a peça de teatro.

Quanto à postura das crianças, à semelhança da semana anterior, no início grupo esteve muito agitado, sem motivo conhecido. Contudo, existiram dias com um número reduzido de crianças, o que facilitou muito o trabalho desenvolvido com as crianças. Ainda assim, existem comportamentos e características que continuam a ser

visíveis desde o início da PPS, apesar de aos poucos e poucos já ser notório alguma evolução.

Quanto ao trabalho em equipa, esta semana conseguimos articular o nosso trabalho de uma forma harmoniosa, dando espaço a cada uma para intervir. Na quinta-feira, conseguimos preparar a semana seguinte, fazendo uma distribuição das tarefas pelos dias da semana, bem como a partilha de ideias. A educadora auxiliou-me no projeto, dando algumas ideias para completar o mesmo e ao mesmo tempo responder também, ao trabalho que esta quer desenvolver com o grupo. Desta forma, conseguimos realizar um trabalho colaborativo, com a partilha de ideias.

“Vamos relaxar um pouco”- No dia que o número de crianças foi reduzido, estando essencialmente crianças finalistas presentes na sala, lancei o desafio de criar o “Momento de Relaxamento”. Depois da hora de almoço, procurei colocar músicas calmas para que o grupo se acalmasse e ao mesmo tempo relaxasse. Mais tarde, organizei o grupo em pares e fizeram massagens uns aos outros. A adesão das crianças a este momento foi muito elevada, principalmente porque estes momentos tem vários factores associados, como o tocar e deixar-se ser tocado pelo outro, estar em silêncio e conseguir estar atento.

É importante que as crianças tenham acesso a momentos de relaxamento e que percebam a importância destes. Isto porque, todos nós sabemos que o mundo em que vivemos está repleto de agitação por parte dos adultos/pais/famílias, o que por consequência, impulsiona esta agitação nas crianças. Tal como defende Silva (1998) citado em Lima (2012), “crianças [estão] cada vez mais agitadas, agressivas, intranquilas, desatentas, com dificuldade de concentração e com baixa resistência à frustração” (p. 20). Por vezes, o próprio ambiente do Jardim de Infância estimula esta agitação, pelo que é importante parar e relaxar, pois “esta agitação não favorece as condições de aprendizagem. (Lima, 2012, p.20). Deste modo, procuro a implementação de momentos de relaxamento como suporte de uma boa aprendizagem, pois o relaxamento canaliza para que o corpo acalme e ao mesmo tempo o cérebro acalme e se prepare para apropriar novos conhecimentos e aprendizagens significativas. (Silva, 1998 citado em Lima, 2012, p.20-21)

Desta forma, pretendo enquanto educadora-estagiária insistir neste método e, mesmo quando for educadora de infância, defender este pensamento e implementar esta rotina. A realidade é que, após ter dinamizado este momento com as crianças,

estas ficaram mais calmas e as brincadeiras nas áreas decorreram de forma calma e com menos barulho, do que é costume.

“Só é possível ensinar uma criança a amar, amando-a.”
Johann Goethe

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Lima, A. (2012). *“Relatório reflexivo de estágio: o relaxamento com crianças de jardim-de-infância* (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Viseu, Viseu). Consultada em <https://comum.rcaap.pt/>

Semana de 21/11 a 25/11

Concluída a sétima semana de intervenção, é fulcral refletir e analisar momentos vivenciados que considero importantes. Nesta altura da minha intervenção, existem muitos episódios repetidos, que apenas considero relevante analisar durante o diário de bordo, utilizando a reflexão semanal apenas para destacar o mais importante.

É importante salientar que, os objetivos transversais traçados para a ação, continuam a ser desenvolvidos, tendo como foco o bem estar das crianças.

Quanto à temática que mais importância atribuo - ***Quero sentir-me integrada e ser um adulto de referência!*** - julgo que todas as crianças já me reconhecem como um adulto de referência, procurando envolver-me em todas as atividades, brincadeiras, momentos de carinho e afetividade ou em momentos de conflito entre as crianças. Considero que as crianças, de forma gradual tem vindo a compreender o meu papel e postura dentro da sala de atividades. Sinto-me cada vez mais confiante para intervir seja em que ocasião for e, ao mesmo tempo com muita vontade de proporcionar às crianças momentos e aprendizagens significativas.

No que toca ao trabalho desenvolvido com o grupo de crianças, esta semana comecei a dar mais ênfase ao meu projeto de intervenção, focando-me no essencial e naquilo que quero transmitir às crianças. Penso que numa primeira abordagem, as crianças responderam de forma muito positiva às minhas propostas e desafios, bem como deram sugestões de outras. Fiquei satisfeita com o trabalho que desenvolvi, tendo o produto final colocado no placar. Contudo, confesso que ainda sinto algumas inseguranças e receios quanto à problemática a que me propus. Considero que é muito importante trabalha-la com o grupo em questão, apesar de nem sempre saber fazê-lo.

Quanto à postura das crianças, considero que esta foi uma semana mais calma, também porque existiram dias que faltaram determinadas crianças que condicionam a rotina e o trabalho realizado na sala. Contudo, sinto que as crianças já conhece a minha forma de agir e já compreende as diferenças dos determinados momentos (ex. a seguir ao almoço, costuma existir um jogo). Para salienta esta ideia, refiro que esta semana fui várias vezes questionado sobre que jogos iríamos fazer

durante o decorrer dos dias, ouvindo sempre a opinião das crianças e chegando a um consenso.

Quanto ao trabalho em equipa, considero que a dificuldade que existia ao início tem vindo a ser ultrapassada na medida em que sabemos o que irá acontecer cada dia. O facto de, semanalmente, termos oportunidade para conversar, partilhar ideias e preparar a próxima semana ajuda-me muito, não só porque sinto mais confiança como também para ter o auxílio de alguém que já é profissional de educação há vários anos.

“Brincadeira Livre? Vamos desmistificar este conceito!”- No decorrer desta semana, quando mostrei a planificação semanal à supervisora institucional, fui questionada sobre o conceito de “Brincadeira Livre”, estando este presente na planificação apresentada. Quando elaborei a planificação, sempre com o conhecimento da educadora cooperante, tinha consciência do que era “Brincadeira Livre”, interpretando este conceito, como o momento em que as crianças estão distribuídas pelas áreas, brincando de forma livre tendo em conta os seus interesses. Quando me refiro à palavra “Livre” é somente na medida em que, as crianças podem escolher a área a que recorrem, tendo sempre em conta as regras da sala de atividades. Contudo, será este a nomenclatura correta? Qual será o papel da educadora?

Depois de uma pesquisa sobre este tema, encontrei documentos relacionados com a importância do brincar. Segundo Mandjavo (2015),

Brincar, é a criança estar em contacto com o meio envolvente, criando, imaginando e interagindo com o outro e com o mundo que a rodeia. É através de actividades lúdicas que ela explora o seu mundo interior imitando aspectos da vida adulta para compreendê-la melhor; a criança quando brinca investiga a vida. (p.6)

Desta forma, é importante as crianças terem o seu tempo para brincar, explorar e aprender de forma autónoma, sendo este um dos momentos cruciais no grupo de crianças em questão. Defendo que, a criança deve ter liberdade de escolha, procurando realizar o que mais interesse lhes suscita. Por outro lado, julgo que o adulto deve ser observador e perceber quais as escolhas do grupo e compreender se estas são positivas. (ex. há crianças que procuram escolher sempre a mesma área.)

À questão “Qual será o papel da educadora?”, considero que para além de observador e atento às brincadeiras das crianças, deve ser alguém que explica o que é brincar, de forma a clarificar este conceito. Contudo é importante que fique esclarecido que, o educador não deve dirigir as brincadeiras, mas sim apoiar-las. (Mandjavo, 2015, p.17). Para isso, Freud (1908) citado em Mandjavo (2015) “sugere ao educador reconciliar-se com a criança que existe dentro de si, não para ser novamente criança, mas para compreendê-la e, a partir disso, interagir com seus alunos – a criatividade subsiste na vida adulta”. (p.17)

Assim, defendo que a educadora, sem ser intrusiva e, muito menos, omisso deve zelar pela brincadeira da criança intervindo de forma a mostrar/clarificar o conceito, mas deixando também a sua criatividade e imaginação emergir. Para além disso, é importante que a educadora coloque desafios e provoque novas situações durante as brincadeiras das crianças. (FORTUNA, 2013a, p. 34 citado em Barbosa & Fortuna, 2015, p.20).

Em jeito de conclusão e respondendo à questão “Será que a nomenclatura utilizada é correta?”, considero que esta pode não ser a correta. Talvez fosse importante realçar qual o trabalho desenvolvido durante esta brincadeira, e portanto usar outro conceito. Sugeria que, tanto nas planificações do educador, como nas informações dadas às famílias, pode ser dito que o momento de brincadeira livre é somente as brincadeiras concretizadas pela criança nas diferentes áreas em que a sala está organizada. Contudo, é importante salientar a necessidade de intervenção do educador, participando ativamente nas brincadeiras das crianças, mas nunca dirigindo-as, tal como procuro fazer¹⁰ sempre que possível, principalmente em áreas menos escolhidas pelas crianças, onde estas procuram dar outro significado às brincadeiras.

¹⁰ “É notório e até referenciado por algumas crianças, que a área da biblioteca não suscita interesse algum para as crianças. Como tal, a educadora incentiva as crianças a irem para aquela área e explorarem-na. Assim, hoje sentei-me um pouco na área em questão juntamente com o Rocky, a Leonor, a Diana e o Pedro e contei-lhes uma história com o recurso de fantoches que a área disponibiliza. No final, o feedback das crianças foi positivo e mostrei-lhe de que forma podemos utilizar a área da biblioteca. Considero ainda que, esta área deve ser mais desenvolvida, mesmo com as crianças, porque considero que elas [as crianças] associam à área da biblioteca, a leitura do livro.” (Diário de bordo, 11 de outubro de 2016, sala de atividades)

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barbosa, C. & Fortuna, T. (2015). *“O brincar livre na sala de aula de Educação Infantil: concepções de alunas formandas da Licenciatura em Pedagogia”*. APRENDER – Cadernos de Filosofia e Psicologia da Educação, 15, 13-40.

Mandjavo, L. (2015). *“O brincar livre na sala de aula de Educação Infantil: concepções de alunas formandas da Licenciatura em Pedagogia”*. (Dissertação de mestrado em Educação Pré-Escolar, Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, Lisboa). Consultada em <https://comum.rcaap.pt/>

Semana de 28/11 a 02/12

Finda a oitava semana de intervenção, é importante refletir e analisar momentos vivenciados que julgo serem importantes. Nesta altura da minha intervenção, existem muitos episódios repetidos, que apenas considero relevante analisar durante o diário de bordo, utilizando a reflexão semanal apenas para destacar o mais importante.

É importante salientar que, os objetivos transversais traçados para a ação, continuam a ser desenvolvidos.

Quanto à temática que mais importância atribuo - ***Quero sentir-me integrada e ser um adulto de referência!*** - esta foi uma semana teoricamente mais agitada, provavelmente pela quantidade de atividades que está a decorrer. Continuo com o meu projeto de intervenção, não tendo sempre a disponibilidade que gostaria, tento dar continuidade à construção dos fatos para a peça de teatro, que confesso que irá ser apresentada só em Janeiro, até porque dou mais ênfase ao projeto. Para além disso, iniciámos as decorações/presentes para o Natal, pelo que gerir todas estas atividades junto daquelas que por vezes aparecem com a instituição em global, é muito difícil.

Em relação à minha postura, estou satisfeita com o trabalho que tenho vindo a desenvolver ao longo do projeto de intervenção, apesar de continuar com algumas dúvidas. Ainda assim, e relativamente à rotina em geral, sinto-me muito confiante para intervir, liderando a gestão do grupo em vários momentos, o que me proporciona uma à vontade muito boa dentro da sala de atividades e que as crianças reconheçam-me, cada vez mais, como figura de referência.

Quanto à postura das crianças, continuam a estar interessadas no projeto que estou a desenvolver, apesar de não suscitar diretamente de uma curiosidade do grupo. Contudo, cada vez que falo no projeto, até porque este está diretamente exposto na sala de atividades, o interesse das crianças é visível, respondendo as perguntas que questiono, mas também fazendo muitas sugestões do que pode vir a ser feito. Quanto às dinâmicas de grande grupo, estas tem sido muito importantes para as crianças, uma vez que em vários momentos das suas brincadeiras ou no recreio, observo as crianças a fazer as mesmas dinâmicas, ou a solicitarem-me para fazer.

Quanto ao trabalho em equipa, considero que a dificuldade que existia ao início tem vindo a ser ultrapassada na medida em que sabemos o que irá acontecer cada dia. Apesar de considerar que por vezes ainda existem algumas falhas na comunicação, julgo que desde que planificamos em conjunto tem sido mais facilitador para mim e para a restante equipa educativa.

“Cátia, hoje não vamos ao recreio?” - esta foi uma das questões que uma das crianças me questionou perto da hora de almoço, num dia chuvoso. As crianças já sabem que, quando se aproxima a hora de almoço, é normal irem um pouco ao recreio. Contudo naquele dia, as condições climatéricas não permitiam isso. Ou será que permitiam? É esta a questão que coloco!

É certo e comprovado que a brincar no exterior é muito importante para as crianças, não só pelo facto de poderem explorar outro meio mas também porque é fulcral as crianças saírem da sala de atividades, principalmente quando esta é pequena como é o caso do grupo de crianças em questão. Para além disso serão as condições climatéricas uma condicionante?

Defendo que as crianças, devem ir ao exterior sempre que possível e, quando me refiro a exterior não menciono apenas o espaço do recreio das instituições, mas sim explorar o meio envolvente. Se está frio? Existem casacos e acessórios que protegem! Se está chuva? Aí sim, considero que possa ser mais complicado gerir, mas é possível sair nem que seja para um simples passeio pelas ruas anexas às instituições. Tal como refere, Neto (2000, citado em Rosa, 2013, p. 7), “nos dias de hoje, o tempo espontâneo, da imprevisibilidade, da aventura, do risco, do confronto com o espaço físico natural, deram lugar ao tempo organizado, planeado, uniformizado.”. Assim, cada vez mais, procura-se na Educação de Infância atividades planeadas em determinados domínios para torna-las capacitadas para diferentes desafios ao longo da vida. Mas assim, onde entra o brincar? Sendo este, visto como uma experiência vital através da qual a criança se desenvolve nas suas competências sociais, conceptuais e criativas em simultâneo com o conhecimento e apreensão do mundo que a rodeia. (Santer, Griffiths & Goodall, 2007 citado em Rosa, 2013, p.8).

Tendo em conta a importância dada ao meio exterior citada pelos autores, seja ele o meio envolvente ou somente o espaço exterior da instituição, considero que esta é uma prática que deve ser revista. Isto porque, é fulcral as crianças terem o maior

número de vivências em diferentes espaços e, porque defendo que é necessário por vezes quebrar a rotina.

Em suma, enquanto futura educadora, irei ter este pensamento em conta e agir de forma coerente com a minha forma de pensar.

“O professor não ensina, mas arranja modos de a própria criança descobrir.

Cria situações-problemas.”

Jean Piaget

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Rosa, A. (2013). *“A importância de brincar no exterior: análise dos níveis de envolvimento de crianças em idade pré-escolar.”* (Dissertação de mestrado na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra). Consultada em <https://comum.rcaap.pt/>

Semana de 05/12 a 09/12

Concluída a nona semana de intervenção e, apesar desta ter sido uma semana ligeiramente diferente das habituais, é sem duvida fundamental refletir e analisar os momentos vivenciados. Apesar de momentos constantes e diferenciados que devem ser analisados e reflectidos, esta análise é cada vez mais diária e momentânea e não tanto colocada em papel, isto porque, na minha opinião alguns dos momentos já se tornam repetitivos não considerando relevantes escrevê-los, pois já o fiz anteriormente.

Assim sendo, nesta semana existiram diversos fatores que condicionaram¹¹ a minha intervenção, não salientando alguma temática a abordar de forma mais profunda.

É importante salientar que, os objetivos transversais traçados para a ação, continuam a ser desenvolvidos.

Quanto à temática que mais importância atribuo - ***Quero sentir-me integrada e ser um adulto de referência!***- esta foi uma semana completamente diferente da rotina diária, isto porquê encontramos-nos nas comemorações do Natal, focando apenas nesta festividade. A rotina diária, apesar de flexível, é curta para todo o trabalho que existe a desenvolver, pelo que considerei que esta e a próxima semana seria importante estar focada no Natal, fazendo alguma ligação com o projeto de intervenção a decorrer.

A planificação concebida por mim em conjunto com a educadora, foi por várias vezes modificada e adaptada, ficando por vezes algumas atividades do projeto em atraso, dando prioridade aquilo que são as imposições da instituição, neste caso específico, a construção da decoração e prendas de Natal. Ainda assim, considero que estes momentos podem e devem ser repensados pelos profissionais de educação, principalmente porque apenas se comemora o Natal porque é imposto, considerando que esta questão deve ser abordada com as crianças de uma outra forma. Confesso que, pensei várias vezes fazer aquilo que para mim seria correto, mas como já referi, o tempo é curto e os trabalhos que as crianças devem fazer

¹¹ Quando ia começar a ler uma história no âmbito do projeto em decurso, fui interrompida pela auxiliar da sala do lado, pois esta tinha combinado com a educadora, fazer uma atividade com as crianças finalistas. Fiquei muito surpreendida pois não sabia do que iria acontecer, tendo que terminar a atividade que tinha iniciado através da conversa anterior à história. (Diário de bordo, 5 de dezembro de 2016, sala de atividades)

(decoração/prendas) é muito, precisando, inclusivamente, da presença do adulto para a concretização das tarefas. Ainda assim, procurei sempre que possível chamar à atenção das crianças para o projeto, continuando a fazer as mesmas dinâmicas de grupo feitas anteriormente. Para além disso, mesmo em momentos de brincadeira das crianças foi observável que as crianças continuam despertas para o projeto, fazendo algumas questões que registei, dinamizando alguns dos jogos por mim ensinados e, até procurando ver o trabalho desenvolvido que está exposto na sala. Isto remete-me para um interesse por parte das crianças e, para o facto de elas não se esquecerem do assunto que temos estado a trabalhar. Quanto a esta temática, considero ainda que já são observáveis algumas diferenças comportamentais em algumas crianças, pelo que considero que os temas por mim abordados bem como as conversas desenvolvidas tem trazido ao grande grupo mudanças significativas.

Em relação à minha postura, estou satisfeita com o trabalho que tenho vindo a desenvolver, não só com o projeto de intervenção como também com a minha inclusão no trabalho em equipa. Ainda assim, e relativamente à rotina em geral, sinto-me muito confiante para intervir, liderando a gestão do grupo em vários momentos, o que me proporciona uma à vontade muito boa dentro da sala de atividades e que as crianças reconheçam-me, cada vez mais, como figura de referência.

Quanto ao trabalho em equipa, considero que tenho estado muito presente nas tarefas a realizar, procurando auxiliar a educadora sempre que necessário, partilhando ideias e operacionalizando outras, para que o trabalho flua de forma natural e para que, a educadora não esteja com determinado grupo de crianças e eu com outro a fazer trabalhos completamente diferenciados, defendendo que isto não é uma prática pedagógica com a qual me identifico.

Em suma, apesar desta semana ter sido reduzida, uma vez que existiu um feriado e tive que faltar outro dia por estar doente, considero que o trabalho desenvolvido foi concretizado de forma harmoniosa, procurando sempre o bem-estar das crianças, mas também de forma a que o ambiente da sala de atividades seja calmo, apesar do momento festivo nem sempre proporcionar momentos calmos. Considero que a forma de abordar o Natal deve ser repensada e, certamente, um dia quando for educadora de infância vou ter em conta essa questão.

“Nós nos tornamos máquinas de trabalhar e estamos transformando nossas crianças em máquinas de aprender.” Augusto Cury

Semana de 12/12 a 16/12

Terminada a décima semana de intervenção, sendo esta também a última semana antes de uma interrupção lectiva de duas semanas, é necessário analisar e refletir, não só momentos vivenciados na semana, mas também fazer um pequeno balanço destas dez semanas passadas.

Esta semana, à semelhança da semana anterior, foi diferente. Semanas que foram dedicadas à festividade do Natal. Assim sendo, irei focar-me no que aconteceu, analisando e refletindo e, dando ainda o meu parecer enquanto futura educadora de infância.

Quanto à temática que mais importância atribuo e que tem sido uma constante ao longo do meu processo formativo - ***Quero sentir-me integrada e ser um adulto de referência!***- e focando, primeiramente, nesta última semana, considero que foi demasiado agitada. Muitas foram as tarefas a concretizar/concluir para a comemoração da festividade do Natal, pelo que pouco foi ouvida a escolha da criança. Tal como já referi em reflexões anterior, considero que talvez tivesse sido importante abordar o Natal de outra forma, até para que a motivação das crianças fosse outra na concretização dos fatores que são obrigatórios (construção da prenda e da decoração). Este é um dos aspetos que vou ter enquanto na minha futura profissão, uma vez que se defendo que o motor da aprendizagem é a criança, não devo tomar decisões sem ouvir a opinião delas. Para além disso, pelo facto da agitação instaurada na sala devido ao Natal, conseqüentemente a rotina também foi alterada. Muitos foram os comentários das crianças a questionar porque não tínhamos feito isto ou aquilo que é costume ser feito no dia-a-dia. Neste sentido, considero que o adulto tem um papel fulcral, devendo organizar o tempo, o espaço e o grupo de forma a cumprir as tarefas a realizar mas também ter em conta que as crianças sabem e gostam de cumprir a rotina que é implementada diariamente.

A minha postura durante esta semana foi semelhante à de todas as semanas, procurando incluir-me nas atividades que não eram da minha responsabilidade total, tentando realizar um trabalho colaborativo com a equipa educativa. Confesso que, mesmo que por vezes não tenha a certeza do que irá ser feito, procuro organizar o tempo e o grupo de crianças, de forma a que estas saibam o que irá acontecer, até

para que o trabalho diário flua de forma natural e não seja constantemente interrompida com questões das crianças.

Quanto ao trabalho em equipa, tal como já referi anteriormente, considero que é fundamental existir um trabalho cooperativo e colaborativo para que o trabalho se desenvolva da melhor forma. Como tal, procurei fazer parte do trabalho colaborativo, auxiliando e partilhando ideias quando necessário.

Analisando e reflectindo todo o processo formativo ao longo destas dez semanas de intervenção, considero de que forma geral, tem sido um percurso rico em experiências, relações e aprendizagens. Apesar de ao início ter ficado um pouco assustada com o grupo de crianças, devido aos seus comportamentos, considero que consegui mostrar-lhes a minha figura e acima de tudo criar relações afectivas com cada uma. Para além disso, julgo conseguir responder a todas as necessidades das crianças procurando sempre cuidar e o seu bem-estar mas nunca esquecendo a importância de educar.

No que toca ao projeto de intervenção, apesar de muitas inseguranças ao início, considero que tenho conseguido captar a curiosidade e interesse das crianças, apesar de não ter sido um tema que surgisse do interesse das mesmas, mas sim na necessidade que eu, enquanto profissional de educação, sinto que o grupo precisa. Tenho tido sempre em conta a opinião e escolha das crianças, conversando e debatendo variados temas. Considero, ainda, que utilizo e adequo as estratégias tendo em conta o grupo de crianças, bem como as diferentes atividades que vão sendo realizadas.

Quanto ao trabalho em equipa, apesar de alguma falta de comunicação, ao longo do estágio procurei encontrar estratégias, iniciando o planeamento em comum com a educadora de forma a que ambas soubéssemos o que se iria passar no dia-a-dia. Considero que essa planificação ajudou na ligação entre mim e a equipa educativa, apesar de considerar que existem pequenos pormenores que devem ser melhorados.

Em jeito de conclusão, considero que tem sido um percurso formativo muito enriquecedor para a minha profissão, retirando algumas aprendizagens e experiências significativas. Apesar de nem sempre ter um feedback do trabalho desenvolvido, tendo em conta os meus princípios, valores e metodologias, considero que tenho agido consoante os mesmos, proporcionando o melhor às crianças. Para além disso, julgo

ser uma educadora-estagiária com capacidade de pensamento construtivo, analisando e refletindo toda a minha ação, modificando quando detecto algumas lacunas. Espero conseguir continuar a atingir os meus objetivos pessoais, bem como corresponder aos objetivos institucionais e, acima de tudo, um adulto de referências para as crianças que transmite saberes e conhecimentos.

“Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra”.

Anísio Teixeira

SECÇÃO 4 – INVESTIGAÇÃO EM JI

4.1. Notas de campo relacionadas com a temática da investigação

Enquanto estava numa mesa com algumas crianças a construir o poster das regras, e as restantes crianças estavam nas diferentes áreas, a auxiliar que estava numa outra mesa disse ao Rocky para ir à casa de banho, uma vez que esta criança às vezes ainda se esquece de ir. O Rocky fez uma birra e começou a chorar. A auxiliar levantou-se e abordou a criança, uma vez que esta está sempre com uma postura de quem não obedece e que só faz o que quer. Entretanto, a educadora que estava no corredor a expor os trabalhos das crianças, entra na sala e calmamente pergunta ao Rocky o que se passa. Com calma, a educadora faz com que o Rocky vá à casa de banho. Quando este regressa da mesma, voltou para a área das construções (onde estava anteriormente) e entrou em conflito com outras crianças, o que acontece frequentemente. A auxiliar disse-lhe para ele se acalmar, o que aconteceu momentaneamente. Passados uns minutos, o conflito surgiu de novo e a auxiliar chamou-o para vir para a mesa fazer um desenho. A criança vem para a mesa a chorar e diz à auxiliar que não quer fazer um desenho. A auxiliar pergunta-lhe o que quer fazer e ele nega qualquer atividade suscitar-lhe interesse. A educadora intervém e, calmamente, volta a conversar com a criança, chamando à atenção o Rocky. Pergunta de novo a criança o que esta quer fazer e responde que quer pintar com as tintas. A educadora diz-lhe para ir buscar uma folha A3 que está debaixo de umas caixas. A criança refere que não consegue tirar e a educadora ajuda-o, mas apenas dizendo-lhe os procedimentos a concretizar para retirar a folha. Entretanto, a Diana, uma criança mais velha, ajuda o Rocky a retirar a folha e juntos concluem a ação. No fim do Rocky terminar a pintura, vai brincar para a área dos Piny Pons. (nota de campo, 4 de outubro de 2016, sala de atividades)

O Rocky estava a brincar com o Tiago, quando de repente mordeu-o. A auxiliar observou o comportamento e repreendeu Rocky. De seguida, a educadora conversou com a criança e esta ficou a chorar intensamente. A educadora manteve a postura e continuou a contrariar a criança, o que levou esta a ter um comportamento inesperado, na minha opinião. O Rocky deitou-se no chão a espernear e a dar pontapés, sendo que a educadora agarrou-o contrariando os movimentos. Assim, aos poucos, a criança acalmou-se e a educadora calmamente conversou com a criança sobre o sucedido. (nota de campo, 6 de outubro de 2016, sala de atividades)

Na área dos Jogos, apenas é permitido estarem 4 crianças em simultâneo. Esta área já estava completa e o Rocky insistiu que queria ir para lá jogar. Os colegas disseram à

educadora que o número de elementos na área já estava a ser ultrapassado e que não estavam a cumprir uma das regras da sala. Assim, a educadora diz ao Rocky que tendo sido o último a chegar à área teria de sair. A criança não reagiu bem ao sucedido começou a chorar e a ter os seus comportamentos habituais, de espernear como forma de protesto. De seguida, a educadora com calma explicou à criança a regra e esta aceitou e foi para outra área. Mais tarde, o Rocky estava a brincar com o Diogo na área das construções, quando o Rocky bate ao colega. A auxiliar assistiu ao comportamento da criança, e repreendeu-o. Como seria de esperar, o Rocky voltou a chorar e a ter um comportamento agressivo.

O Rocky é uma criança que, tanto para mim como para a restante equipa educativa, é difícil lidar. É sem dúvida, uma criança que não apresenta os comportamentos habituais para a idade e que sabe-se que está a ser acompanhada exteriormente à escola. Contudo, não sabemos ao certo os motivos que levam a criança a ter certos comportamentos, mas observamos que acontecem sistematicamente como forma de protesto ou para chamar à atenção. (10 de outubro de 2016, sala de atividades)

O Diogo estava muito agitado durante as tarefas a realizar. Chamei várias vezes à atenção e a criança acalmou-se momentaneamente. Mais tarde, estava sentada na mesa de trabalho e o Diogo estava na área da biblioteca. Chamei a criança para arrumar o sofá no lugar correto pois este estava no corredor da sala. A criança continuou a brincar não fazendo o que estava a dizer. Levantei-me e quando cheguei junto da criança, esta ficou logo com cara de chateado e “amuado”. Disse-lhe para arrumar o sofá e ele continuava sem o fazer. Fiz movimentos com os braços e nem assim. De seguida, perguntei-lhe onde se arrumava o sofá apontando para o mesmo, ao que a criança me respondeu: “A cadeira é ali.”. Rapidamente percebi que a criança não estava a compreender o que eu estava a querer dizer e utilizei o termo por ele utilizado e, então, disse-lhe para arrumar a “cadeira” no lugar correto. A criança arrumou o sofá na área da biblioteca logo a seguir a eu ter utilizado o termo “cadeira”.(nota de campo, 17 de outubro de 2016, sala de atividades).

O Rocky hoje, mais uma vez num momento de confronto comigo e porque o contrariei, por querer fazer algo que não podia, apresentou os seus comportamentos de revolta e virou-se para mim e disse “Cala-te!”, fugindo para o fundo da sala. Fui atrás dele, e repreendi-o pela sua postura, ao que ele me respondeu que foi sem querer pedindo desculpa, Nisto, coloque-o sentado numa cadeira para se acalmar e a educadora volta a repreendê-lo, não só pela sua atitude comigo, como entretanto tinha agredido uma criança na casa de banho. Quando estes momentos acontecem, o Rocky tem consciência que não está a agir bem e pede sempre desculpa, mas mais tarde volta a repeti-los, o que me indica que ele apenas pede desculpa porque tem de o fazer. Julgo ainda que, o Rocky começou a perceber de que forma

consegue convencer-nos das suas atitudes, dizendo sempre que não consegue controlar os seus comportamentos. (nota de campo, 25 de outubro de 2016, sala de atividades)

O Rocky à hora de almoço fez uma birra muito grande com a auxiliar porque simplesmente foi contrariado. Depois da aula de inglês, a auxiliar pediu às crianças para ir lavar as mãos para irem almoçar, ao que o Rocky recusou começando a chorar e a ter os seus comportamentos característicos. A auxiliar obrigou a criança e esta continuou a resistir. Mais tarde, já estava o restante grupo pronto para ir para o refeitório, e o Rocky continuava com os mesmos comportamentos, sendo que a auxiliar continuou a insistir. O Rocky foi para o refeitório, “arrastado” pela educadora e eu, com calma fui falando com a criança. Ela acalmou-se e disse que queria ir comigo para o refeitório mas, a auxiliar insistiu que tinha que ir com ela, pois a criança tem que aprender que tem que respeitar todos os adultos. Por um lado compreendo e partilho da mesma opinião que a auxiliar, mas atendendo às características da criança, talvez a abordagem não tenha sido a melhor. Mais tarde, nas escadas de acesso ao refeitório, os comportamentos continuavam os mesmos e a auxiliar acabou por dar autorização ao restante grupo para ir para o refeitório, sendo que pouco tempo depois foi ter com o grupo ao refeitório, deixando o Rocky na escada. Com calma, conversei com ele e a criança rapidamente se acalmou e parecia já estar com outra atitude, quando a auxiliar aparece de novo e o obriga a ir para o refeitório. A criança volta a ter o mesmo comportamento e no fim, é uma outra auxiliar que estava de passagem que pega no Rocky ao colo e o leva para o refeitório. (nota de campo, 28 de outubro de 2016, sala de atividades)

No momento de escolha das áreas, a educadora limitou de novo as áreas a ser escolhidas de forma a “obrigar” as crianças a irem para aquelas que menos vão. Para além disso e, porque algumas crianças não estiveram presentes na comemoração do Halloween, a educadora autorizou a que hoje as crianças vestissem as suas fantasias e brincassem na sala mascarados. Para além disso, partilhamos ainda alguns doces que sobraram da comemoração o que tornou, para as crianças, os momentos mais divertidos. No meio de tudo, o que quero salientar é o facto da educadora determinar algumas brincadeiras das crianças, para que estas conheçam novas áreas. Em conversa informal, encontrámos algumas estratégias para perceber algumas ideias das crianças em relação às áreas. (nota de campo, 31 de outubro de 2016, sala de atividades)

Na área da garagem, a Beatriz entra em conflito com algumas crianças pelo facto de não saberem partilhar as peças dos legos. Sempre que as crianças me abordam com “queixinhas” sobre tal, digo às mesmas para se resolverem mas para não se esquecerem que devem saber partilhar com os amigos. A Beatriz é uma criança que não consegue gerir os

conflitos chegando a chorar bastante quando estes acontecem. Nestes momentos, é importante chamar a criança para que ela se acalme e aos poucos vá conseguindo controlar-se nestes momentos. Em conversa informal com a educadora, percebi que esta criança já em momentos anteriores ao início do meu estágio tinha estes comportamentos e que depois tinha melhorado. Contudo, neste momento está de novo a voltar ao que era, pelo que considero que deve existir uma intervenção direta com a criança. (nota de campo, 31 de outubro de 2016, sala de atividades)

No acolhimento, a educadora teve um momento de grande grupo em que consistiu na gestão de conflitos, uma vez que a educadora recebeu algumas informações sobre algumas crianças “gozarem” com alguns aspetos. Para além disso, falou com as crianças sobre o facto de uma criança ter ido dizer para casa que não comeu uma goma, sem ter explicado a justificação da educadora, tendo a encarregada de educação questionado, não de uma forma muito simpática. Considero que estes comportamentos das crianças são frequentes e “normais”, mesmo tendo em conta que devem ser debatidos e reflectidos em grande grupo. Ainda assim, o comportamento que mais me indignou, foi quando o Rocky chegou e o Gonçalo disse “Vem aí o maluco!”. Na altura, não ouvi a fala da criança porque estava a receber o Rocky, mas a auxiliar ouviu e mais tarde partilhou com a educadora. Neste aspeto a educadora abordou o assunto, explicando ao grande grupo que tanto o Daniel como o Rocky são crianças especiais e que precisam de muita ajuda do grupo. (nota de campo, 3 de novembro de 2016, sala de atividades)

A Beatriz é uma criança muito ansiosa, tal como já referi em momentos anteriores, pelo que em determinados momentos é preciso intervir e mostrar à criança as regras. Quando esta criança vai para a área da garagem/construções é rara a vez que não ocorrem conflitos e “queixinhas”, no sentido da falta de partilha de brinquedos, entre ela e algumas crianças. Nestes momentos, a Beatriz fica muito ansiosa, nervosa e a chorar muito, sendo preciso intervir quando estes sentimentos são extremos, mas ao mesmo tempo incentiva-la a resolver os seus conflitos.

Considero que a minha postura tem sido semelhante à da educadora, tentando ajudar as crianças a compreenderem a importância do partilhar. Contudo, já me questioneei se seria importante, não deixar a criança ir para aquela área com tanta frequência como acontece. (nota de campo, 3 de novembro de 2016, sala de atividades)

Durante o jogo, quando o Tiago perdeu, o Vicente fez de propósito para perder e começou a chorar. Chamei a criança para junto de mim e questionei-a o que se passava ao que me respondeu que queria a mãe. Rapidamente percebi que a sua atitude era porque o

Tiago tinha saído do jogo, até porque já tinha notado que ambas as crianças são muito próximas. Mais tarde, aquando da escolha das áreas, contei à educadora o sucedido, e como estratégias, esta chamou o Tiago para junto dela. Nisto, o Vicente começa a chorar e a isolar-se na sala. Aproximei-me da criança e questionei-lhe porque estava a chorar, ao que me respondeu que queria a mãe. Perguntei-lhe se queria ir fazer um jogo, ao que me disse que tinha escolhido a área do desenho. Como tal, sentou-se junto a mim a fazer um desenho. De seguida, a educadora diz ao Tiago para ir escolher uma área, e este escolheu também os desenhos. Uns momentos depois, o Vicente começa a chorar e eu questiono a criança o motivo, ao que me responde que tinha medo do Tiago. Considerei a situação demasiado delicada e resolvi chamar a educadora e explicar o sucedido. Nisto, a educadora conversa com a criança explicando-lhe que existem mais crianças com quem ele pode brincar. De seguida, o Vicente continua a fazer um desenho e quando termina vai guardá-lo no respetivo lugar, sendo que o coloca debaixo dos desenhos que já lá estavam. Achei ainda mais estranho esta atitude da criança, e voltei a chamar a educadora para observar, porque cada vez mais achava que a situação não era comum. Enquanto o Vicente continuava a fazer desenhos junto a mim, a educadora da sala ao lado, veio conversar comigo e como tal, o Vicente apercebeu-se que estava distraída e saiu da mesa para ir para junto do Tiago. Confesso que dei conta da criança sair, mas no momento não me ocorreu chamá-lo de novo, tendo a educadora dito para o chamar. Mais tarde, estava a cortar algumas cartolinas e a criança a fazer o desenho, quando oiço o Vicente a sussurrar para o Tiago: “Não posso ir. Ela não me deixa!”. Mais tarde, a auxiliar acabou por deixar a criança ir para junto do Tiago fazer plasticina, até porque é importante ele também estar com as crianças com quem tem mais ligação, desde que esta não seja extrema, o que parece estar a acontecer com estas duas crianças em questão. Julgo que esta situação possa ser algo que vá continuar a ter desenvolvimento ao longo do tempo, pelo que irei estar atenta e, ao mesmo tempo, tentar contornar esta “dependência”. É ainda de salientar que, o Vicente há-de ir ter uma mana e pelo que sei, em conversa informal com mãe, o Vicente recusa um pouco gravidez, mudando de assunto quando se fala na irmã. Este pode também ser um aspeto a considerar neste comportamento do Vicente. (nota de campo, 4 de novembro de 2016, sala de atividades)

Tal como já tem sido frequente, a Beatriz enquanto estava na área da garagem/construções arranjou, novamente conflitos com outras crianças devido à partilha dos brinquedos. Confesso que, começo a analisar com mais pormenor os comportamentos desta criança porque já começam a ser sistemáticos. Talvez fosse importante, evitar que a criança frequente esta área ou tentar observar se noutras áreas a criança tem o mesmo comportamento. Caso isso aconteça, talvez seja importante pensar qual a melhor forma de

ajudar a criança a ultrapassar este obstáculo. (nota de campo, 7 de novembro de 2016, sala de atividades)

O Vicente e o Tiago, à semelhança do que aconteceu na passada 6ªfeira, continuaram com o mesmo comportamento, principalmente o Vicente que continuou com uma postura de recusa e a chorar quando o Tiago não está presente na mesma área que ele. Considero que seja importante analisar com algum cuidado esta situação e ao mesmo tempo intervir, chegando mesmo a conversar com a mãe do Vicente. (nota de campo, 7 de novembro de 2016, sala de atividades)

Ainda no acolhimento, a educadora teve uma conversa duradoura com as crianças de forma propositada, uma vez que as crianças estão constantemente a perguntar quando podem ir brincar. Esta foi uma estratégia utilizada pela educadora para mostrar às crianças que também é importante estar sentado a conversar e a partilhar com os colegas algumas coisas.

Para além de querer mostrar as crianças o que foi referido anteriormente, a educadora aproveitou o momento para falar com as crianças sobre os seus comportamentos, principalmente porque recebeu “queixas” do dia anterior. (nota de campo, 9 de novembro de 2016, sala de atividades)

Depois da aula de ginástica, a Diana em brincadeira foi contra uma árvore e magoou-se na cara. No momento disse à criança para ir passar para agua e depois informei a auxiliar sobre o sucedido. Quando a criança caiu, o Vicente e o Tiago vieram acompanhá-la e disse ao Tiago para ir com a Diana à casa de banho. Nisto o Vicente diz logo:

“- Porque é que o Tiago vai?!”

“- Para a Diana não ir sozinha.”

“- Mas porque ele vai e eu não?”

“- Porque o Tiago é o responsável.”

“- Mas ele vai ficar de castigo? Também posso ir?”

Sentei-me com a criança, acalmei-o e disse-lhe:

“- Vicente calma! Só disse para o Tiago ir com a Diana para ela não ir sozinha e porque é o responsável. Ele não vai ficar de castigo. Está tudo bem.” Nisto a criança percebeu e foi brincar para o recreio. (nota de campo, 24 de novembro de 2016, sala de atividades)

No período da tarde, o Rocky fez uma grande birra para fazer o embrulho de Natal. Embirrou que apenas queria fazer com os rolos grandes e com a cor vermelho. Conversei com a criança e mostrei-lhe outras formas e outras cores. Ainda assim, a criança ficou bastante irritada e insistiu para fazer apenas com vermelho e o tal rolo. Acabei por deixá-la fazer como quis, principalmente porque é um trabalho dele a gosto dele. Ainda assim, senti que a criança estava mais irritada e cansada do que o normal, pelo que a questioneei se teria dormido bem, ao que a criança respondeu que não. Daí, considerar que o facto de não dormir influencia em muito a postura da criança. (nota de campo, 5 de dezembro de 2016, sala de atividades)

Num momento de conflito entre duas crianças, vieram dizer-me que o Gonçalo e o Faísca não partilhavam os brinquedos entre eles e que já não eram amigos. Aproveitei o momento, para chamar ambas as crianças e conversar com elas sobre o sucedido. Para além disso, fiz a ligação com o projeto de intervenção que estou a implementar, ainda para mais quando a semana anterior tínhamos falado dos amigos. Aproveitei para questionar as crianças sobre o que era ser amigo, tendo obtido respostas de acordo com a conversa tida com as crianças. Este momento, proporcionou as crianças a resolução de conflitos, tendo o Faísca pedido desculpa ao Gonçalo de forma autónoma e também deu-me a entender que as crianças tem presentes as ideias trabalhadas ao longo do projeto. (nota de campo, 12 de dezembro de 2016, sala de atividades)

No acolhimento, o Tiago chegou à instituição a chorar. Já no dia anterior, a encarregada de educação tinha ligado para a educadora porque o filho não queria ir para a escola porque os amigos não estariam lá devido às semanas das festividades. Hoje, a criança chegou a chorar e permaneceu maior parte do dia na mesma angústia, exceto quando estava a realizar alguma tarefa específica. Não é comum o Tiago apresentar estes comportamentos que inclusivamente começaram a preocupar os pais. Esta criança é, ainda, “dependente” de outro amigo que, por sinal, hoje não esteve na instituição, o que também pode ter provocado esta instabilidade. A postura da educadora foi ao nível do consolo e tentar compreender o que se estava a passar para o Tiago estar naquele estado. Eu, também, procurei arranjar-lhe pequenas tarefas que o distraíssem. (nota de campo, 4 de janeiro de 2017, sala de atividades)

À semelhança de ontem, o Tiago chegou de novo a chorar à instituição. Tentei por várias vezes conversar de novo com a criança de forma a compreender o motivo, mas nunca consegui com que a criança conversasse comigo sobre o assunto. Quanto o Vicente, o melhor amigo, chegou, o Tiago ficou mais ativo e menos angustiado. Parece-me que esta criança por ter estado muitos dias seguidos em contexto familiar e, também, pelas vezes que foi à instituição estarem poucas crianças, principalmente porque estão aquelas com que o Tiago tem

menos convivência. Considero que com o tempo, a criança irá ultrapassar este obstáculo. (nota de campo, 5 de janeiro de 2017, sala de atividades)

A Sara é uma criança muito afetiva e que está constantemente à procura de um colo, um abraço ou um beijinho. Acontece que, ultimamente, esta criança tem estado muito dependente da mim. Esta criança nem sequer procura ir brincar nas áreas, nem fazer nenhuns dos trabalhos propostos querendo apenas estar junto a mim (nota de campo, 11 de janeiro de 2017, sala de atividades)

Hoje, tal como ontem, a Sara está constantemente a querer a minha atenção. Chegou a uma altura que me sentei com a criança e perguntei o que se passava para querer apenas estar junto a mim e respondeu-me que apenas queria ficar junto a mim porque gostava de mim. Sendo assim, fui com a criança para uma área e estivemos um pouco a brincar chamando de seguida outra criança para brincar connosco. De forma gradual, consegui que a Sara ficasse a brincar com a Diana e tendo conseguido ausentar-me. (nota de campo, 12 de janeiro de 2017, sala de atividades)

Quando o Tiago chegou à escola, já fora da hora do acolhimento, não quis entrar na sala. Isto só aconteceu depois de se ter apercebido que o seu amigo Vicente não teria vindo. Perante isto, a educadora ficou um pouco no corredor com a criança, falando com ela e tomando atenção ao que esta traria para a escola (uma caderneta). Mais tarde, após este momento, o Tiago entrou na sala e começou logo a brincar com as outras crianças. Este foi um dos momentos que mais exemplifica a importância do educador na relação com a criança, em ouvi-la e ajudá-la a ultrapassar os seus conflitos. (nota de campo, 13 de janeiro de 2017, sala de atividades)

4.2. Projeto de Intervenção “Seremos diferentes é sermos iguais”

Tendo em conta a temática do projeto de intervenção bem como a problemática a desenvolver no âmbito da investigação, estas complementam-se. Desta forma, o projeto de intervenção foi uma estratégia utilizada para atingir os objetivos definidos no âmbito da autorregulação das crianças. Assim sendo, encontra-se em anexo (Anexo C), o relatório do projeto implementado.

SECÇÃO 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o término da intervenção em JI, torna-se necessário fazer uma análise sobre todo o percurso ao longo destes, quase, quatro meses, não só sobre o trabalho desenvolvido com as crianças, como a minha evolução enquanto docente. Para além disso, é importante perceber os impactos no meu percurso formativo e profissional.

Terminada esta experiência de intervenção em JI, posso concluir que foi um culminar de aprendizagens para a construção da minha formação a nível profissional. Considero que o impacto da minha intervenção foi importante, principalmente, para o grupo de crianças, isto porque procurei sempre ir ao encontro dos interesses, necessidades e curiosidades delas, promovendo sempre aprendizagens significativas. Julgo que as atividades que realizei tiveram esse aspecto em conta e, por isso, consegui ajudar as crianças a ultrapassar algumas das suas dificuldades, contribuindo para que essas dificuldades transformassem em potencialidades. Desta forma, procurei estimular o trabalho de grupo em cooperação, mostrar às crianças o saber ser, saber estar e saber autorregular.

Uma das estratégias encontradas para trabalhar esta temática com o grupo de crianças foi a metodologia de trabalho projeto, promovendo a participação das crianças, considerando-a sempre como sujeito e agente do processo educativo. Encontrei estratégias lúdicas que envolvessem as crianças no projeto, sendo que para isso introduzi várias dinâmicas de grande grupo que promovessem o trabalho e o respeito em grande grupo, tal como o cumprimento das regras sociais. Para além disso, foram abordadas várias histórias relacionadas com as temáticas, em que as próprias crianças é que delineavam as tarefas a desempenhar a seguir ao conto da história (ex. construir um jornal).

Assim sendo, faço um balanço positivo de toda a intervenção. Contudo, considero que existiram pontos que poderiam ter sido melhorados, principalmente a concretização da metodologia de trabalho projeto. Para além disso, sei também que poderia ter sido mais potenciada a participação dos pais, na concretização do projeto. Contudo, considerei que a natureza do mesmo, numa primeira fase não faria sentido a sua contribuição, dado que o objetivo principal era ajudar as crianças a autorregular-se.

No meu percurso, o grupo teve um impacto bastante importante, pois foi com ele que pude errar e aprender. Os momentos de intervenção são os momentos em que podemos por em prática tudo aquilo que aprendemos ao longo da nossa formação académica e, só assim conseguimos perceber a forma de aplicar os nossos conhecimentos. Quanto à equipa educativa, esta foi importante no decorrer da minha intervenção, pois apesar de nem sempre defender as mesmas perspetivas e opções pedagógicas, fiquei a conhecê-las. Para além disso, dado que nem sempre existiu uma articulação entre mim e a equipa educativa, tentei sempre ao máximo dar a conhecer o trabalho a desenvolver bem como as minhas dificuldades e inseguranças.

Quanto ao portefólio da criança, considero que consegui responder aos interesses e curiosidades da criança, encarando-a como sujeito principal para a construção do mesmo. Apesar de só em novembro ter obtido a autorização por parte do encarregado de educação, desde então o Pedro sempre mostrou muito empenho e disponibilidade para o fazer. Foi importante para mim construir este portefólio, principalmente por observar a ansiedade e a vontade da criança em participar. Contudo, penso de que forma pode ser organizada a rotina para que possa fazer este trabalho com todas as crianças que fazem parte do grupo.

Ao nível da construção da minha identidade profissional, tal como já referi anteriormente, este período da PPS em JI foi uma mais valia. Apesar de já ter estado em contacto com JI e a metodologia de trabalho projeto na licenciatura, cada grupo de crianças e instituição tem as suas particularidades, o que torna cada intervenção diferente e especial. As aprendizagens foram constantes, principalmente no que toca na relação com as crianças bem como as estratégias a utilizar.

Para concluir, considero que a minha intervenção teve um balanço muito positivo, na medida em que proporcionei momentos e aprendizagens significativas às crianças em que estas, conseqüentemente, proporcionaram-me evoluir enquanto profissional e ajudaram-me na continuação da construção da minha identidade profissional.

“Educar é uma arte e são muitas as competências que convergem nesta arte... Os conhecimentos necessários para o fazer não são apenas uma competência técnica. Podem, sem dúvida, ser adquiridos, mas são também algo que provém das crenças mais profundas de cada um de nós e da nossa paixão pelas Crianças e pelo Mundo.” (Daniel Walsh, 1994)

ANEXOS

Anexo A. Tabela de caracterização das crianças

Nome	Género	Data de Nascimento	Idade	Frequência anterior na Instituição
Tiago	Masculino	02/03/2011	5 anos	Sim
João	Masculino	11/08/2011	5 anos	Sim
Pedro	Masculino	01/12/2012	4 anos	Sim
Vicente	Masculino	15/05/2011	5 anos	Sim
Beatriz	Masculino	28/04/2011	5 anos	Sim
Pastor	Masculino	29/01/2012	4 anos	Sim
Vita	Feminino	s.d	3 anos	Não
Diana	Feminino	31/05/2011	5 anos	Sim
Rei Leão	Masculino	30/03/2013	3 anos	Não / Esteve em ama
Diogo	Masculino	20/08/2013	3 anos	Não/ Esteve em creche
Gonçalo	Masculino	21/01/2011	5 anos	Sim
Leonor	Feminino	09/08/2011	5 anos	Sim
Gonçalo	Masculino	s.d	3 anos	Não/ Esteve em creche
Daniel	Masculino	07/07/2012	4 anos	Sim
Rocky	Masculino	20/11/2011	4 anos	Não/ Veio de outro JI
Fáisca	Masculino	29/03/2011	5 anos	Sim
Anita	Feminino	07/08/2013	3 anos	Não
Sara	Feminino	09/05/2011	5 anos	Sim
Mariana	Feminino	19/08/2011	5 anos	Sim

ANEXO B. Tabela de caracterização das famílias

Pai		Mãe	
Idade	Habilitações Literárias	Idade	Habilitações Literárias
43	Ensino Superior	45	Ensino Superior
36	Mestrado	34	Ensino Superior
s.d.	s.d.	s.d.	s.d.
s.d.	s.d.	38	Ensino Superior
s.d.	s.d.	34	Ensino Superior
38	Ensino Superior	33	Ensino Superior
37	Ensino Secundário	37	Ensino Secundário
44	Ensino Secundário	38	Ensino Secundário
58	Técnico Profissional	35	3º Ciclo
s.d.	s.d.	s.d.	2º Ciclo
36	Mestrado	39	Ensino Superior
s.d.	s.d.	s.d.	Ensino Secundário
30	3º Ciclo	30	Ensino Secundário
44	Ensino Secundário	37	Ensino Superior
38	Ensino Secundário	40	3º Ciclo
48	Técnico Profissional	45	Ensino Superior
39	Ensino Superior	37	Ensino Superior
37	Mestrado	38	Ensino Superior
37	Ensino Secundário	37	Ensino Superior

Análise dos dados:

- 5 pais não contêm informação, logo a amostra é 14;
- 43% - Ensino Superior incluindo o mestrado; 36% - Ensino Secundário; 7% - 3º Ciclo; 14% Técnico Profissional.
- Apenas 1 mãe sem dados, logo a amostra é 18;
- 61% - Ensino Superior; 22% - Ensino Secundário; 11% - 3º Ciclo; 5% - 2º Ciclo;

ANEXO C. Relatório do Projeto de Intervenção



RELATÓRIO DE PROJETO DE INTERVENÇÃO

“Seremos diferentes é sermos iguais”

Cátia Almeida

(2015186)

Projeto de Intervenção apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa no âmbito da Unidade Curricular de Conhecimento e Docência em Educação de Infância

2017



RELATÓRIO DE PROJETO DE INTERVENÇÃO

“Seremos diferentes é sermos iguais”

Cátia Almeida

(2015186)

Projeto apresentado no âmbito da unidade curricular de Conhecimento e Docência em
Educação de Infância

2º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar

Docentes: Manuela Rosa, Sandra Fernandes e Tiago Tempera

2017

ÍNDICE GERAL

1. Relação entre o contexto educativo e o projeto de intervenção	166
2. Fundamentação do trabalho de projeto realizado	167
3. O projeto “Seremos diferentes é sermos iguais”	171
(i) Início do projeto	171
(ii) Desenvolvimento do projeto.....	172
(iii) Divulgação do projeto	175
(iv) Avaliação do projeto	176
4. Considerações finais	177
Referências bibliográficas	179

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Registo Inicial do Projeto

Figura 2. Dinâmica de grupo I.

Figura 3. Dinâmica de grupo II

Figura 4. Dinâmica de grupo III

Figura 5. Registo de significados

Figura 6. Jornal nº I elaborado pelas crianças

Figura 7. Livro construído pelo grupo.

Figura 8. Jornais nº II e III elaborados pelas crianças

Figura 9. Retrato das crianças mais novas

Figura 10. Retrato das crianças mais velhas

Figura 11. Alguns exemplos de retratos

Figura 12. Local da sala para exposição do projeto

Figura 13. . Avaliação Intermédia do projeto

LISTA DE ABREVIATURAS

Jl Jardim de Infância

PPS Prática Profissional Supervisionada

INTRODUÇÃO

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (Paulo Freire)

É com esta frase de Paulo Freire que inicio o relatório do projeto “Sermos diferentes é sermos iguais” que desenvolvi em conjunto com um grupo de crianças no âmbito da Prática Profissional Supervisionada (PPS) em Jardim de Infância (JI).

No que toca à organização do presente relatório, primeiramente irei apresentar a situação desencadeadora, as principais intenções bem como os pressupostos teóricos que orientaram o trabalho, a metodologia e os procedimentos éticos utilizados. De seguida, no primeiro ponto, é apresentada a caracterização para a ação pedagógica, relacionando-as. No segundo ponto, será apresentada a fundamentação do trabalho realizado, onde serão explicitados os objetivos, tanto na ótica do educador, como da criança. Após isto, no terceiro ponto apresentarei as várias fases de desenvolvimento do projeto. Finalizarei com a apresentação das considerações finais, onde refletirei sobre as aprendizagens desenvolvidas bem como sobre o papel do educador.

Após a caracterização do grupo de crianças com o qual estive durante a PPS, verifiquei que o mesmo apresentava várias dificuldades a diferentes níveis, nomeadamente, ao nível do comportamento, da expressão e comunicação, da aceitação e cumprimento de regras sociais bem como no respeito e aceitação do outro e pelo outro. Perante tal pareceu-me que seria esta uma boa oportunidade para desenvolver um projeto, que de uma forma lúdica pudesse ajudar a colmatar estas dificuldades. Assim, pensei que as dificuldades sentidas poderiam constituir-se como a **situação desencadeadora** para a minha ação.

O projeto foi desenvolvido com um grupo de dezanove crianças e tendo em conta as características do mesmo, bem como o que foi referido anteriormente, surgiram como **principais intenções** (i) Desenvolver o trabalho em pequeno grupo; (ii) Promover dinâmicas de grande grupo com objetivos comportamentais; (iii) Desenvolver um pensamento reflexivo sobre os comportamentos do grupo; (iv) As crianças expressarem-se livremente através das suas brincadeiras e (v) promover a metodologia trabalho projeto.

Baseando-me na questão que desencadeou o projeto bem como no tipo de atividades concretizadas, a metodologia de trabalho projeto centrou-se, essencialmente, na área da formação pessoal e social, na área da expressão e comunicação, nomeadamente nos subdomínios da expressão plástica e da linguagem oral.

Para ajudar a orientar o trabalho desenvolvido é importante referir os **pressupostos teóricos**. Neste sentido, o principal pressuposto tem a ver com a metodologia trabalho projeto, originando uma pedagogia participativa dado que o processo de aprendizagem deve ser pensado como um “espaço partilhado entre a criança e o adulto.” (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2013, p. 28). Por sua vez, esta metodologia bem como a pedagogia participativa juntamente com a questão problema, conduziu a um elevado número de momentos em que se privilegiou a comunicação pela partilha de opiniões e vivências.

Tendo em conta os pressupostos teóricos considere-se que a **metodologia** mais adequada é a de trabalho projeto, pois apesar de considerar a criança como motor central na aprendizagem, ainda “reflete sobre as suas experiências e interage em situações de aprendizagem significativas e contextualizadas” (Costa, citado por Rosa & Silva, 2010, p.49). Para além disto é expectável que a aprendizagem assente “no interesse intrínseco da tarefa e nas motivações intrínsecas da criança” (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2013, p.28). Esta metodologia permite, também, várias aprendizagens consoante as fases da mesma, criando uma atitude de levantamento de questões, interesses e curiosidades. Acresce-se, ainda, a importância da aprendizagem articulada, uma vez que a metodologia é baseada na articulação das diferentes áreas do conteúdo.

No decorrer de todo o projeto, foi realizada maioritariamente a observação como técnica de recolha de dados, sendo esta feita em diferentes momentos. É importante realçar que esta técnica é uma importante competência que permite ao educador ter noção do que é realizado/aprendido. Contudo, esta participação foi participativa, tendo estado várias vezes incluída nos diferentes momentos.

Do ponto de vista **ético**, foram tidos em conta todos os princípios éticos referidos na *Carta de Princípios para uma Ética Profissional* da APEI bem como os Princípios Éticos apresentados por Tomás (2011), sendo respeitados os direitos à intimidade e confidencialidade dos vários intervenientes do contexto bem como da instituição.

1. RELAÇÃO ENTRE O CONTEXTO EDUCATIVO E O PROJETO DE INTERVENÇÃO

Para o desenvolvimento da prática pedagógica, é crucial compreender o contexto, bem como o seu funcionamento. Ao compreender alguns processos sociais que estruturam o dia-a-dia de uma instituição, bem como as crianças enquanto atores sociais deste processo (Ferreira, 2004), ficamos com alguma base para desenvolver um trabalho que permite ir ao encontro das características e necessidades.

O Projeto “Seremos diferentes é sermos iguais” é um projeto cuja temática está inserida na área da Formação Pessoal e Social. Apesar de não ter surgido dos interesses do grupo de crianças, mas sim de uma necessidade que senti do mesmo, enquanto educadora estagiária, tive sempre em conta as informações recolhidas sobre o contexto em que se situa o jardim de infância (JI), a equipa educativa, a família e o grupo de crianças. (ver anexo A).

Atendendo à natureza do projeto, o contexto em que se insere o JI não teve grande influência para a implementação do mesmo, pois este baseou-se apenas nos comportamentos/atitude manifestadas pelas crianças. Contudo, no que toca à caracterização da equipa educativa, uma vez que o trabalho é concretizado em cooperação, parceria e entreajuda pretendi, durante toda a intervenção, integrar-me na mesma, de forma a que todos os membros da equipa pudessem participar em conjunto com as crianças. Estive sempre disponível para sugestões da equipa procurando construir um trabalho colaborativo.

Quanto à caracterização das famílias é de constatar que estas são participativas/colaborativas sempre que solicitadas para a concretização de pequenas tarefas. É ainda de salientar que existe uma encarregada de educação, que gosta de partilhar com o grupo novas experiências e aprendizagens, fazendo-o esporadicamente. Ao longo do projeto, solicitei a participação dos pais na realização de pequenos desafios, relacionados com a temática do mesmo. Apesar de no meu projeto, a participação das famílias ser um pouco informal, procurei sempre criar formas de os trazer à sala de forma a mostrar-lhes o que estava a ser feito com os seus educandos, permitindo-lhes assim um acompanhamento mais pormenorizado, mesmo tendo eles uma participação passiva.

No que toca à caracterização do grupo de crianças, este é heterogéneo e constituído por dezanove crianças, sendo sete do género feminino e doze do género masculino, com idades compreendidas entre os três e os cinco anos. Nos momentos de grande grupo, as crianças nem sempre sabem ouvir e respeitar o outro, mas facilmente interagem umas com as outras. Existe com alguma frequência conflitos entre pares, principalmente quando as crianças estão distribuídas nas áreas da sala de atividades. É a partir destas observações realizadas que considere importante desenvolver um trabalho na área da formação pessoal e social, nomeadamente ao nível do processo de autorregulação, ao nível das regras comportamentais e do respeito por si próprio e pelo outro. Para além disso, tinha também como intenção, desenvolver atividades ao nível da expressão das emoções pois é mais uma lacuna que as crianças apresentam. É, ainda, importante salientar que apesar do grupo não manifestar curiosidade/interesse/vontade em conhecer algo novo, são crianças que mostram entusiasmo em participar nas atividades propostas pelos adultos. Sendo assim, é necessário que o adulto insista por um determinado período de tempo e, inverta o papel, sendo ele a colocar as questões.

Em suma, tendo em conta a caracterização realizada, aos diferentes níveis, surgiu um projeto de intervenção que permitia transmitir ao grupo de crianças várias perspetivas e realidades.

2. FUNDAMENTAÇÃO DO TRABALHO DE PROJETO REALIZADO

Tendo em conta o que já foi referido e que o facto de o projeto ter surgido de uma necessidade do grupo de crianças e não dos seus interesses e curiosidades, considero que em termos de metodologia esta será um pouco diferente do comum. Depois da decisão sobre a temática a abordar, levei o tema ao grupo de crianças começando por contar uma história relacionada com as diferenças entre indivíduos e a aceitação das mesmas e, a partir desta atividade foram surgindo outras tendo sido a envolvimento e o contributo das crianças muito elevado. Além disso, considere fundamental que as crianças percebessem a temática para que, tal como defende Vasconcelos (2011), “as aprendizagens que irão ser

consolidadas ao longo do projeto serão muito mais significativas, uma vez que envolvem as próprias crianças na resolução dos problemas e na busca de respostas.”

Depois duma primeira abordagem do projeto com o recurso à história e após ter registado tudo o que foi dito pelo grupo de crianças, procurei construir a teia que orientou o projeto (Anexo B). Esta teia não foi feita em conjunto com as crianças, tendo em conta a forma como surgiu, mas foi construída com base nas necessidades encontradas e com base no que foi dito pelo grupo após a primeira abordagem, até porque “independentemente de quem toma a iniciativa, a ideia será debatida em conjunto e enriquecida com as contribuições de todos” (Silva, 2005, p.11). De seguida, houve a preocupação de definir alguns objetivos, quer na ótica do educador, quer na ótica das crianças, tendo sempre em conta as suas características, necessidades e potencialidades. Assim sendo, para o grupo de crianças em causa, um dos objetivos com este projeto é **(I) Aceitar e respeitar a opinião do outro**, criando momentos de partilha “que facilitam a compreensão do ponto de vista do outro e promovem atitudes de tolerância, compreensão e respeito pela diferença.” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, 2016, p. 39); **(II) Conhecer e respeitar as regras sociais construídas**, “elaboradas e negociadas entre todos, conduzindo a uma autorregulação do comportamento” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, 2016, p.36); **(III) Aceitar o outro independentemente das diferenças**, o que nem sempre acontece neste grupo, nomeadamente quando as mesmas são observáveis, levando à não aceitação. Desta forma, considero muito importante abordar este aspeto, “para que todas as crianças se sintam aceites e as suas diferenças [sejam] consideradas como contributos para enriquecer o grupo e não como fonte de discriminação ou exclusão.” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, 2016, p. 34); **(IV) Ter um pensamento crítico e de reflexão**, promovendo momentos de reflexão e de pensamento crítico sobre determinadas temáticas e alguns comportamentos manifestados pelas crianças; **(V) Expressar oralmente questões ou dúvidas sentidas**, sejam elas de que naturezas forem. É importante dar ênfase, às questões/dúvidas sobre elas próprias ou sobre os comportamentos manifestados; **(VI) Ter a capacidade de autonomia, de atenção e de autorregulação**, na medida em que o grupo deve

ser autônomo na tomada de decisões, em momentos de grande e pequeno grupo. Para além disso, é fundamental mostrar às crianças a importância de estar com atenção ao outro, seja em que momento for, em simultâneo com a tomada de consciência de si própria bem como dos seus comportamentos, permitindo assim a sua autorregulação.

No que toca aos objetivos na ótica do educador, priorizei como sendo fundamental **(I) Proporcionar momentos que levem a atingir os objetivos definidos na ótica da criança**. Ou seja, planejar e dinamizar estratégias que levem as crianças a atingir os objetivos definidos para elas. Outro objetivo para o educador foi **(II) Fortalecer a metodologia de Trabalho Projeto com o grupo de crianças**. Este objetivo foi definido, por ser o mais adequado e utilizado em JI, mesmo que nem sempre corretamente implementado, pois muitas vezes apenas se trabalha por “temas”, não desenvolvendo um projeto, nem passando pelas fases que dizem respeito ao mesmo. Para além disso, defini este objetivo não só por se tratar de um grupo com alguma dificuldade em trabalhar em grupo, com alguma falta de iniciativa e de curiosidade bem como por ser um grupo heterogêneo, existindo crianças que nunca estiveram em contacto com esta metodologia. Desta forma e tendo em conta que esta metodologia tem como “objectivo principal (...) ajudar as crianças a serem capazes de participar de forma adequada e a contribuírem para uma sociedade democrática.” (Katz & Chard, 2009, p.14), considerei fundamental ser um objetivo definido para a minha ação pedagógica. Outro objetivo definido que considerei ser importante foi **(III) Escutar sempre a opinião das crianças de forma a que estas sejam os motores das suas aprendizagens**. Mais concretamente, procurei sempre ouvir a opinião das crianças ao longo do projeto, priorizando as mesmas no planeamento e dinamização, uma vez que o desenvolvimento e aprendizagem “supõe encará-la [a criança] como sujeito e agente do processo educativo, o que significa partir das suas experiências e valorizar os seus saberes e competências únicas, de modo a que possa desenvolver todas as suas potencialidades.” (Orientação Curriculares para a Educação Pré-escolar, 2016, p.9). Por fim, **(IV) Abordar a problemática em questão com alguma ludicidade e combinando as diferentes áreas do conteúdo**, não esquecendo assim a importância do brincar, sendo esta “a atividade natural da iniciativa da criança que revela a sua forma holística de aprender.” (Orientações para a Educação Pré-escolar, 2016, p.10). Procurei,

ainda, interligar as diferentes áreas do conteúdo previstas para a educação pré-escolar. Apesar da problemática do projeto estar diretamente ligada com a área da Formação Pessoal e Social e “tendo conteúdos próprios, está intimamente relacionada com todas as outras áreas do conteúdo, que contribuem ou são uma ocasião para o seu desenvolvimento.” (Orientações para a Educação Pré-escolar, 2016, p.33).

No que toca à metodologia trabalho-projeto, procurei sempre que possível cumprir

(...) o padrão avaliação-planeamento-ação-avaliação [que] assume contornos específicos porque os seus diferentes momentos não são, como acontece geralmente em educação, fundamentalmente orientados e decididos pelo professor, sendo envolvidos todos os intervenientes, nessas diferentes fases. Assim, o padrão desenvolve-se de modo participativo e colaborativo, tendo subjacente uma intenção de exercício de cidadania. (Silva, 2011, p. 121).

A importância desta metodologia é, acima de tudo, o facto de permitir um trabalho coeso que passa por várias fases, - definição do problema; planificação e desenvolvimento; execução e divulgação/avaliação (Vasconcelos et al., 2011) - valorizando-se o processo em detrimento do(s) produto(s) final(ais). Outra característica desta metodologia, refere-se aos temas/tópicos, que normalmente surgem dos interesses e curiosidades das crianças. Tal como Portugal (s.d.) "a educação deve favorecer atitudes positivas que estão na base de toda a aprendizagem, nomeadamente, curiosidade e desejo de aprender", permitindo desta forma, que mesmo que o grupo de crianças não apresente curiosidade e iniciativa, com esta metodologia, as crianças desenvolverão as suas aprendizagens. Para além disso, é importante fazer com que as crianças percebam que todas tem um contributo fundamental na construção da aprendizagem, dos saberes e até dos trabalhos respeitando todas as opiniões. Como a metodologia de trabalho projeto defende a "(...) flexibilidade do planeamento e desenvolvimento do projeto" (Silva, 2011, p. 122), procurei realizar um planeamento e desenvolvimento do projeto tendo sempre em conta a opinião das crianças e, uma vez que o tema não foi sugerido pelo grupo, apostei em

atividades do gosto das crianças nunca esquecendo quais os objetivos a atingir, mas que visassem a envolvimento do grupo na problemática em causa.

3. O PROJETO “SERMOS DIFERENTES É SERMOS IGUAIS”

(i) Início do projeto

Tal como já foi referido ao longo do presente relatório, a questão que foi desenvolvida no projeto de intervenção surgiu de uma necessidade do grupo pela identificação dos comportamentos das crianças, observados por mim e não, diretamente, dos interesses e curiosidades das mesmas. Desta forma, não existe um tema a ser investigado que resulte numa lista de questões, mas sim um projeto a desenvolver com objetivos mais direcionados para a formação pessoal, social e emocional, de forma a contornar os problemas existentes no grupo. Durante todo o projeto, mesmo desde a fase inicial, sempre existiu uma enorme partilha de experiências e conhecimentos sobre os temas trabalhados dentro da questão/problemática do projeto. Isto porque, tendo em conta a especificidade da questão, numa primeira fase contei uma história às crianças relacionada com a aceitação do outro independentemente das diferenças, fazendo de seguida o registo do que foi dito (Anexo C). Foi a partir deste registo, juntamente com os objetivos definidos que construí a teia do projeto, procurando responder às questões “O que quero atingir?” e “Como vou fazer?”, orientando assim o trabalho a desenvolver. Para além disso, a organização do trabalho através da teia promoveu a articulação das várias áreas de conteúdo, tendo por base, aquilo que as crianças sugeriram que gostariam de fazer. Apesar de ao início ser complicado que, as crianças questionassem e que percebessem que poderiam e deviam ter um papel ativo durante o projeto, com alguma insistência da minha parte e alguma participação de crianças mais velhas e habituadas a esta metodologia, levou a que o restante grupo, gradualmente, participasse também.

A partir do momento em que, contei a primeira história e registei o que as crianças disseram sobre a mesma, muitas foram as discussões sobre a questão, tendo sido constantes ao longo do projeto pelo que considero que foi uma mais valia para o

grupo (expressar a sua opinião). As dinâmicas utilizadas, principalmente para a envolvimento do grupo, uma vez que o tema não partiu deles, foi ouvir sempre a opinião das crianças, construir um planeamento com as mesmas e procurar estratégias que fossem do agrado do grupo e que levassem ao cumprimento dos objetivos definidos. Ainda acerca do planeamento, tal como afirmam Katz e Chard (2009), o facto do trabalho de projeto estar organizado em fases sequenciais, permite ao educador e às crianças identificarem as tarefas que lhes competem à medida que vão surgindo, permitindo assim uma distribuição de tarefas com base no que era negociado nas conversas de grande grupo. É, ainda importante salientar que, o nome do projeto foi escolhido pelas crianças tendo em conta o registo inicial da primeira história contada, tendo sido discutido em grande grupo o nome a atribuir.

Quanto à participação das famílias, apenas propus um desafio relacionado com a temática e, procurei através das crianças que [as famílias] tivessem conhecimento do trabalho desenvolvido. Acresce-se que o projeto esteve sempre exposto à entrada da sala. Desta forma, não considerei a participação da família muito ativa neste projeto, devido à particularidade do mesmo e aos meus objetivos.

No que toca à participação da equipa educativa, esta esteve sempre envolvida no projeto, principalmente a educadora, uma vez que por gestão organizacional da instituição, a auxiliar esteve várias vezes ausente. Procurei, sempre, dar a conhecer à educadora cooperante o desenvolvimento do projeto, sendo todas as ideias previamente discutidas com ela, após uma discussão com as crianças.

Quanto aos materiais e instrumentos, o registo inicial feito pelas crianças foi exposto na sala, e foi explicado ao grupo que tudo o que fosse realizado no âmbito do projeto, seria exposto naquela zona.

(ii) Desenvolvimento do projeto

Finda a primeira fase do projeto, deu-se início à segunda, que decorreu na primeira semana, após o dia em que se iniciou o mesmo.

O desenvolvimento deste projeto foi organizado de forma a levar as crianças a terem pensamentos críticos e de reflexão sobre alguns dos comportamentos por elas manifestados e, permitindo a discussão dos mesmos em grande grupo. Ainda que seja expectável e esperado que nesta metodologia o trabalho de projeto, sejam as crianças

que “antecipam atividades, tarefas, recursos e documentação que necessitem” (Costa, Neves & Pequito, 2014, p.227), considero que este projeto começou e foi mais orientado por mim, devido à sua especificidade. Facilmente as crianças foram envolvidas, provavelmente pelas estratégias por mim encontradas. Desta forma, arranjei estratégias para um maior envolvimento das crianças e que as levassem ao cumprimento dos objetivos. A principal estratégia encontrada foi o recurso a histórias, tendo contado várias histórias, com diferentes temáticas mas todas relacionadas com a questão do projeto. Após o conto das histórias, com base na discussão sobre a mesma e sobre o que podia ou não ser feito, foram realizadas várias atividades (umas propostas pelas crianças, outras por mim). Nestas discussões era privilegiado a partilha de vivências entre criança-criança e criança-adulto, uma vez que por várias vezes as crianças contribuíam para a discussão com exemplos já acontecidos noutros contextos. Outra estratégia por mim encontrada, foi a realização de dinâmicas de grande grupo que promovessem o sentido do respeito, da atenção e da aceitação do outro. Para isso, fiz jogos que visassem os objetivos propostos: jogos que envolvessem as crianças tocarem-se para perceberem que todas as crianças são iguais e têm direito às oportunidades, jogos que levassem as crianças a olharem-se e pensarem o que cada uma significava para elas e jogos que permitissem às crianças estarem calmas e refletirem sobre algo. Todas estas dinâmicas tiveram sempre o objetivo de “brincar” pois só assim é possível que as crianças se envolvam (Anexo D). Apesar destas dinâmicas não terem sido pensadas pelas crianças, estas mostraram muito entusiasmo e pediram várias vezes para as repetir, o que mostra que, “a maior parte das crianças entre os 3 e os 8 anos ainda reagem prontamente às ideias dos adultos, contribuem prontamente para o trabalho de grupo e experimentam com entusiasmo novas competências.” (Katz e Chard, 2009, p.8)

Para além do que foi referido, foram realizadas várias atividades sugeridas pelas crianças na área da Linguagem, Comunicação e Escrita através da construção de um jornal onde eram relatadas as notícias das histórias que as crianças consideraram mais importantes, a construção de um registo de significados onde colocámos as palavras novas aprendidas e a construção de um livro de uma história. Estas atividades foram sugeridas pelas crianças, tendo em conta as diferentes histórias contadas e aquilo que mais interesse lhes suscitava. Apenas a construção do livro contou com a participação de todas as crianças do grupo, sendo que as restantes atividades mencionadas foram divididas por pequenos grupos criados na discussão de

tarefas (Anexo E). Existiram ainda objetivos subjacentes a todas as propostas feitas pelas crianças. Apesar de não ser esquecido o objetivo principal, procurei sempre interligar as áreas de conteúdo e neste caso, aproveitei as questões da construção dos jornais para fazer uma relação com os jornais existentes, falando sobre a sua estrutura. Em todos os trabalhos é ainda visível o contributo das crianças mais velhas, com a escrita de algumas palavras, escrevendo eu primeiro e as crianças copiando de seguida. Procurei que em todas as atividades existisse o maior contributo das crianças, independentemente da natureza do trabalho, de forma a que elas se sentissem importantes no desenvolvimento do projeto.

Na área da Expressão Plástica foram ainda abordados os conteúdos da consciência da figura humana, através da construção de retratos das crianças. Como é expectável não foi este o principal objetivo, mas complementou. Para as crianças mais velhas (4/5 anos), deixei escolherem pares livremente e coloquei-as frente a frente com uma folha e lápis para se desenharem. No fim, pedi-lhes que dissessem o que viam no colega tendo escrito no retrato o que foi dito. Para as crianças mais novas (3 anos), pedi-lhes que se sentassem em frente ao espelho, que se observassem e mais tarde se desenhassem no papel tendo em conta o que viram. (Anexo F).

Na área da Expressão Musical, foi possível abordar uma canção sobre a amizade, ainda relacionado com a questão do projeto e após o conto duma história sobre o mesmo tema. As crianças adoram canções, pois por vários momentos pediram-me para cantá-las ou simplesmente para colocar no rádio, inclusive enquanto estavam a realizar alguns trabalhos ou em momentos de brincadeira.

Todas as estratégias e atividades encontradas durante o projeto de investigação foram ao encontro da área de conteúdo mais abordada ao longo do mesmo – Formação Pessoal e Social. É ainda importante salientar que, apesar de não estar diretamente relacionado com o projeto, implementei a medalha do “Responsável de Sala”, para reforçar o papel destas crianças na sala e para as próprias crianças perceberem a importância da função. Para além disto, nas atividades diárias ou em momentos de brincadeira, aquando da ocorrência de conflitos ou de comportamentos incomuns, estes eram alvo de reflexão e discussão, num momento de grande grupo. Procurei sempre que possível, conseguir conversar com as crianças de forma a promover momentos de reflexão e pensamento crítico para que, as próprias crianças conseguissem arranjar soluções para os problemas e percebessem a importância destes momentos. Ainda relacionada com esta área de conteúdo (e

também relacionada com outras), as crianças construíram estrelas da amizade de forma a dar a um amigo/a. Desta forma, foi criado um momento de partilha entre todas as crianças, fazendo articulação com algumas áreas, uma vez que por várias vezes existem alguns conflitos neste sentido (partilhar o objeto). Foi, também, construída uma estrela em grandes dimensões onde as crianças não só ilustraram a sua conceção de amizade, como também contribuíram com algumas frases sobre o seu significado da amizade.

Quanto à organização do ambiente educativo, este manteve-se igual. Contudo, tive a oportunidade de em conjunto com a educadora cooperante, arranjar um espaço da sala onde pudesse expor os trabalhos das crianças, bem como tudo o que foi sendo feito ao longo do projeto (Anexo G). Esta exposição permanente possibilitou que as crianças tivessem contacto com os seus produtos sempre que quisessem e deu a oportunidade de frequentemente remetermos as discussões em grande grupo para aspetos que já tinham sido abordados e que estavam expostos. A organização deste espaço foi orientada por mim, até porque existiam algumas limitações. No entanto, cada vez que algo era exposto nesta zona, conversava primeiramente com as crianças para que estas tivessem conhecimento e também para ouvir as suas opiniões sobre a disposição, tendo, por vezes, feito algumas alterações. Esta exposição possibilitou ainda a observação por parte da restante comunidade educativa e das famílias, pois a área destinada ao projeto era junto à porta da sala.

(iii) Divulgação do projeto

Após o desenvolvimento do projeto, torna-se importante divulgar à comunidade aquilo que foi sendo realizado no decorrer do projeto. Importa ainda salientar que, em minha opinião, e tendo em conta a importância do tema do projeto, para o grupo de crianças em questão, este devia ser continuado pela equipa educativa, até porque alguns dos objetivos definidos para a ação são transversais e estão relacionadas com as competências individuais de cada criança. Por isso, considero que apesar de existir uma divulgação para dar a conhecer o que foi feito não considero que esse projeto tenha tido um término.

Contudo, tal como afirma Katz & Chard (2009), as crianças nesta fase, “podem convidar os pais e os colegas para virem ver o seu trabalho e contarem como o

fizeram, explicarem o que aprenderam e como aprenderam, e os procedimentos que utilizaram para levarem a investigação a bom termo” (p.106).

Sendo assim, questionei as crianças sobre a forma como gostariam de divulgar o seu projeto e para quem. Da discussão chegou-se à conclusão de que se deveria ir a cada sala mostrar os produtos e comunicar o que aprenderam. Sugeriram ainda a realização de uma exposição no átrio da escola para toda a comunidade educativa.

Quanto à organização das informações recolhidas e dos produtos construídos pelas crianças sugeriram a construção de pequenos livros com os produtos das crianças e a colocação de materiais de grandes dimensões nas paredes. Foi, ainda, sugerido cantar às crianças do JI a canção aprendida bem como criar um local onde as famílias pudessem dar o seu parecer.

Apesar de todas as informações referidas sobre a divulgação, até à data de entrega do presente relatório, esta ainda não tinha acontecido. Ainda assim, houve oportunidade para discutir com as crianças a melhor forma de o fazer bem como de prepará-la.

(iv) Avaliação do projeto

Depois do projeto concluído bem como a sua divulgação, tal como defende Katz & Chard (2009), “Na conclusão de qualquer projecto é útil para as crianças e para o educador de infância reflectirem” (p.190). É importante refletir não só o que correu bem como também aquilo que poderia ter sido concretizado de outra forma. Esta avaliação é útil para todos os intervenientes do projeto, neste caso para mim enquanto educadora-estagiária, para a equipa educativa cooperante e para as crianças.

À semelhança da divulgação, a avaliação do projeto apenas irá ocorrer após a entrega do relatório. Contudo, já tenho delineada a forma como esta irá ser feita.

No que toca ao grupo de crianças questioná-las-ei sobre o que mais e menos gostaram e, ainda, quais as aprendizagens realizadas. Os contributos das crianças serão registados, tentando ao máximo que todas as crianças participem. É de salientar que, uma das formas de avaliação pode ser a divulgação através da qual o educador tem percepção daquilo que o grupo de crianças tem conhecimento ou não. Quero, ainda, referir que, após as duas semanas de interrupção lectiva (duas semanas sem estar em contacto com o projeto, acrescentando as semanas anteriores devido às

comemorações do Natal), tive uma conversa em grande grupo onde foi possível fazer uma avaliação intermédia do projeto (Anexo H) , de forma a perceber o que as crianças ainda se lembravam, se ainda estavam despertas para a questão bem como o que gostariam de fazer.

Relativamente à avaliação das famílias, uma vez que estas não irão assistir à divulgação do projeto, até porque não é metodologia da instituição, não avaliaram o projeto de forma notória. Contudo, na reunião de avaliação no mês de janeiro, onde foi apresentado o projeto, foi referido pelas famílias que as crianças iam para casa falar do mesmo e até queriam implementar com as famílias algumas das dinâmicas realizadas na sala de atividades. Para além disso, em algumas conversas informais com alguns encarregados de educação, fui tendo um feedback muito positivo sobre o projeto e sobre as aprendizagens adquiridas pelas crianças. Tenho, ainda, como intenção criar um espaço na exposição, onde será possível deixarem a opinião sobre o projeto.

Quanto à avaliação que faço do projeto, apesar de ainda não o ter concluído, considero que vai ao encontro da necessidade do grupo, já observando algumas melhorias em alguns aspetos. Considero que potencio muito a participação das crianças, escutando-as a todos níveis e procurando ir ao encontro das necessidades, interesses e curiosidades. Nesta linha de pensamento, julgo que as aprendizagens tem sido significativas porque reflectem-se na postura e comportamentos das crianças.

Por fim, a avaliação com a equipa educativa foi sendo feita ao longo do projeto através da partilha de ideias e sugestões de melhoria. Para além disso, espero no final conversar com a equipa cooperante de forma a perceber o que podia melhorar e também compreender se consideraram produtivo o trabalho desenvolvido.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de tudo o que foi relatado anteriormente sobre o projeto de intervenção bem como os objetivos e intenções definidas inicialmente, é altura de refletir sobre tudo, dando ênfase às aprendizagens e interações entre as crianças ao longo do projeto.

De uma forma geral, considero que os objetivos e intenções foram atingidas, apesar de alguns ainda precisarem de uma intervenção mais prolongada. É importante

salientar que, atendendo à questão do projeto, as melhorias significativas não serão visíveis a curto prazo mas sim a longo prazo, pelo que é um tema que deve ser continuado com o grupo de crianças, pois a partir do que já foi concretizado, existem inúmeras temáticas a trabalhar.

O facto de o projeto ter surgido através da educadora-estagiária, podia ter sido um das dificuldades na medida em que as crianças pudessem não se envolver. Contudo, a envolvimento e interesse pela questão do projeto foi notória, sendo as crianças várias vezes a questionar e partilhar as vivências. A importância deste projeto para as crianças foi elevada, porque permitiu uma melhoria nas interações entre crianças, a discussão de perspetivas diferentes sobre a questão, uma vez que esta está relacionada com o lado emocional de cada criança. Para além disso, considero que ajudou as crianças na formulação do pensamento tanto ao nível dos comportamentos como na resolução de problemas. Inicialmente, as crianças mostravam alguma dificuldade em fazê-lo, contudo, foi sendo ultrapassado.

Tendo conta a questão do projeto, foi notória a diferença das crianças ao longo do período da PPS. Ainda assim, é importante salientar que, após a interrupção letiva observei algumas alterações na postura e comportamentos de algumas crianças, dando-me a entender que nesse período de tempo, algumas das aprendizagens foram esquecidas. Contudo, aquando do meu regresso, conversei com as crianças de forma a mostrar-lhes que é importante agirem de acordo com o seu pensamento e aquilo que aprenderam, mesmo que eu não esteja presente.

Refletindo acerca do papel do(a) educador(a) enquanto mediador(a) do processo da metodologia de trabalho projeto com as crianças, destaco como principal função do adulto a de orientar e ser um guia, deixando de ser o detentor principal do projeto (Silva, 2011). Desta forma, não formula os objetivos antecipadamente, mas formula suposições do que pode acontecer, com base no conhecimento das crianças e da sua forma de abordar os desafios.

Considero que este é um longo caminho que ainda existe para percorrer, sendo que é a partir das minhas próprias reflexões sobre a prática que chegarei a uma prática de qualidade pois tal como afirma Sá Chaves (2002) “o professor é, também ele, um aprendente que no lugar das certezas instala uma atitude de dúvida para poder permanecer crescendo” (p.139).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Costa, I., Neves, I. & Pequito, P. (2014). Problematizar a metodologia de projeto articulando e avaliando aprendizagens. Atas do vi encontro do cied - i encontro internacional em estudos educacionais. Avaliação: desafios e riscos (pp. 223-240). Lisboa: escola superior de educação de lisboa.
- Ferreira, M. (2004). «a gente aqui o que gosta mais é de brincar com os outros meninos!»– relações sociais entre crianças num jardim de infância. Porto: edições afrontamento.
- Katz, I. & Chard, s. (2009). A abordagem por projectos na educação de infância. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Ministério da Educação. (2016). Orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar, Lisboa: ME.
- Oliveira-Formosinho, J. & Formosinho, J. (2013). A perspetiva educativa da Associação Criança: A Pedagogia-em-Participação. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), Modelos Curriculares para a Educação de Infância. (pp.25-60). Porto: Porto Editora.
- Portugal, G. (s.d.) Avaliação e desenvolvimento do currículo em educação pré-escolar
- Rosa, M. & Silva, I. (2010). Por dentro de uma prática de jardim de infância - a organização do ambiente educativo. In centro interdisciplinar de estudos educacionais (ed.), da investigação às práticas: estudos de natureza
- Silva, M. (2005). Projetos e aprendizagens. In areal editores (ed.), comunicação ao 2º encontro de educadores de infância e professores do 1º ciclo. Porto: Areal Editores
- Silva, M. (2011). Das voltas que o projeto dá.... Da investigação às práticas: Ministério da Educação

Vasconcelos, t. (coord.) (2011). Trabalho de projeto como “pedagogia de fronteira”. Da investigação às práticas

ANEXO D. Portefólio Individual da Criança





Olá!

Eu sou [redacted] tenho 11 anos e
faço os 7 anos dia 1 de Dezembro.

Sou um bocadinho alto e fofinho. A minha mãe diz fofinho a mim e
também ao Vasco. O meu cabelo é [green circle] e os meus olhos são um bocadinho
[blue circle], tal como o Vasco.

Sou feliz! Sou alegre! Fico contente quando vou de férias e às vezes meço
uma [blue square] porque me postei bem.

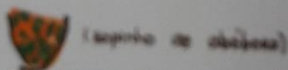
Eu sou engraçado por causa do meu [smiley face] e engraçado e deu-me uma
prenda.

O meu pai e a minha mãe e, também o Vasco estão contentes porque eu
assumo tudo e ajudo a fazer a sopa e a cozer as coisinhas, como um omelete.
E ajudo, também, a assumir umas coisas com a

Gosto de jogos e adoro fazer adivinhas. Gosto da minha mãe, do meu pai
e do Vasco. Adoro desenhos coloridos com a minha família. Gosto de estar de
férias e gosto de brincar com a minha família e os meus

No escola, gosto de brincar nas brincadeiras. Adoro brincar muito, muito
com os meus amigos. Adoro quando o Pai dá-me umas prendas. E adoro os
meus pais porque são fofinhos.

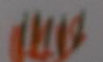
A minha comida preferida é pizza e [vegetables] e, adoro




(brinco de família)



(vegetais)



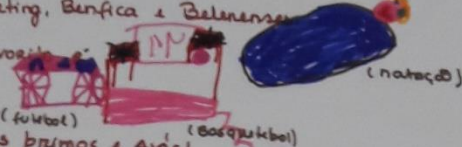
(pizza)

Não gosto de pimenta porque pica a  (língua)

Não gosto que o meu pai deite os brinquedos no lixo.

Adoro os clubes Sporting, Benfica e Belenenses

O meu desporto favorito



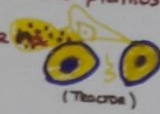
(futebol)

(natação)

(esqui aquático)

Adoro todas os meus primos e Avós!

Gosto de andar



(bicicleta)

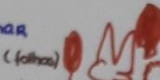
do meu avô e também na



(carrinho)

Adoro trabalhar coisas giras como fazer máscaras do cuquedo, as pijamas e pinturas com guache.

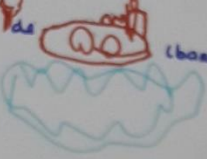
Gosto de apontar



(folhas)

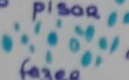
com a minha mãe no Parque das Nações.

E também gosto de andar de



(barca)

Adoro pisar



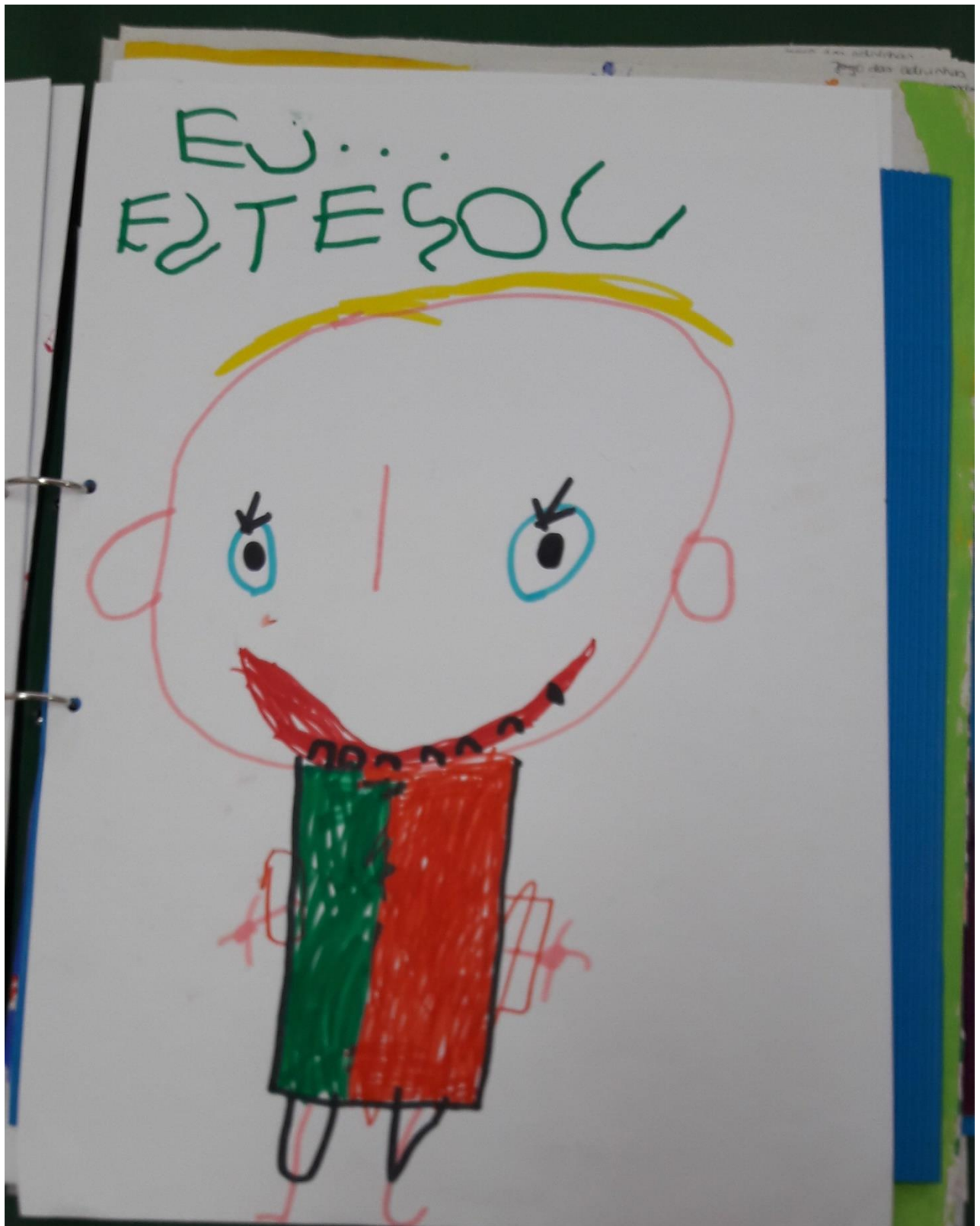
(poças de água)

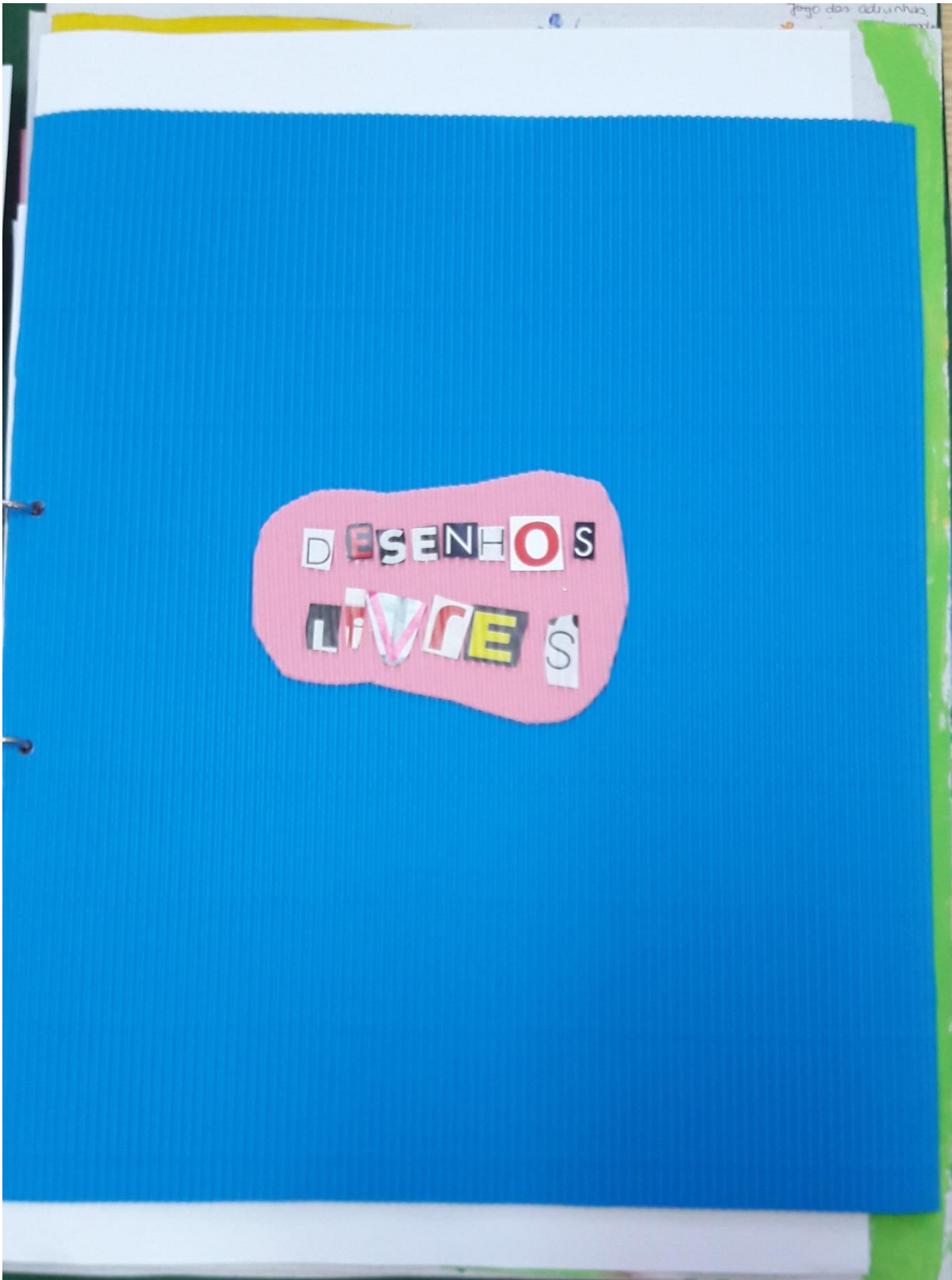
Adoro fazer

RA GCP
DIO

(letras)

ESTE Sou Eu ...





OCUQUEDO

O DEUQUECO
BUUUU
OO!



"FIZ ESTE DESENHO PORQUE ADORO A HISTÓRIA DO CUGUEDO
PRINCIPALMENTE QUANDO A CANTA NOS ASSUSTAVA."

ESTAÇÕES DO ANO

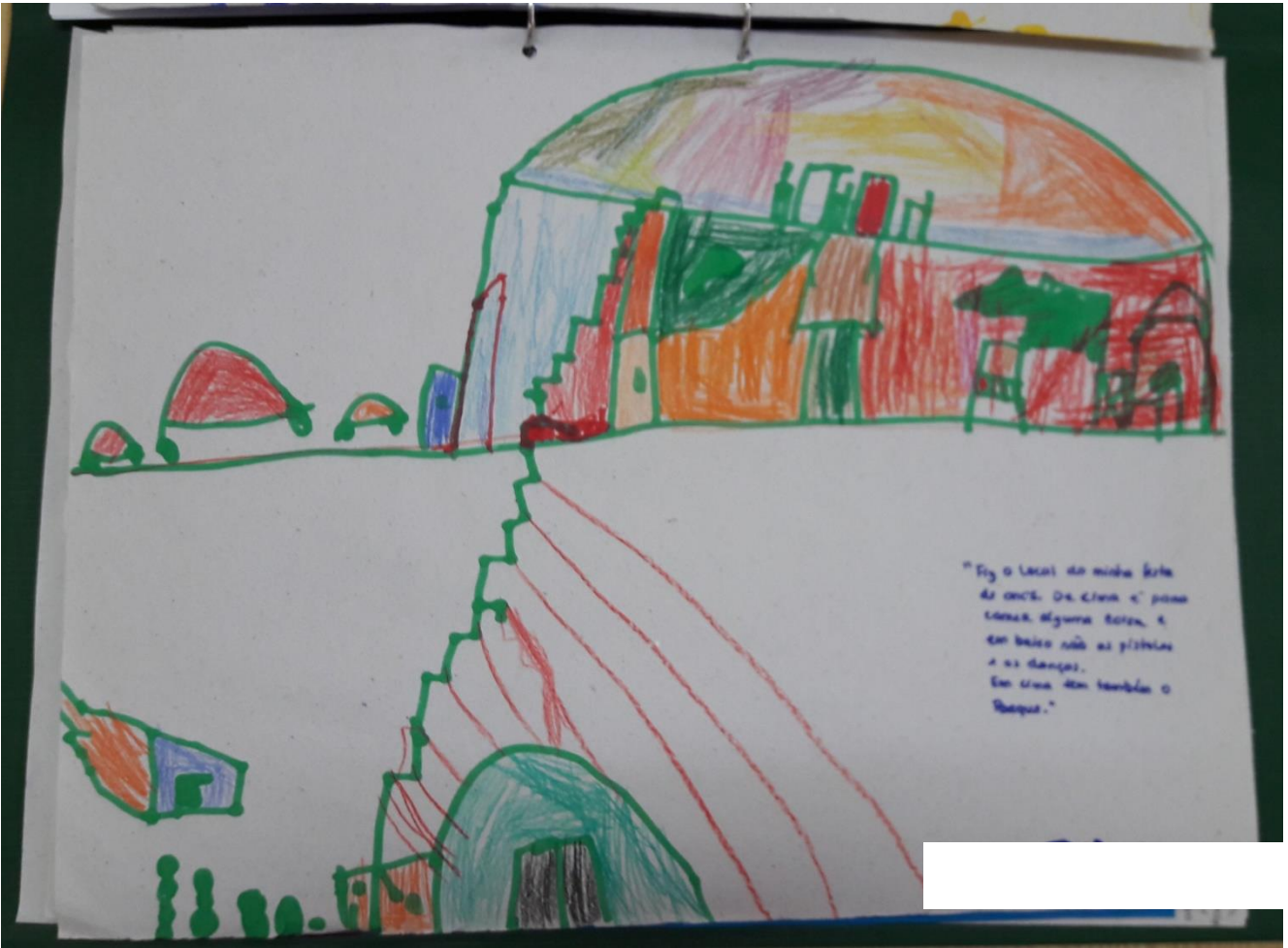


"Fiz este desenho para saber as
ESTAÇÕES DO ANO"

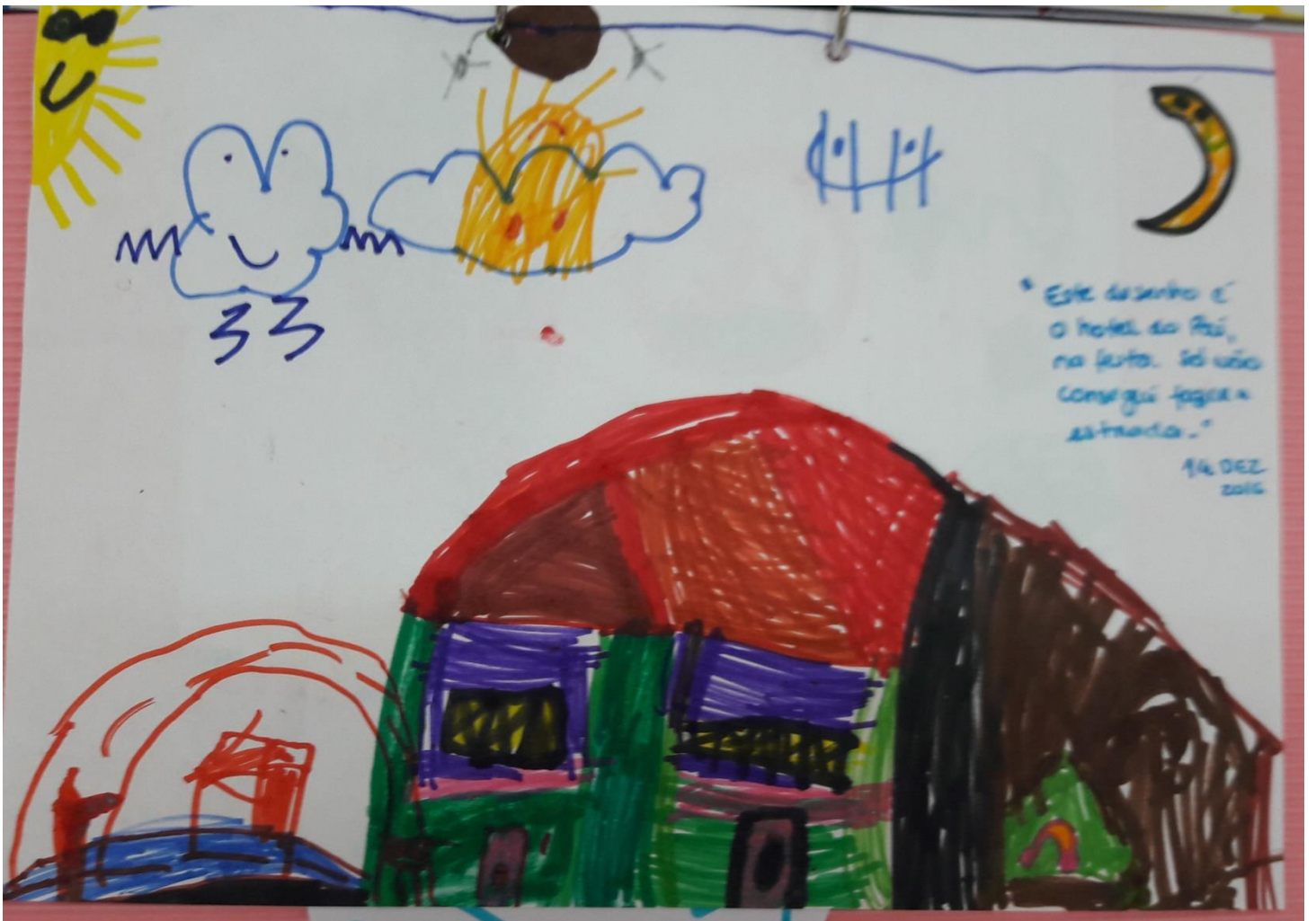
[Redacted]
DATA
NOVEMBRO

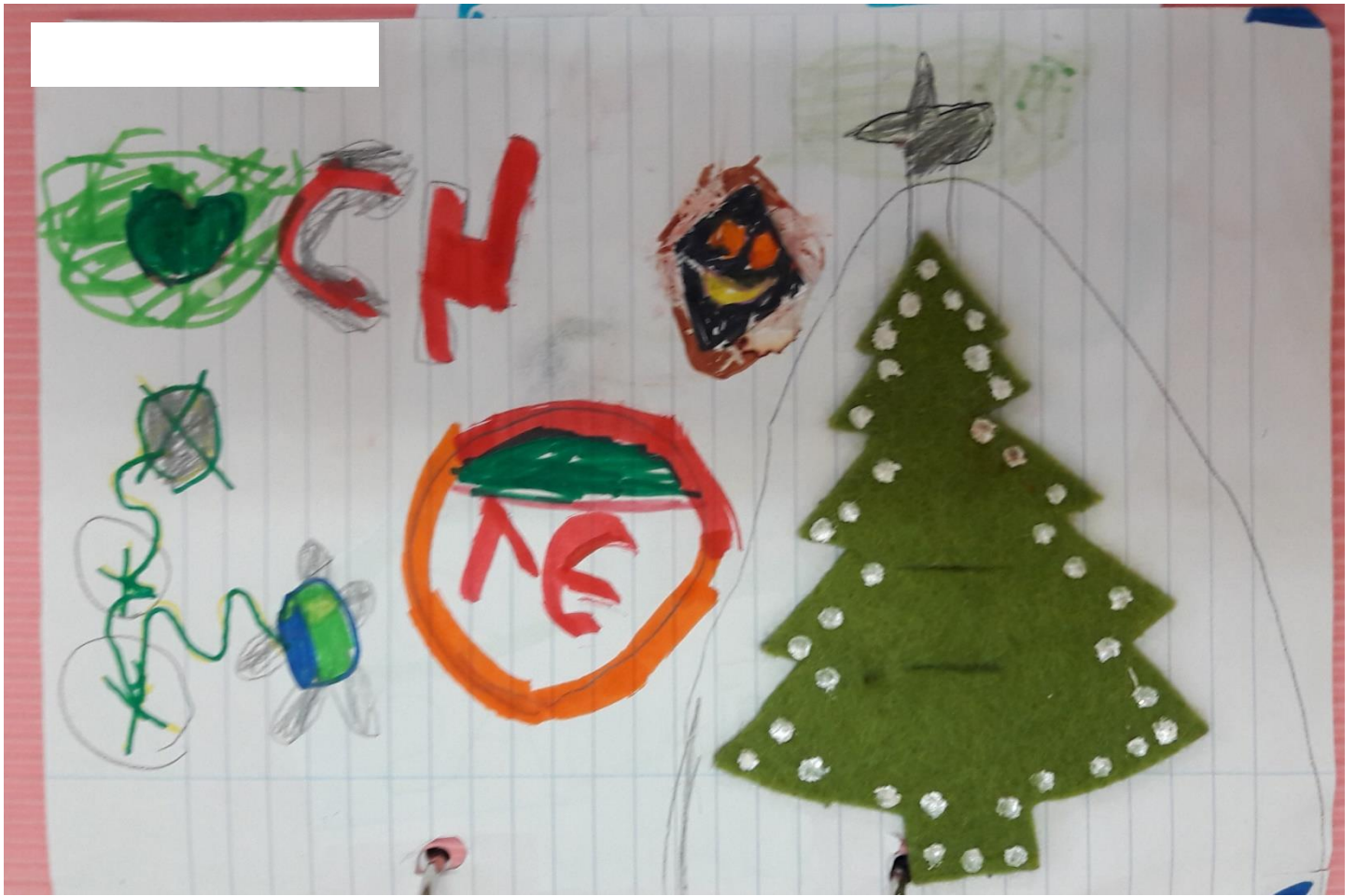
"Fiz este desenho
porque adoro
a minha
casa"

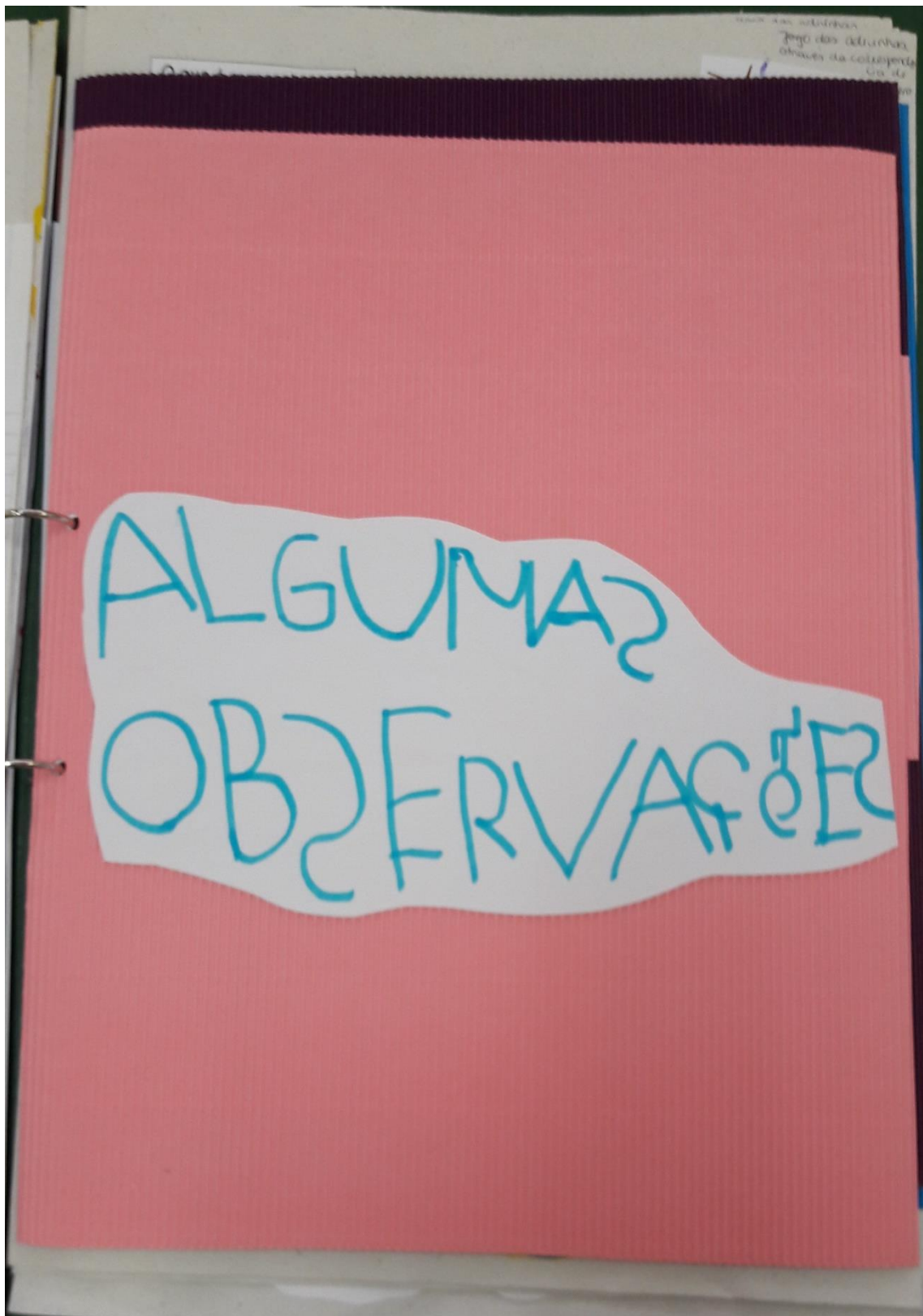




"Fig o local do minha festa
de dança. Da. Klam e" poma
cansa alguma festa. e
em baixo são as piscinas
e as danças.
Em cima tem também o
"Baquet."







Enquanto estava na
Biblioteca, a Côtia contou-me
uma história com recurso
a uns fantoches.

Mostrei-me muito atento,
bem disposto e aprendi
como fazer.

11. out. 16

Depois de ter estado 2 dias ausente, trouxe para a escola morcegos elaborados por mim juntamente com a minha mãe.

Apesar de não ter conseguido trazer para todos, partilhei com alguns amigos ficando combinado trazer para os outros.

9. NOV. 16

"Hoje, estive com o **Pedro** a iniciar o portefólio. Para isso, pedi à cariança que fizesse a sua apresentação.

O discurso do **Pedro** foi muito rico em informações sobre ele.

O **Pedro** mostrou-se muito empenhado e divertido a falar sobre si."

21. Nov. 2016

"No acolhimento, quando o Vicente chegou à sala, depois de ter estado ausente dois dias. O Pedro foi ter com ele e gritou: "Abraçinho, abraçinho!"

O Pedro é uma criança que brinca com todas as outras crianças do grupo, pelo que gosta de demonstrar carinho pelos seus amigos."

22. NOV. 2016

" O Pedro veio-me pedir para fazer o portefólio porque gostava das atividades que estavam preparadas. Expliquei-lhe que naquele momento não podia, mas que a tarde seria possível. De seguida, a Ceianco disse que ia fazer um desenho para colocar no portefólio, tendo pedido para ir buscá-lo para anexar o desenho."

12. Dez. 2016

" O Pedro e a Diana Regressaram à instituição após algumas Semanas ausentes. Como seria de esperar, traziam imensas novidades para contar.

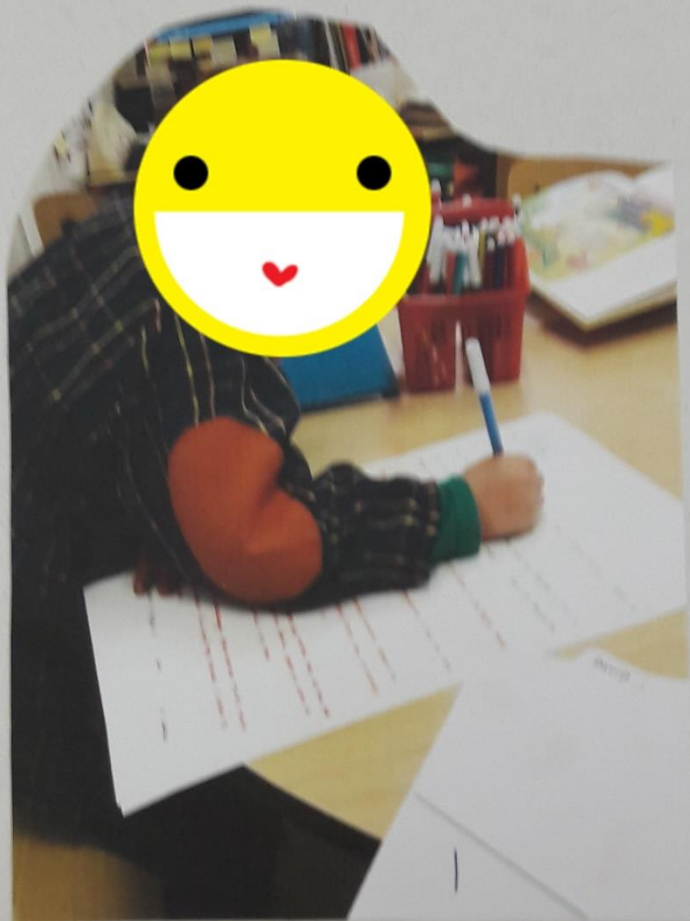
O Pedro contou imensas novidades da casa dos avós! "

9. Janeiro. 2017

FOTOGRAFIA-
FIAS







O Pedro A FAZER A SUA APRESENTAÇÃO
PARA O PORTFÓLIO.
SEMPRE CONCENTRADO E ATENTO! 😊



0 Pedro NA ÁREA DAS CIÊNCIAS
A EXPLORAR O LIVRO "AQUI HÁ CIÊNCIA".

"Quero fazer outro pinguim"



"Tenho saudades do meu Pinguim".







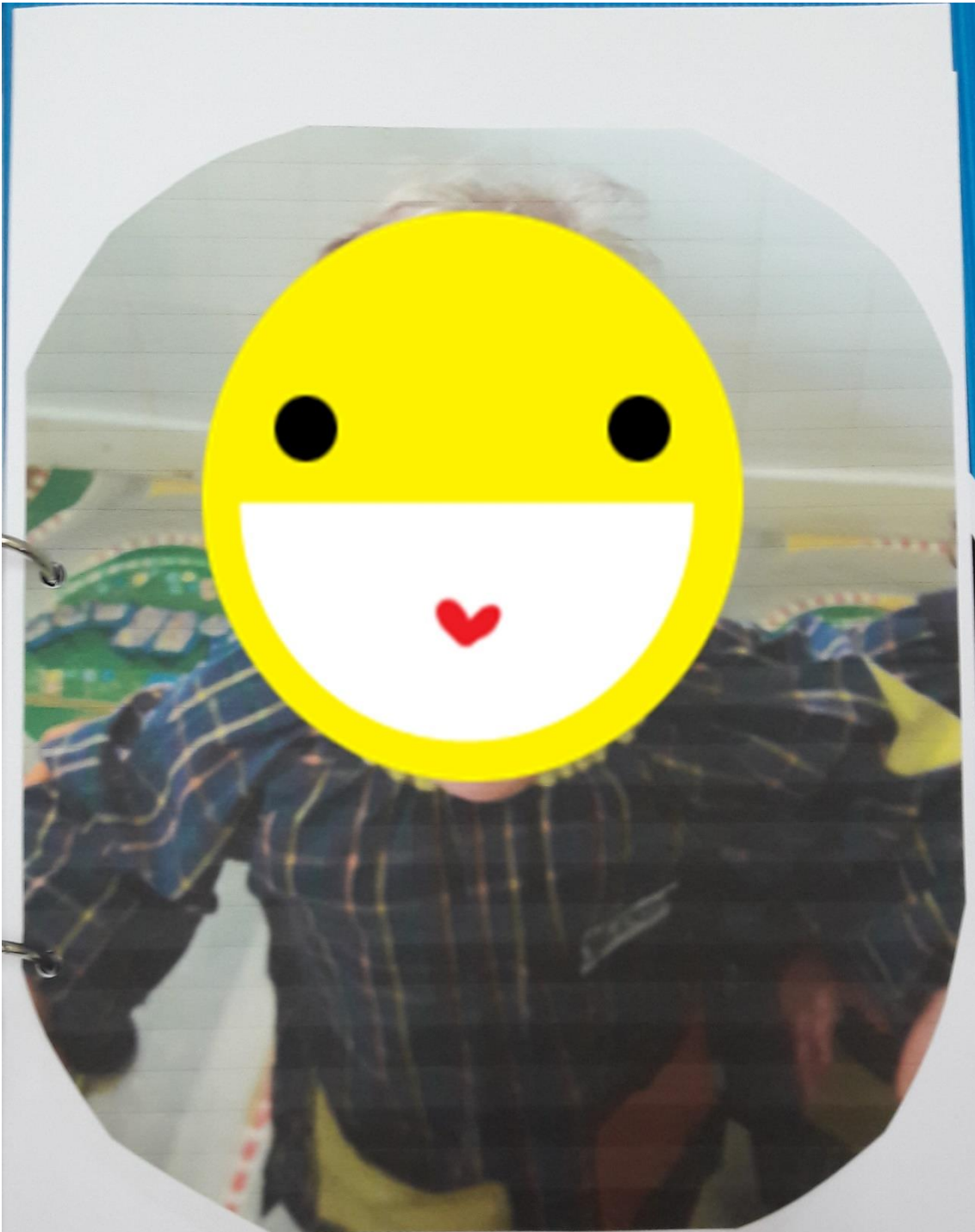
^ O Retrato do **Pedro**

9.01

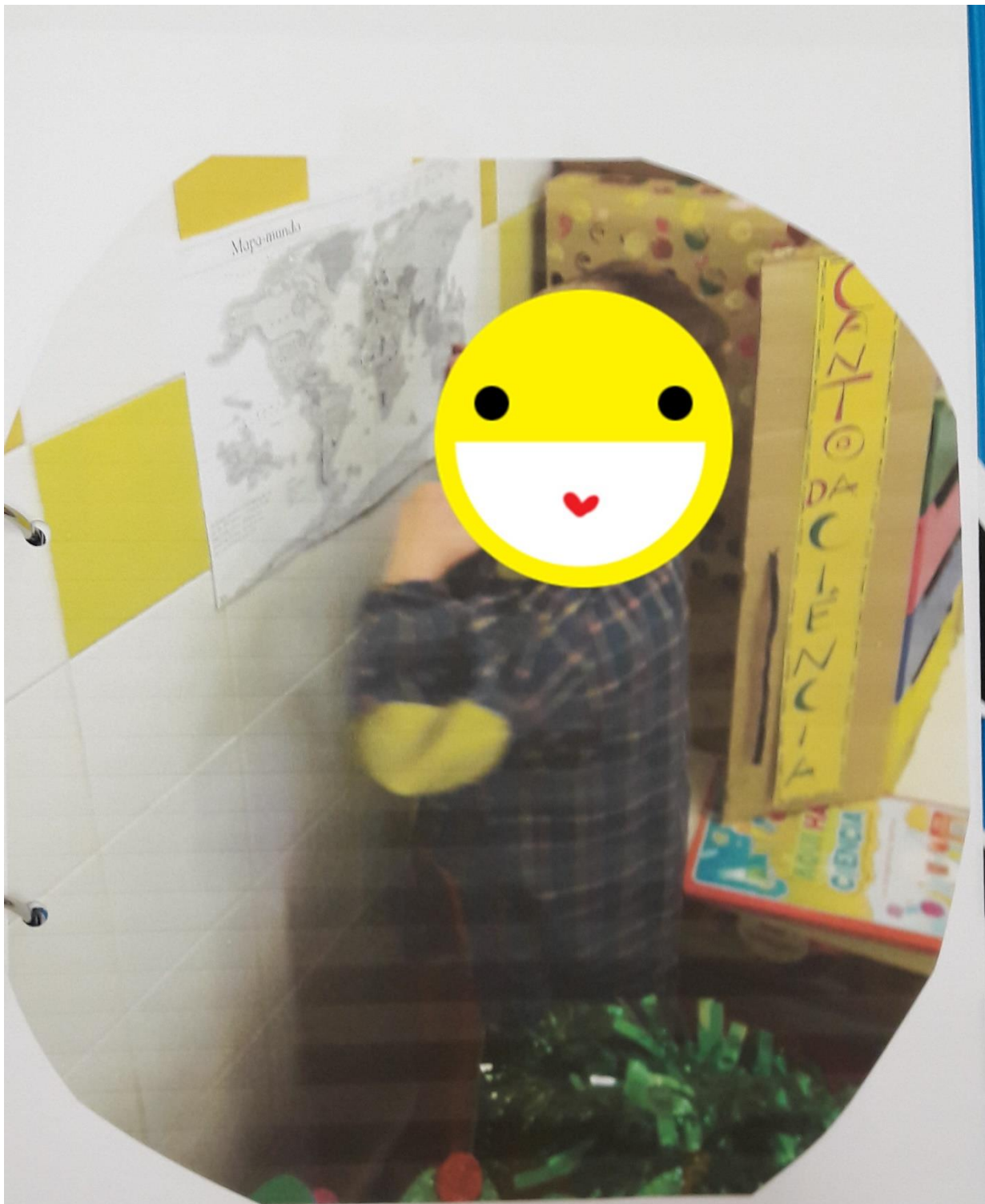


"AQUI ESTAVA A FAZER AS ORELHAS DO RINOCERONTE
PARA A HISTÓRIA DO CLOUEDO. GOSTEI DE QUANDO
FIZESTE 'BU' NA HISTÓRIA."

9.0



"Estava a fazer a Casa de Extraterrestres"



"Estava a ver o mapa do Mundo. Estava a ver onde era Portugal e o país da Mãe."



* Aqui estava o faze o foto do Cuquedo. Sou um Rinoceonte. Gostei muito de fazer este foto do Cuquedo. *

U que é que anda para



mais pequeno é?

Jogo das adivinhas
chaves da coluneta
do dia
maiores

O que é que anda para os lados?



O que será, que fala e ouve, mas não é pessoa?



Qual é coisa qual é ela quanto mais alta mais se consegue ver?



Qual o animalzinho que traz sempre a casa às costas?



Qual é coisa qual é ela que se veste no Inverno e se despe no Verão?



Branco é, Galinha o põe... O que é?



Qual é coisa, qual é ela, que quando seca fica molhada?



Qual é coisa qual é ela que quanto mais se afia mais pequeno é?



Branco é,
Galinha o põe...
O que é?

OVO



Qual é coisa, qual é ela,
que quando seca fica
molhada?

TOALHA



Qual o animalzinho que
traz sempre a casa às
costas?

CARACOL



O que é que anda para
os lados?



CARANJEIRO

Qual é coisa qual é ela
quanto mais alta mais
se consegue ver?

LNA



O que será, que fala e
ouve, mas não é
pessoa?



TELEFONE

Qual é coisa qual é ela
que se veste no Inverno
e se despe no Verão?



ÁRVORE

Qual é coisa qual é ela
que quanto mais se afia
mais pequeno é?

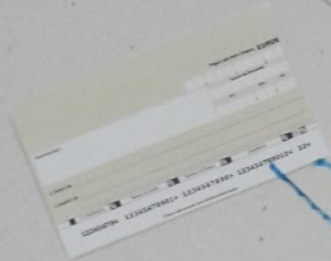


LAPIS

Eu gosto muito.
Eu penso que o
deveria ser mais
utilizado o certo
tempo. Assim seja.
Alguns que no lugar
da sua terra não
querem.

12/03/2016

Associação de palavras para o som da letra "C".



"Gosto de fazer, apressa de fazer. Consegue fazer voltar a fazer. Apenas que há palavras com o mesmo som!"

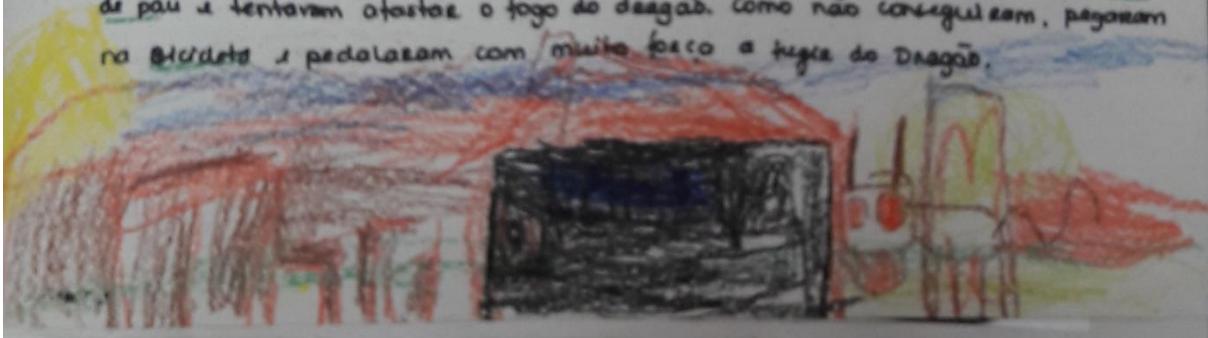


Legenda
— som "C" ou "ç"
— som "ca" ou "ça"

A parte das imagens, constrói uma história.



Estava um belo dia de sol quando apareceu um dragão que se chamava Dragão Robot. As crianças que se chamavam Vânia e João estavam a brincar na casa deles. Os pais das crianças estavam a fazer um picnic junto de uma árvore num jardim. As crianças, de seguida, foram para o espaço de brincadeira levando os legos com eles. Mas todos, os pais que estavam no picnic encontraram o dragão. Os pais assustaram-se, pegaram na colcha de pau e tentavam afastar o fogo do dragão. Como não conseguiram, pegaram na bicicleta e pedalarão com muito força a fuga do Dragão.



Qual a pessoa que quando trabalha deixa qualquer um de boca aberta?

Estou sempre de verde
De Inverno e de Verão
Brilhantes de luzes
Vocês me acharão
No mês de natal
Quem sou eu afinal?

No Inverno tenho frio
Nas mãos e nos dedinhos.
Adivinha o que os tapa,
Tê-los-ás "muito quentinhos"

Qual é coisa, qual é ela, que tem uma perna mais comprida que a outra e noite e dia anda sem parar?

É bom para se comer, mas não se come assado nem cru, nem cozinhado, o que é?

Quando começa a fazer frio
Toda a gente vai comprá-los
Para estarem bem quentinhos
Nas cabeças vão usá-lo.







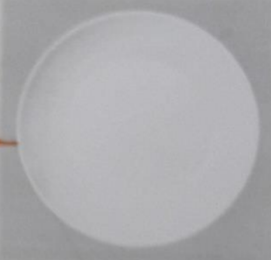




O que é o que é?
São sempre grandes amigos
Passam o dia se batendo
mas não fazem mal aos outros
embora vivam mordendo?

O que é o que é?
Ele é magro para chuchu,
Tem dentes mas nunca come
E mesmo sem ter dinheiro
Dá comida a quem tem fome.

Adivinha, adivinha, quem no rabo tem uma linha?

O que é que vira a cabeça de uma pessoa?

Qual é o bicho que anda com os pés na cabeça?

HOJE FUI EU QUE AJUZ CONSTRUIR

ADIVINHA?

Sou um animal
Tenho um pescoço muito alto
Vejo quase tudo
E tenho pintas castanhas.
Quem sou eu?



Sou um meio de transporte
Ando no céu
Levo muitas pessoas
E dou comida.
Quem sou eu?



Sou um animal
Tenho 4 patas
E uma boca diferente
Gosto de comer queijo.
Quem sou eu?

Sou um animal
Bem pequenino
Ando sempre no chão
E subo as paredes.
Quem sou eu?

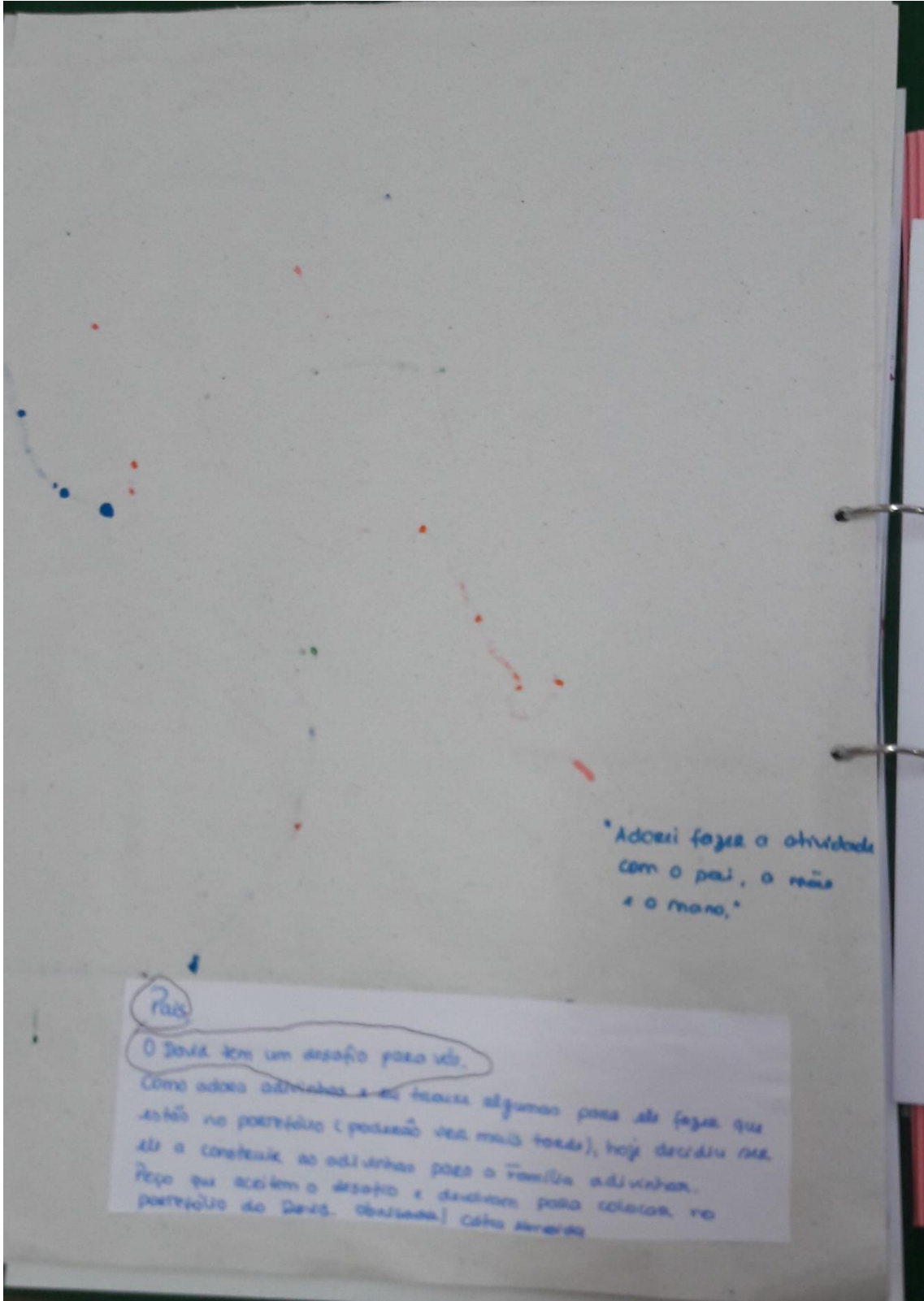
Sou uma pessoa pequenina
Gosto de brincas
Ando na escola a trabalhar.
Quem sou eu?

Sou uma coisa
Que protege as pessoas
Tenho um tamanho
E uma cor amarela.
Quem sou eu?

Sou uma coisa
Que as pessoas
Só usam a noite
Tenho uma cor
Que as pessoas
Quem sou eu?

Sou um boneco
Que ando na
sua casa.
Sou amigo da
Pai e da Mãe.
Quem sou eu?

Sou uma festa
Que acontece tanto, tanto
Faço muita diversão
E só acontece de dia.
Quem sou eu?



"Adorei fazer a atividade com o pai, a mãe e o mano."

Pais
O Davi tem um desafio para vc.
Como adoro adivinhas e eu tenho algumas para ele fazer que estão no portafólio (podem ser mais tarde), hoje decidi me atar a contá-las as adivinhas para a Família adivinha.
Peço que aceitem o desafio e dividam para colocar no portafólio do Davi. Obrigada! Célia Pereira

Considerações finais

Durante o meu percurso da Prática Profissional Supervisionada (PPS), foram notórios muitas interações do David para com as crianças do grupo bem como com os adultos. Pretendo com este portefólio, mesmo que não tenha tido oportunidade de registar todos os acontecimentos vivenciados pelo [redacted], dar a conhecer aquele que foi o percurso da criança durante estes dois meses (desde a autorização do encarregado de educação até ao presente dia). Para tal, vou fazer uma breve análise de acordo com o trabalho desenvolvido pela criança em conjunto com o adulto, com recurso às observações por mim realizadas bem como aos produtos elaborados pela criança, colocados no portefólio.

Iniciando a análise pelas produções elaboradas pelo [redacted] mais concretamente, ao nível dos desenhos livres, é notória uma diversidade e cuidado nos mesmos, tendo a criança a preocupação em desenhar algo relacionado com os temas abordados diariamente na sala de atividades. Para além disso, o [redacted] é uma criança que demonstra muita iniciativa e empenho nos desenhos que elabora, sendo a própria criança a propor, por diversas vezes, a elaborá-los para colocar no portefólio. É importante salientar, ainda, que o David tem adquirido o correto manuseamento dos diferentes materiais da educação artística, mostrando uma preferência pelas pinturas com tinta guache e desenhos construídos com canetas de filtro.

No que toca às fotografias presentes no portefólio, foram escolhidas por mim, questionando e escutando sempre a opinião da criança. Todos os comentários às fotografias foram proferidos pelo David, de forma a perceber, também, o que a criança tinha sentido aquando do momento ilustrado na fotografia.

Quanto às atividades propostas pelo adulto foi tido em conta os interesses e curiosidades da criança. Assim sendo, inicie as atividades através de um desafio de adivinhas, onde a criança demonstrou muito empenho e vontade de repeti-las. Foi realizado, também, atividades ao nível da linguagem, mais concretamente dos fonemas de forma a apelar à diferença de sons nas diferentes palavras. Associadas a estas atividades, esteve ainda conteúdos relacionados com a correspondência de imagens com texto. Em todas as atividades, o David mostrou muito entusiasmo na concretização, sendo ele próprio a propor novos desafios, que por mim foram respondidos (ex. ser a própria criança a construir adivinhas para levar para casa e fazer com a família).

De uma forma geral, todo o portefólio foi construído com o contributo e opinião da criança, sendo o adulto visto como um orientador do processo. O [redacted] foi uma criança muito responsável, sabendo que tinha este portefólio para construir e chamando várias vezes o adulto para o fazer. Para além disso, toda a organização e estética foi escolhida pela criança, dando o adulto algum contributo, nomeadamente no que toca à organização das informações.

Analisando, agora, algumas das observações feitas pelo adulto e que foram colocadas no portefólio, o [redacted] é uma criança sociável e que facilmente estabelece relações interpessoais, tanto com as crianças como com adultos. É uma criança autónoma e com elevada iniciativa, que procura encontrar brincadeiras e atividades do seu agrado. É muito perspicaz e percebe muito bem os desafios que lhe são lançados. Demonstra ainda, uma facilidade em interagir com todos os materiais da sala de atividades, passando por todas as áreas, incluindo aquelas que o grupo em geral costuma excluir (ex. a biblioteca). Para com os adultos, é uma criança que coloca diversas questões relacionadas com vários temas, procurando conhecer o mundo que o rodeia e, que procura, juntamente com o adulto, as respostas para as mesmas.

Em suma, considero que o [redacted] apresenta evidências de um desenvolvimento típico. Considero que é uma criança que precisa, diariamente, que lhe respondam às suas dúvidas, interesses e desafios mas que, acima de tudo, escutem com atenção o que tem para dizer. Este portefólio é uma prática que deve ser continuada com a criança, promovendo sempre as aprendizagens significativas e tendo sempre em conta o bem-estar da mesma.

Foi muito estimulante para mim, enquanto educadora-estagiária, trabalhar com o [redacted] lançar-lhe desafios bem como responder aos dele. Para além disso, proporcionou-me o contacto com esta técnica de avaliação, numa perspetiva do desenvolvimento e aprendizagem, em que saliento que o mais importante é a observação da criança em diferentes momentos, de forma a ser um cuidador responsivo, educando e ensinado mas nunca esquecendo o bem-estar da criança. Contudo, o mais importante, foi observar o envolvimento e empenho do David nas diferentes fases da construção do portefólio e, compreender a importância de estar com a criança individualmente.

Autorização

Eu _____

Encarregado/a de Educação de _____
autorizo/~~não autorizo~~ (riscar o que não interessa) a estagiária Cátia Almeida a realizar um portefólio de evidências do desenvolvimento e das aprendizagens com o meu educando/a, autorizando a mesma a tirar fotografias para o referido portefólio, salvaguardando a identidade do/a mesmo/a, através da ocultação do seu nome e rosto.

Este trabalho e fotografias serão apenas utilizadas para fins académicos (elaboração relatório final da Prática Profissional Supervisionada II – estágio) no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Lisboa, 16/11/2016

Encarregado/a de Educação